



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

Valentina Leivas Ghiggi

**UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE MULHERES QUE PRATICAM A CORRIDA
DE RUA: Questões de gênero e suas interseccionalidades no esporte**

Brasília - DF

2024

Valentina Leivas Ghiggi

**UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE MULHERES QUE PRATICAM A CORRIDA
DE RUA: Questões de gênero e suas interseccionalidades no esporte**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Moraes Teixeira.

Brasília – DF

2024

Valentina Leivas Ghiggi

**UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE MULHERES QUE PRATICAM A CORRIDA
DE RUA: Questões de gênero e suas interseccionalidades no esporte**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Sociologia pela Universidade de
Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Moraes
Teixeira.

Data da aprovação: DD/MM/AAAA

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Jacqueline Moraes Teixeira - Universidade de Brasília.

Prof. Dr. Enrico Spaggiari - Departamento de Antropologia - Universidade de Brasília.

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e me apoiaram, especialmente ao meu pai Roberto Ghiggi e à minha mãe Margaret Leivas. Tudo que sou, sou graças a eles.

AGRADECIMENTOS

São tantas pessoas a quem sou grata, confesso que essa parte é a mais difícil de escrever. Primeiramente gostaria de deixar registrado o meu eterno amor e gratidão a minha família, sem eles eu não seria a Valentina que chegou até aqui, em todos os aspectos possíveis. Obrigada mãe, pai, e meu irmão. Obrigada, Vitor, meu irmão e grande incentivador dos meus desejos, tanto no esporte quanto na vida. Meu pai que, sim, sou a filhinha do papai, ele que sempre fez tudo que pôde e o que não podia pra me ver feliz. E minha mãe, força de mulher, sinônimo de cuidado e amor, obrigada por tudo sempre. Obrigada à minha família que mora longe, mas sempre se fizeram tão presentes na minha vida, amo demais os Leivas e os Ghiggi. Agradeço também aos que, infelizmente, não puderam ver mais essa conquista, mas que eu sinto o amor e a presença no meu coração.

Obrigada às amigas às “Vivendas”, Helena, Nina e Mariana. Obrigada às “Goxtozas” Laura, Manuela, Raissa, Julia, Sofia e Estêvão. Essas amigas são fruto da infância e da adolescência, mas que mesmo agora na fase adulta cuidamos e mantivemos nosso carinho, obrigada por estarem comigo em tantos momentos e sempre acreditando em mim! Não poderia deixar de agradecer às amigas que cultivei na UnB, que compartilhamos dos sentimentos mais variados durante esses anos de graduação e que foram tão importantes para me manter sã na Universidade, obrigada Marina, Wanessa, Fernanda, Sabrina, Ziza e Mariana e a todos que compartilhei momentos durante esses anos.

Agradeço também ao meu namorado, Lucas, que foi sempre um grande incentivador da minha escrita e desse trabalho. Ao longo dessa pesquisa ele já me sugeriu mais três temas diferentes que ele acha que eu iria fazer um ótimo trabalho, obrigada amor por acreditar em mim quando tive dúvidas, obrigada pelo apoio e pelo amor que temos. A maior parte das páginas aqui escritas foram escritas ao seu lado.

Não poderia deixar de agradecer às amigas e amigos da corrida e ao meu professor de corrida, vocês são parte fundamental da minha paixão por esse esporte, dividimos as dores, ansiedades e as nossas conquistas! Obrigada Lucas, o treinador (risos), Thaís, Yohanna, Rafael e Sophia um obrigada especial, porque ela me emprestou o livro de Lauren Fleshman, “Good for a girl”, que me inspirou a pensar no tema deste trabalho! A todos que já corri junto, muito obrigada e que tenhamos sempre muitos kms para **percorrer!**

Gostaria de agradecer à minha orientadora Jacqueline Moraes Teixeira, que mesmo não sendo a área específica de pesquisa dela, não recusou meu tema, pelo contrário, abraçou a

ideia e indicou o melhor caminho a seguir, sempre com ótimas indicações e conselhos. Obrigada por contribuir para a minha formação como socióloga e por acreditar neste trabalho!

E por fim, não poderia deixar de agradecer à Universidade de Brasília, que contribuiu para a minha formação como pessoa e profissional, sou grata aos projetos que participei e à oportunidade de estudar numa Universidade pública e de alta qualidade, que possamos seguir lutando e resistindo para que cada vez mais pessoas tenham acesso a esse espaço.

"Existe algo de errado com nossos sistemas esportivos, e lá no fundo sabemos disso. Os ambientes esportivos pelos quais lutamos tanto para ter acesso igualitário foram construídos por homens, para homens e meninos. Nossa definição de igualdade de gênero tem sido "conseguir o que os homens têm, do jeito que eles têm", e isso está se voltando contra nós. Forçamos e adaptamos mulheres e meninas a uma infraestrutura masculina, e depois ficamos perplexas quando os mesmos pontos de atrito surgem repetidamente. Enquanto isso, as experiências fundamentais para corpos femininos no esporte são invisibilizadas, apagadas, ou vistas como problemas simplesmente por serem diferentes do padrão masculino."

(Lauren Fleshman, tradução nossa)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as relações entre corpo e a ocupação do espaço urbano, utilizando como recorte de análise a experiência de mulheres que praticam corrida de rua como atividade esportiva. A partir da trajetória dessas mulheres na corrida, foi discutido relações de gênero, levando em conta a importância da interseccionalidade como um fator fundamental da análise dos sujeitos, e também foi discutido a relação entre corpo e cidade, como elas se colocam nos espaços urbanos. Para tal, foi feito um levantamento bibliográfico sobre mulheres no esporte em geral, principalmente quando considerado um campo do masculino. Também foi feita uma recapitulação da presença das mulheres na corrida de rua através de reportagens e trabalhos acadêmicos. E por fim, a realização de entrevistas semi-estruturadas com mulheres que praticam corrida de rua em Brasília, analisando suas trajetórias no esporte, suas rotinas como mulheres e como se sentem ao se colocarem nos espaços da cidade.

Palavras-chave: Relações de gênero; Mulheres; Corrida de rua; Corpo; Cidade.

ABSTRACT

This work aims to discuss the relationships between the body and the occupation of urban space, using as an analysis tool the experience of women who practice street running as a sporting activity. Based on the trajectory of these women in the race, gender relations were discussed, taking into account the importance of intersectionality as a fundamental factor in the analysis of the subjects, and the relationship between body and city was also discussed, as they are placed in urban spaces. To this end, a bibliographical survey was carried out on women in sport in general, especially when considered a male field. A recap of the presence of women in street racing was also made through reports and academic works. And finally, semi-structured interviews were carried out with women who practice street running in Brasília, analyzing their trajectories in the sport, their routines as women and how they feel when placing themselves in the city's spaces.

Keywords: Gender relations; Women; Street race; Body; City.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Capítulo 1: As mulheres em esportes masculinizados.....	14
3. Capítulo 2: Mulheres na corrida de rua.....	32
4. Capítulo 3: Mulheres que correm pela cidade.....	50
5. Considerações Finais.....	86
6. Referências bibliográficas:.....	90
7. ANEXOS.....	97

1. Introdução

As provocações que originaram a ideia inicial dessa pesquisa nasceram de um ambiente de prática amadora do esporte, mais especificamente a prática da corrida de rua como uma atividade física e de lazer. A minha vivência na corrida de rua me propiciou um olhar sociológico para as questões de gênero no esporte e a partir disso, o entendimento da necessidade de uma análise também dos contextos sociais que são influenciados pelas categorias de raça e classe social. Ao ler o livro de Lauren Fleshman, *Good for a girl*, me senti inspirada e provocada pelas questões de gênero nos esportes, em especial na corrida.

O Sociólogo Loïc Wacquant em seu livro “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe” nos fala que para compreender e assim dominar completamente uma experiência transformadora - no caso dele o boxe, para mim a corrida de rua - foi preciso “tematizar a necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto (o inglês fala *of the body*), **mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento (*from the body*)**” (Wacquant, 2002, p.12, grifo nosso). Quando o interesse pelo tema surgiu me vi perdida nos caminhos para juntar meus dois mundos que antes pareciam tão à parte um do outro. Wacquant nos mostra em seu trabalho que o seu interesse pelo boxe e a sua paixão pelo esporte e todas aquelas vivências não o impediam de também analisar as interações sociais que aconteciam ali e como foi possível fazer sociologia com aquilo tudo. Fez-se necessário entender que, a corrida de rua não seria meu tema, mas sim uma ferramenta de análise, e que o foco desse trabalho seriam então as mulheres e suas interações entre corpo e cidade, possibilitadas pela prática da corrida de rua. Utilizar como recorte de análise as mulheres que praticam corrida de rua vem da minha vivência e interesse próprio pelo esporte e pensar nas relações do corpo com os espaços urbanos vem da minha vivência como mulher na sociedade. Aqui há uma tentativa prematura de se fazer uma sociologia não só do corpo, mas a partir do próprio corpo, como nos ensina Loïc Wacquant (idem).

Para discutir gênero e suas interseccionalidades a partir da prática de mulheres na corrida de rua, fez-se necessário olhar primeiramente para o esporte em geral, ultrapassando apenas essa modalidade esportiva. O esporte, historicamente, sempre foi um campo social reservado para os homens e entendido como um lugar masculinizante, praticar esporte é treinar as habilidades características do masculino, a força, a brutalidade, a velocidade, competitividade e tantas outras. Praticar esporte, principalmente determinadas modalidades

esportivas, é reafirmar socialmente as características dignas de um ser entendido como masculino.

A fim de fazer essa análise a partir do contexto brasileiro, foi importante olhar para o futebol de mulheres, o esporte que inspira a maioria das pesquisas na área das Ciências Sociais, principalmente na Antropologia. Portanto, ficou evidenciado logo no início da pesquisa que mesmo analisando as questões de gênero a partir da corrida de rua, seria necessário olhar primeiramente para o futebol e algumas outras modalidades esportivas. Foi importante entender a presença das mulheres em esportes ditos masculinos para entender seus caminhos também em outras modalidades, e essa análise nos possibilitou afirmar o campo esportivo também como um campo político, de lutas e conquistas de direitos para as mulheres. Enquanto para os homens o espaço no esporte já reservado e dado para eles, para as mulheres foi preciso lutar e insistir para permanecerem ocupando o lugar que desejavam.

Para situar a presença das mulheres no esporte foram utilizados como base e ponto de partida da discussão teórica, os trabalhos de Aira Fernandes Bonfim (2019), Mariane da Silva Pisani (2018) e as reflexões acerca das representações do masculino e feminino, no esporte, de Goellner ([2007]2008), entre outras. No capítulo 1 discutimos como o futebol de mulheres se apresenta como um terreno promissor para se pensar hipóteses de mudança nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea (Pisani, 2018), e por isso ele se torna o pontapé inicial desse trabalho. Partindo do futebol, olhamos também para outras modalidades esportivas, principalmente aquelas que são consideradas campo de poder do masculino.

A contribuição do futebol de mulheres é significativa para se pensar nas mulheres no esporte em geral, mas nas mais diversas modalidades foi possível encontrar pontos convergentes de análise de gênero, raça e classe. Inspirada pelo trabalho de Bonfim (2019), rico em história e tão importante para marcar historicamente a presença das mulheres no futebol, no capítulo 2 me debrucei sobre a história das mulheres na corrida de rua. A partir do marco temporal da maratona nos Jogos Olímpicos de Atenas em 1986 (Dallari, 2009), foi analisada a participação das mulheres na corrida e como se deu a popularização das corridas de rua, principalmente até chegar no Brasil.

Olhar para o histórico das mulheres na corrida de rua evidenciou ainda mais a necessidade de ter a interseccionalidade como um fator fundamental da análise dos sujeitos dessa pesquisa. A partir disso, foi construído o capítulo 3, em que foram analisadas as entrevistas com três mulheres que praticam corrida de rua, de forma amadora, em Brasília. Analisamos seus contextos sociais, seus status sociais proporcionados por sua raça e classe, e também fizemos um diálogo entre corpo e cidade, a partir do conceito de corpografia,

apresentado por Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto (2012), e através de seus relatos analisamos como se dá a relação dessas mulheres com os espaços urbanos. A corrida de rua aparece como uma aliada importante para retomar os espaços dos grandes centros urbanos, muitas vezes privatizados e segregados com a justificativa de uma segurança simbólica aos habitantes daquele espaço. As mulheres que praticam a corrida de rua como um esporte amador a consideram um divisor de águas em suas vidas, e por mais que tenham medos e receios dos perigos de se colocar nos espaços urbanos, elas seguem buscando alternativas para não ficarem reclusas.

2. Capítulo 1: As mulheres em esportes masculinizados

A intenção deste trabalho não é olhar para as mulheres na corrida a partir de uma perspectiva técnica ou biológica da discussão. O desempenho, resultados técnicos e a biologia por trás dessas mulheres não são relevantes para este trabalho. Na verdade, a proposta deste trabalho parte de uma sociologia do esporte, onde a pesquisa e a investigação vão girar em torno da análise dos corpos no espaço urbano para a prática da atividade física, utilizando como recorte para esta análise a experiência de mulheres que praticam a corrida de rua. O que nos interessa é olhar para a trajetória dessas mulheres, como elas ocorreram, suas escolhas e vivências a partir do esporte. Portanto, este trabalho não é uma análise dos esforços físicos e não olha para a modalidade esportiva em si, mas sim para os corpos das mulheres nos espaços urbanos e as ressignificações feitas por elas para iniciar e persistir na prática da corrida de rua.

Os esportes, no geral, são atribuídos diretamente aos homens na nossa sociedade contemporânea e ocidental, sendo essa a realidade tanto para a prática de esportes quanto para cargos e outras áreas relacionadas ao esporte. Os homens são incentivados desde meninos a praticar atividades físicas e a estar no meio esportivo também de forma competitiva, são eles quem têm a maioria dos cargos de dirigentes de times, técnicos de equipes e compõem a maior parte das torcidas. O esporte é um campo do masculino e é nele em que os homens podem e devem reafirmar características que são entendidas como reservadas apenas ao masculino, como a força, a agilidade, competitividade e brutalidade.

Ao observarmos o cenário do esporte no Brasil, a primeira prática esportiva que surge à mente e a mais popularizada é o futebol. Claro que há outros esportes se desenvolvendo e tendo o interesse do público, mas não podemos negar o tamanho do futebol no Brasil. Por isso, para pesquisar e observar a história de outros esportes acabamos nos mergulhando – de uma forma ou de outra – nos estudos sobre o futebol, e isso não poderia ser diferente para a análise da experiência de mulheres que praticam corrida como atividade esportiva.

A dissertação de mestrado de Aira Fernandes Bonfim, intitulada “Football feminino entre as festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)”, é uma reflexão preciosa acerca do lugar das mulheres nos esportes e que também nos contextualiza quanto à presença delas no meio esportivo no Brasil.

A autora faz uma análise minuciosa de registros em revistas e jornais da época para encontrar qualquer vestígio de presença das mulheres nas atividades esportivas. Início minha

análise a partir do trabalho de Bonfim (2019), trazendo não necessariamente dados específicos sobre a prática da corrida, mas sim registros de como as mulheres da época tiveram que estar em lugares de torcedoras, organizadoras e por vezes participantes das atividades esportivas antes de realmente aparecerem como competidoras.

Quando falamos de Brasil, é certo que houve épocas em que às mulheres era reservado apenas o direito de torcer e organizar os eventos esportivos, como é apresentado no caso do futebol no Brasil (Bonfim, 2019). Os eventos esportivos aconteciam nos clubes das classes mais altas da sociedade, e para essas mulheres era permitida a participação torcendo e sempre de uma forma que não ferisse a moral e a fragilidade feminina.

Os primeiros contatos registrados de mulheres no meio esportivo no Brasil, datam de 1904. Esses registros dizem respeito ao início das atividades festivas e esportivas no turfe e também em competições de bicicleta (Bonfim, 2019). O esporte chega no Brasil com o intuito de promover o convívio público e homens e mulheres interessados em esportes frequentavam as ‘festas sportivas’ e ao longo do tempo as tornaram uma opção de lazer e diversão (Bonfim, 2019),

Essas ‘festas sportivas’ eram frequentadas por famílias aristocratas de atletas, associados dos clubes, apostadores e ‘admiradores’ das diversões ali proporcionadas. Esse público era formado por homens e mulheres, sejam mais velhos ou jovens e crianças e com o tempo foram sendo incentivados a participar da programação das festas com atividades “athleticas” e lúdicas (Bonfim, 2019).

Foi a partir dessas festas e atividades lúdicas que se fez o caminho para analisar o futebol feminino ou os ‘teams’ (como eram chamados na época) de futebol de meninas (Bonfim, 2019), além disso é importante destacar que mesmo estando numa categoria de competições lúdicas, essas atividades não eram caracterizadas por etapas de disputas nas ‘festas sportivas’.

Mesmo tendo caráter lúdico e de lazer, identificar as ‘festas sportivas’ é um passo importante para expor dados de que havia atividades protagonizadas por mulheres nessas ocasiões, mesmo que muitas vezes tidas como inexpressivas e invisíveis (Bonfim, 2019). Bonfim (2019) apresenta inclusive um registro fotográfico de 1915 de meninas de até 10 anos que participaram das corridas realizadas na ‘festa sportiva’ no Botafogo Football Club. Há também registro de meninas competindo corrida na ‘festa sportiva’ no América Football Club no ano de 1917.

A partir da busca por referências bibliográficas já foi possível notar que entre os estudos da área de antropologia e sociologia do esporte, quando falamos da presença de

mulheres nos esportes, é maior o número de trabalhos relacionados ao futebol. Pisani (2018) alerta que há escassez de trabalhos antropológicos sobre outras modalidades esportivas e além disso, a autora também destaca que os trabalhos existentes são sobre mulheres e futebol e que a produção antropológica no Brasil é feita, em sua maioria, por pesquisadoras mulheres.

Isso nos mostra que além do campo da prática esportiva estar reservado aos homens, quando olhamos para o campo das pesquisas sobre práticas esportivas as mulheres são um objeto de interesse e atenção das pesquisadoras que também são mulheres.

Devido ao fato de a maioria dos trabalhos publicados sobre esporte apresentarem como recorte analítico a presença de mulheres no futebol, a presença delas nesse esporte se tornou um farol para guiar a pesquisa deste trabalho. Isso porque as reflexões sobre mulheres nos espaços futebolísticos contribuem para a compreensão da prática da corrida amadora como um dispositivo que permite a ressignificação do corpo, no que diz respeito à posição social da identidade de gênero e a relação com o espaço urbano. Nos permite olhar também para a presença das mulheres em esportes que são historicamente tidos como masculinizados, enfocando como elas ressignificaram a prática do esporte a partir de suas vivências.

Encontrar tantas lacunas nas pesquisas em relação às mulheres nos esportes é bastante desafiador, os dados são escassos, há uma nítida falta de investimento e desenvolvimento em relação à profissionalização das atletas mulheres - em diversos esportes - o que nos diz muito sobre como se deu a presença das mulheres no esporte no Brasil.

Ao olharmos para o passado do país, nos deparamos com o Decreto-Lei nº3.199 assinado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1941.

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Brasil, 1941, p.7453)¹

Essa proibição surge no contexto da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, com ideologias e políticas de um nacionalismo exacerbado e um controle maior sobre a moral e as atividades socioculturais por parte do Estado. À época havia a forte concepção de que homens e mulheres tinham papéis sociais específicos e deveriam desempenhá-los para que

¹ BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, p. 7453, 16 abr. 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm> . Acesso em: 8 out. 2023.

fosse garantido um desenvolvimento da sociedade, e conseqüentemente, o bem estar da nação. Nesse contexto, predominava a ideia de que às mulheres cabia o papel de procriar, cuidar dos filhos, de seu marido e da casa.

É importante ressaltar que essa realidade se apresentava para mulheres brancas das classes médias e altas da sociedade, já para as mulheres negras e de classes mais baixas a realidade era outra. Essas mulheres sempre precisaram trabalhar para dar o sustento de seus filhos e família. Tanto no contexto da época, quanto atualmente é importante para a análise das mulheres no esporte que nos atentemos para a interseccionalidade, ou seja, para que possamos entender os sujeitos dessas análises precisamos olhar para gênero, raça/etnia, classe, idade e sexualidade (Pisani; Kessler, 2022).

Inclusive, o Decreto de 1941 é baseado numa ideia fixa de papéis de gênero, de regras de como uma mulher deve se portar e o que cabe à ela e ao corpo dela - comumente ditadas por homens. A partir dessa ideia de que o esporte seria inapropriado para a mulher devido à sua natureza, quando uma mulher subvertia esse preconceito e se colocava como praticante de algum esporte ela era e atualmente ainda é entendida como ‘mulher macho’ e diversas ofensas no espectro do machismo e da homofobia.

Um exemplo de como ainda é um espaço reservado ao masculino, ao pesquisar sobre o decreto-lei de 1941 encontrei uma matéria do Globo Esporte (GE)² de 2021 sobre os 80 anos do Decreto-lei e o contexto em que o futebol feminino voltou a ser permitido. Ao final da matéria encontramos oito comentários de leitores da reportagem e dentre eles, podemos ver quatro comentários que variam os tons entre machismo e homofobia:

Mengão Enea: *Acho que esse decreto já era prevendo a bizarrice que seria. As mulheres estão cada vez se igualando aos homens em muitas profissões, mas vamos concordar, futebol não dá, é muito ruim!*

Marcelo de Souto Cantalice: *Caramba nem imaginava isso, por isso que nas antigas eles proibiram prevendo de tão ruim essa modalidade, o masculino nos dias atuais estão ficando sofrível de assistir; imagine a modalidade feminina kkkkk*

Jose Carlos Atilio: *Na verdade mulher mesmo nunca jogou futebol. Quem joga são as de pés grande.*

Jose Carlos Atilio: *Esse decreto deveria ser perpétuo.*

²SÁ, Juliana. **Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos:** Atrasado por 40 anos, desenvolvimento da modalidade no país ainda sofre com falta de investimento. Globo Esporte (GE), Rio de Janeiro, 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghml>> . Acesso em: 8 out. 2023.

Voltando ao decreto-lei, em 1941 foi “apenas” proibido que as mulheres praticassem esportes incompatíveis com a natureza feminina, porém em 1965 o Conselho Nacional de Desportos (CND) emitiu uma lista que explicitava as modalidades esportivas que estavam proibidas. Tal lista foi emitida através da Deliberação nº 7 e contava com as seguintes modalidades: “práticas de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.”

Por mais que encontremos relatos e alguns registros de mulheres praticando esses esportes ou outras atividades físicas, no período em que o decreto-lei ainda estava em vigência, de forma clandestina, isso não foi suficiente para evitar um atraso enorme em relação à presença de mulheres nos esportes - e quanto mais ligado ao ‘território’ masculino o esporte for, mais difícil é o desenvolvimento e o aumento da presença das mulheres.

O Decreto-lei só foi revogado em 1979 e quanto à regulamentação do futebol feminino, ela só aconteceu em 1983. Segundo uma matéria³ disponibilizada no site do Senado, houve uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) em 1977 em que foi feito o principal questionamento pela legalização do futebol feminino. Segundo reportagem da Agência Senado (2023), a CPI não chegou a ouvir nenhuma jogadora de futebol, pois devido aos mais de 30 anos de clandestinidade do esporte, não havia atleta profissional nacional jogando, não havia uma estrela do esporte no país, e devido a isso foi recebida e nadadora Maria Lenk.

O depoimento de Maria Lenk à CPI reflete a realidade que as mulheres ainda enfrentam para estar nos esportes e reafirma a importância do futebol para todos os outros esportes no país. A ex-atleta de natação afirmou na CPI que a proibição às jogadoras de futebol refletia de forma negativa inclusive para os esportes autorizados pelo governo e alertou para o pequeno número de atletas registrados nas federações, apenas 6% eram mulheres (Agência Senado, 2023).

— É uma quantidade irrelevante. Atribuo isso ao futebol, porque é o nosso esporte nacional. Através do esporte se revelam, se projetam os campeões, os ídolos do povo que merecem imitação. Veem-se terrenos baldios transformados espontaneamente em campos, e eles são ocupados por quem? Por garotos, meninos. A pelada de

³ WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. Agência Senado. Esporte. Edição nº 103. 4 ago. 2023. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pedi-u-legalizacao#:~:text=Por%20mais%20de%2040%20anos.as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sua%20natureza%E2%80%9D>>. Acesso em: 8 out. 2023.

adultos, também por homens. O clube de futebol, que em qualquer povoado não falta, é sempre só dos homens. **A restrição [ao futebol] se reflete no ingresso da mulher no esporte [em geral], porque ela não tem a quem imitar.** (Agência Senado, 2023, grifo nosso).

A fala de Maria Lenk para a CPI é rica em muitos aspectos. Ela reafirma a importância do futebol para o país e por mais que estejamos olhando para outra prática esportiva, precisamos olhar para como o futebol feminino se desenvolveu para entendermos a presença das mulheres em outros esportes. Além disso, Maria Lenk traz a importância de se ter referências de mulheres nos esportes para incentivar que outras mulheres ingressem nas práticas esportivas de forma geral, mesmo que seja apenas para o lazer e a prática amadora. É preciso olhar para a profissionalização das mulheres e quais lugares de destaque elas têm no cenário do esporte profissional e de elite para entender a identificação de mulheres comuns no esporte amador. Esse breve olhar para o passado do maior esporte no Brasil, o futebol, já é possível entender os diversos obstáculos colocados para a prática das mulheres. É importante ressaltar, que ao contrário do que os comentários jocosos e preconceituosos falam do futebol feminino, esses obstáculos sempre originaram de forças externas às mulheres, sempre foram colocados por outros para impedi-las de praticar o esporte.

No Brasil, a cultura fortemente misógina de políticos e dirigentes se incomodou tanto com a presença das mulheres que chegou ao limite da interferência nas escolhas delas - como de costume na história - e as proibiu de praticar determinados esportes. A proibição não era apenas para a profissionalização das mulheres nos esportes, mas qualquer tipo de prática realizada pelas mulheres era incômodo.

Parece irreal, mas a prática do maior esporte no país só foi permitida às mulheres nos últimos 44 anos e o futebol feminino só foi reconhecido e **regulamentado** pelo CND há 40 anos. Gerações de meninas e mulheres cresceram sem ter o maior esporte como exemplo e como possibilidade de diversão, lazer ou até mesmo como um caminho profissional. Meninas que nasceram antes disso só puderam ver outras mulheres jogando futebol já depois de adultas.

Como foi exposto anteriormente, a escolha - ou talvez para além de escolha, mas a necessidade - de olhar para o futebol feminino no Brasil se deu pelo tamanho e importância que os trabalhos publicados têm nas Ciências Humanas. A doutora em Antropologia Social, Mariane da Silva Pisani traz em sua tese de doutorado intitulada ““Sou feita de chuva, sol e barro”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo” como os Marcadores Sociais

da Diferença, que ela descreve como as categorias analíticas de gênero, raça, sexualidade e classe, se dão na prática do futebol feminino na cidade de São Paulo.

Assim como o trabalho de Bonfim (2019), a tese de Pisani (2018) aparece como uma importante base referencial para olhar as mulheres nos esportes e como elas ressignificam seus papéis na sociedade através dessa prática. A interseccionalidade aparece como um fator importante e necessário sempre ao se fazer a análise aqui proposta. Não é possível separar gênero de raça/etnia, classe e sexualidade.

O conceito de gênero perpassa por diversos significados atribuídos, a sua compreensão e os usos estão ligados a campos teóricos e políticos específicos (Küchemann; Bandeira; Almeida, 2015, p. 65). Gênero é então uma categoria de análise que “agrega em uma única palavra um conjunto de fenômenos sociais, históricos, políticos econômicos e psicológicos. Este responde às características de pertencimento dos seres humanos a um ou a outro sexo” (Küchemann; Bandeira; Almeida, 2015, p. 65).

A tese de Pisani (2018) traz um elemento analítico importante para este trabalho. A autora ao fazer sua pesquisa de campo manteve uma relação muito próxima com suas interlocutoras. Tamanha intensidade e proximidade com as meninas a colocou diante de histórias e cenas de violências domésticas, sexuais e raciais e a partir disso precisou ampliar a sua pergunta de tese, incluindo o questionamento de como através do corpo - marcado pelas violências e diferenças - as jogadoras constroem suas redes de sociabilidade e afetividades (Pisani, 2018).

É sabido que mesmo com tantos atrasos o futebol feminino está ganhando cada vez mais espaço, meninas têm jogado futebol como esporte de lazer e confraternização nas escolas, na faculdade e também vemos a sua profissionalização. Porém, é importante olhar para esses espaços que estão sendo preenchidos nesse esporte tão masculinizado e observar o surgimento de uma outra proposta de futebol, que atinge uma dimensão política (Soares de Almeida; Pisani, 2015, p. 4).

Sugiro aqui ampliar esse entendimento do futebol como uma dimensão política, e incluir outras práticas esportivas nessa lógica. As meninas e mulheres que praticam algum esporte, seja ele de caráter coletivo ou ‘individual’, encontram em suas equipes e parceiras de esporte, uma comunidade. As relações ali construídas ultrapassam os minutos da atividade física, elas compartilham os medos, as inseguranças, a vontade de se desenvolver no esporte e o companheirismo.

Além de ser um espaço em que meninas e mulheres compartilham muitas das vivências a partir de seu lugar como mulher na sociedade, o esporte tem se mostrado cada vez

mais um espaço de refúgio para situações de violências, muitas vezes vividas mais por mulheres negras e de classes mais baixas.

Pisani, ao relatar sua proximidade com suas interlocutoras, afirma que mesmo compartilhando diversos momentos íntimos da vida das meninas e ter jogado ao lado delas em algumas ocasiões, a diferença social sempre esteve presente entre ela e suas interlocutoras.

Contudo, vale lembrar que, apesar de ter entrado na vida dessas mulheres - de ter compartilhado muitos momentos íntimos de suas vidas e de ter jogado em alguns momentos junto delas - a diferença social entre mim e elas sempre fora colocada em perspectiva. As questões abordadas nessa tese que envolvem raça, classe social e sexualidade passam necessariamente pelas diferenças existentes, marcadas e constantemente apontadas - pelas jogadoras - em nossos corpos. (Pisani, 2018, p. 34)

A tese de Pisani traz o espaço da cidade e a movimentação das jogadoras para a discussão. Lembrando a importância da interseccionalidade, é preciso entender como as atletas identificam os espaços em que elas estão e os lugares que o futebol as leva são ressignificados de diversas maneiras, a partir da vivência delas. Ao se deslocarem por diversos bairros da cidade de São Paulo, as jogadoras ressignificam inclusive as categorias centro e periferia (Pisani, 2018).

Periferia e centro não aparecem mais encerrados em si como espaços isolados, uma vez que é a partir da realidade vivida pelas pessoas de cada região que se pode compreender como os sistemas de poder, as sociabilidades, as diferenças e as desigualdades se (re)configuram e modificam as vidas dos moradores e moradoras dessas regiões (Pisani, 2018, p.63).

Essa ressignificação aparece de forma bem explícita mais a frente no trabalho de Pisani, a autora relata que acompanhou as meninas na 18ª Parada da Diversidade LGBT. A Parada aconteceria na Avenida Paulista, centro de São Paulo e nessa ocasião uma das jogadoras disse estar com medo de ser assaltada, afinal ela não conhecia a região, que no ponto de vista da interlocutora era muito diferente de Guaianases, onde era considerado um lugar familiar e calmo (Pisani, 2018). A ressignificação se dá quando uma menina que vem de um bairro considerado uma periferia violenta e perigosa, passa por uma região que é considerada um lugar mais tranquilo por estar no centro, e mesmo assim se sente mais em risco do que no local que todos consideram uma região perigosa.

As meninas e mulheres, principalmente as que estão nas áreas periféricas, constantemente observam o espaço e as ruas que precisam usar para se locomover na cidade. Quando pensamos na prática do esporte isso também é um fator a se considerar, quais lugares elas podem ocupar? Quais caminhos oferecem menos perigo? E por fim, sabendo da existência dos perigos que a rua apresenta para as mulheres, como contornar tudo isso?

A vestimenta surge como um fator complementar, tanto para a prática dos esportes, quanto como um fator importante a se considerar ao se locomover pelas ruas das cidades. Pisani (2018) relata que em uma visita à casa de uma das atletas de sua pesquisa de campo, foi observado que para percorrer o bairro que viviam de forma a se sentirem mais seguras as meninas andavam em grupo e a autora destaca que esse grupo era composto apenas por mulheres e, sempre que possível, as atletas andavam vestidas com o uniforme da equipe, sendo assim uma forma de “distinção, pertencimento e proteção” (Pisani, 2018).

Essa estratégia as mantinha livres das abordagens da polícia - que as percebia como um grupo de esportistas de região - e de possíveis abordagens do dono da comunidade, uma vez que ele as percebia como meninas da Ita, logo, dignas de respeito e consideração (Pisani, 2018, p. 104).

Para as mulheres, inclusive o uniforme é ressignificado. Podemos observar isso desde os registros apresentados por Bonfim (2019), em que no início do século XX no Brasil, era exigido que as mulheres participantes das atividades lúdicas e ‘festas sportivas’ deveriam vestir roupas que não afetassem sua “feminilidade”. Elas usavam vestidos, saias longas e sapatilhas e não as roupas que os atletas - homens - utilizavam, pois estariam expondo seus corpos em público. Em 1920 são produzidas e vendidas roupas “adequadas” para a prática dos esportes para as mulheres, mas ainda deveriam ser produtos que mantivessem a moral devida ao corpo feminino (Bonfim, 2019).

Já após o fim da proibição dos esportes às mulheres, mais precisamente em 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF) definiu que as atletas teriam que apresentar características que indicassem sua feminilidade como: os cabelos compridos, corpo delicado e com curvas, uniformes mais curtos e justos, como condição para as atletas participarem de campeonatos (Pisani, 2014).

Quando colocamos lado a lado as exigências às mulheres no século XX e no século XXI podemos observar que a feminilidade da mulher é sempre uma grande preocupação dos homens - sim, homens, haja vista que são eles os dirigentes, presidentes e técnicos dos times e

equipes - ditando tais regras. No entanto, no século XX era importante manter o corpo coberto e preservar a moral, já no século XXI é exigido o contrário, eles querem ver os corpos, afinal não seria pelos corpos e a beleza das atletas que as pessoas iriam assistir às competições delas?!

Da mesma forma, como no começo do século XX, as poucas reportagens e entrevistas realizadas nos últimos dez anos continuam evidenciando o charme e a beleza da jogadora brasileira em detrimento de sua competência profissional e qualidade técnica (Pisani, 2014, p. 2).

Ou seja, como se dá a feminilidade e a beleza e de que forma ela é exposta para agradar aos homens foi o que mudou entre um século e outro, mas essas questões aparecem quase que de forma central na prática esportiva das mulheres. Enquanto os homens não precisam se preocupar com o que estão vestindo, se os incomoda e se os uniformes muitas vezes são pensados para priorizar a beleza ao conforto, tudo isso ainda é uma preocupação para as mulheres.

Dois situações relacionadas às vestimentas de atletas profissionais nos chamam a atenção. Segundo uma matéria da BBC News Brasil⁴, em 2021, nas Olimpíadas de Tóquio, a equipe de handebol - feminino - da Noruega foi multada pela Federação Europeia de Handebol porque as jogadoras usaram shorts durante o jogo. As jogadoras da equipe fizeram uma queixa em relação ao biquíni como uniforme oficial, segundo relato delas o biquíni restringia os movimentos, era desconfortável e as hiperssexualizava.

A mesma matéria da BBC News Brasil também mostra o outro lado quando o assunto é uniforme. Enquanto as atletas de handebol gostariam de usar algo que fosse mais confortável e as cobrisse mais - além de terem tido seu pedido negado, também foram multadas - uma paratleta da Grã Bretanha, Olivia Breen relatou que ouviu de um funcionário do evento que ela deveria usar um short mais apropriado durante uma competição de atletismo. Já para essa atleta, a roupa que ela estava usando é como ela se sente mais leve e confortável para suas competições.

"Esses dois exemplos podem parecer contraditórios, mas são simplesmente os dois lados da mesma moeda", pontua Leigh. "Os corpos das mulheres são tratados e

⁴ BBC News Brasil. **Olimpíada de Tóquio 2021: como o sexismo se reflete no controle dos uniformes das atletas.** BBC News Brasil, 27 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978154>>. Acesso em: 15 out. 2023.

vistos como 'o problema'. Nossos corpos ou são 'inadequados' ou não são 'entretenimento suficiente'." (BBC News Brasil, 2021).

Enquanto para as atletas de Guaianases (bairro periférico da cidade de São Paulo) a vestimenta do uniforme é uma forma de “distinção, pertencimento e proteção” (Pisani, 2018), para outras mulheres o uniforme as hiperssexualiza - pensados para agradar a certos públicos - ou as coloca num rótulo de imorais. Quando olhamos para a “simples” prática esportiva amadora essa questão também aparece, mas parece ir mais para o caminho das violências e dos assédios, algo que já é rotineiro para mulheres que se locomovem.

Grande parte dos trabalhos publicados e das pesquisas quantitativas que trazem dados de presença de mulheres nos esportes e sua participação ainda são voltados para atletas profissionais. Neste trabalho mesmo, as referências e as matérias utilizadas olham para as mulheres e a profissionalização delas no esporte. Um contraste interessante trazido por Pisani (2018), que desenha um pouco essa diferença sentida por meninas e mulheres de diferentes classes e raças/etnias, é o caso de uma das equipes etnografadas por Pisani (2018), a equipe Pelado Real Futebol & Arte.

Essa equipe é toda formada apenas por mulheres de classes média-alta e alta de São Paulo. Segundo Pisani (2018), as mulheres do Pelado Real são majoritariamente brancas, de classe média e alta e todas têm pelo menos uma graduação completa e suas famílias são do Estado de São Paulo. Para essas mulheres o futebol não aparece como profissão, mas sim como atividade física e de lazer. A condição para jogar no time é fazer a inscrição em algum dos planos oferecidos: mensal, trimestral ou semestral e os valores vão de R\$40,00 reais (das aulas avulsas) até R\$194,00 reais no plano semestral, podendo participar das aulas duas vezes por semana. Esse valor é destinado aos custos administrativos do time e para locar as quadras em que elas treinam (Pisani, 2018). O local que elas treinam são quadras alugadas no bairro da Barra Funda, região central da cidade de São Paulo, e o acesso só é possível de carro. Não há linhas de ônibus que passem perto e o metrô mais próximo fica a 30 minutos de caminhada. Todas as jogadoras vão de carro e levam o próprio uniforme - todo composto por peças e calçados de marcas mais caras como Nike ou Adidas.

Além disso, segundo Pisani (2018), a Pelado Real é a única equipe composta por mulheres que ocupa as quadras no local onde elas treinam; todas as outras equipes são formadas por homens. Inclusive, foi relatado pela autora que houve momentos de tensão entre as mulheres e os homens que jogavam ali no mesmo horário. Para a autora, os homens se

apoiavam nas grades e questionavam o porquê delas quererem jogar bola e, claro, também questionavam o desempenho das atletas no esporte.

Podemos observar que a criação e existência de um time como o Pelado Real Futebol & Arte reitera o desejo e o direito das mulheres de, além de praticar esporte, ter o sentimento de pertença. Mas é preciso olhar como, de certa forma, escancara as diferenças que são experienciadas entre pessoas do mesmo gênero. A realidade do Pelado Real é ainda cheia de privilégios, mesmo que suas atletas ainda passem por momentos de tensões e preconceitos com os homens que dividem o espaço da prática esportiva.

A relação do corpo com o espaço urbano vai sempre estar diretamente ligada a outros fatores que não só o gênero, como a classe social, raça/etnia e até mesmo as questões de sexualidade. Neste trabalho não será trabalhada a questão da sexualidade, mas Pisani (2018) traz muito bem como o campo da sexualidade é uma questão forte para as meninas que ela acompanhou durante sua etnografia, e ao analisar o que ela chama de “circuito afetivo-sexual” apresenta uma discussão muito importante para o estudo.

A pressão da prática por depender do esporte como meio de construir uma realidade socioeconômica melhor é incomparável com a prática do esporte como forma de desopilar e manter um hábito de vida saudável. Porém, mesmo com essas diferenças, todas essas mulheres convergem quando o assunto é vontade de praticar esportes, ter espaço e serem respeitadas para praticarem o esporte que desejarem.

É interessante observar que mesmo quando as modalidades esportivas vão se diferenciando, essas questões todas descritas neste capítulo aparecem de alguma forma quando nos referimos à presença da mulher na prática esportiva. Seja em uma modalidade de prática amadora ou na prática profissional, o que varia é a intensidade em que esses fatores aparecem e o quanto são prejudiciais.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV), teve o intuito de ouvir sobre as experiências e perspectivas em relação à igualdade de gênero no ambiente esportivo. Foram entrevistadas brasileiras que atuam como atletas, paratletas e técnicas, sendo realizadas 22 entrevistas em março de 2020 (DataSenado, 2021)⁵.

Mesmo se tratando de entrevistas com atletas profissionais, podemos observar que desde a infância já ocorrem as desigualdades quanto ao incentivo da prática esportiva. Já na

⁵ DataSenado. **Mulheres no esporte:** Pesquisa sobre equidade de gênero. Institucional, DataSenado, 19 ago. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-e-guidade-de-genero>>. Acesso em: 21 out. 2023.

infância as meninas vivenciam tais preconceitos, mesmo que só consigam entender anos mais tarde. Segundo as entrevistadas pela pesquisa do DataSenado, a mulher segue sendo considerada mais frágil e com menos potencial para desempenho do que os homens, logo são menos valorizadas.

A rejeição da presença das mulheres em diversos esportes está atrelada à ideia de masculinidade e de uma visão binária das identidades de gênero. Havia, e ainda há um medo de que práticas esportivas como o futebol, por exemplo, masculinizaria as mulheres, pois poderia mudar o corpo delas, dar músculos e as deixaria fortes, “a ideia de masculinização, aqui, está atrelada ao desenvolvimento de músculos e força física a partir da prática do esporte.” (Pisani, 2018, p. 127).

Contudo, existem mulheres - jogadoras de futebol ou não - mais fortes, mais ágeis, mais velozes, mais agressivas que homens. O gênero circula, a masculinidade, assim como a feminilidade, está presente em corpos de homens e mulheres. **Dessa forma, corpos não devem ser compreendidos como possuidores de determinadas características.** (Pisani, 2018, p. 143, grifo nosso)

Quando olhamos para a presença da mulher nos esportes, tidos geralmente como um campo masculino, algumas barreiras parecem inofensivas, mas se olharmos com atenção reparamos gerações de mulheres que deixaram de praticar algum esporte.

Não podemos negar que há esportes em que as mulheres são mais aceitas, pois são esportes considerados mais “femininos”, porém a escolha de qual esporte praticar não deveria estar atrelada ao ser “feminino” ou “masculino”, mas sim aos gostos e vontades das atletas. Podemos observar mais um pouco dessas determinações em Adelman (2003); em uma pesquisa com atletas de vôlei e amazonas, a autora discute as possibilidades do esporte como espaço de transgressão, empoderamento e/ou disciplinamento patriarcal das mulheres

O ingresso das atletas de vôlei no esporte variam, mas entre os discursos apresentados por Adelman (2003) identificamos que há atletas que já se identificavam com o esporte no geral e por conta de sua altura sempre brincavam de vôlei no colégio e a partir daí foram se inserindo no mundo profissional. Há também as atletas que por algum motivo de saúde precisaram iniciar alguma atividade física, e por conta de sua altura e insistência de médicos ou da família, iniciaram a prática do vôlei e ali permaneceram.

Quanto às amazonas, o interesse pelo esporte surge muito pela paixão ao hipismo e ao animal também. As atletas relatam que enfrentam certa objeção da família à prática, por ser um esporte perigoso, com risco de quedas e lesões maiores. Uma atleta afirma que “os pais

geralmente dão mais apoio às ambições competitivas dos meninos, considerando o interesse das filhas no esporte como mero hobby” (Adelman, 2003)

Um esporte ainda muito mais masculinizado e ainda visto com muito preconceito é o boxe. Cardoso, Sampaio e Santos (2015) apresentam em seu trabalho as percepções acerca do esporte e a trajetória de mulheres atletas. Para se ter uma ideia da dificuldade das mulheres nessa modalidade, os homens conseguiram incluir o boxe (masculino) como modalidade olímpica a partir de 1904, enquanto que as mulheres só obtiveram sucesso na inclusão do boxe feminino na competição em 2009, ou seja, mais de cem anos depois.

As atletas relatam que se têm a concepção de que o boxe é um esporte masculinizado e que deixa as pessoas que o praticam violentas e musculosas, o que são características socialmente relacionadas aos homens, ao masculino; sendo esta uma provável causa para pouca adesão e entusiasmo entre as mulheres (Cardoso; Sampaio; Santos, 2015).

Quanto à diferença entre as lutas de homens e mulheres, as atletas relatam não haver muitas, elas citam apenas a diferença na força e velocidade, pois elas acreditam ser algo natural biologicamente para os homens, por eles serem mais fortes. Já quanto às mulheres, elas relatam que as mulheres se preocupam mais com a técnica que vão utilizar, “em fazer da luta um espetáculo bonito de se ver” (Cardoso; Sampaio; Santos, 2015, p. 145) enquanto os homens só pensam em derrubar o oponente.

Quando olhamos novamente para os relatos apresentados por Adelman (2003), quanto à performance das amazonas, as atletas não identificam diferença entre homens e mulheres quanto aos resultados obtidos nas competições. A atleta Adriana explica que “**os homens podem ser mais agressivos, mas as mulheres competindo em níveis altos são tão competitivas quanto.**” (Adelman, 2003, p. 456, grifo nosso). Pode-se ter a ideia de que a mulher se preocupa mais com o carinho com o animal, no entanto, Adriana afirma que ela não faz uso de formas violentas, mas usa o cavalo para a competição, ela é competitiva (Adelman, 2003).

Tanto nesses relatos, quanto no relato apresentado pela tese de Pisani (2018), podemos observar que a diferença de performance entre os homens e mulheres que praticam o mesmo esporte está muito associada ao esforço das mulheres em serem reconhecidas naquele esporte masculinizado. As jogadoras de futebol observadas por Pisani (2018) enfrentam os altos e baixos da performance em campo e a orientação dada pela treinadora do time é evitar reproduzir o comportamento agressivo e desrespeitoso dos homens em campo, mas às vezes elas passam por cima dessas orientações e se encontram em situações de brigas e discussões durante as partidas.

O comportamento agressivo e explosivo em campo é motivo de reprovação para as mulheres, como se se tolerasse a presença feminina em um lugar masculino, mas elas não podem ‘performar’ um comportamento masculino, como podemos observar no relato de Pisani (2018):

A goleira do Só Tapa foi expulsa e quatro atletas (duas de cada equipe) levaram cartões amarelos. Toda vez que uma atleta era expulsa, ouvia-se as jogadoras de ambas as equipes gritando insultos sobre a forma física do juiz. Durante o intervalo [...] o mesmo chamou as jogadoras ao centro da quadra, gritando com elas: “Vocês estão transformando essa partida em uma guerra, **não vou mais tolerar esse comportamento agressivo! Parece um bando de homens!**”. (Pisani, 2018, p. 139, grifo nosso)

Já quando olhamos para as jogadoras de vôlei entrevistadas em Adelman (2003), nota-se a necessidade das atletas em defender a feminilidade do vôlei. Inclusive, comumente o vôlei é um esporte conhecido por “ser das mulheres”, mais feminino, tanto é que homens que praticam vôlei passam pelos questionamentos de sua sexualidade, justamente por não ser um esporte “mais masculino”.

Em um debate sobre o que vale para determinar os esportes mais adequados para homens e mulheres, o determinismo biológico têm sido um grande fator. Portanto, seguindo a lógica da anatomia dos corpos identificados como masculinos e femininos, cabe “a eles a aventura, a potência, o desafio, a força; a elas, a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno” (Goellner, [2007] 2008, p. 185).

Observando os relatos das atletas de boxe, as jogadoras de vôlei, as jogadoras de futebol e as amazonas, identificamos sempre a questão da feminilidade, o que elas fazem e performam em suas práticas esportivas para manter a feminilidade, ou até mesmo alguns casos de preferência individual de alguma atleta, se distanciar dessa feminilidade, a fim de passar credibilidade quanto à qualidade da sua performance esportiva.

Para as mulheres, em grande medida, é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado, por exemplo, a graciosidade, a delicadeza e a beleza, atributos colados uma suposta “essência feminina”. **Argumentos como estes operam como mecanismos de exclusão e inclusão em diferentes modalidades esportivas, posicionam as mulheres, demarcam seus espaços de sociabilidade,** pois insistem em afirmar que determinadas atividades não são apropriadas aos seus

corpos vistos, grosso modo, como de natureza mais frágil que os corpos dos homens. (Goellner, [2007] 2008, p. 185, grifo nosso)

É muito presente no discurso das jogadoras de vôlei a preocupação com a feminilidade, com suas imagens e enfatizam a vaidade feminina das atletas da equipe (Adelman, 2003). É interessante observar os contrastes entre os esportes considerados femininos e masculinos e as preocupações das atletas de cada um deles em se encaixar ou transgredir algum estereótipo atrelado à sua prática esportiva. Afinal, as noções de feminino e masculino são avaliadas de acordo com a noção estética e impõe padrões a serem seguidos (Kessler, 2015)

As atletas de vôlei afirmam e reafirmam em diversos momentos a sua feminilidade e veem necessidade de se defender de um preconceito que elas nem mesmo reconhecem a existência, como na fala desta jogadora:

Eu acho que a gente é muito feminina. **Às vezes, as pessoas acham atleta machão. A gente procura ser bem feminina, para ninguém ‘encher o saco’.** Por ser atleta, ter um corpo definido, todo mundo já [acha]... então procuramos aflorar mais o feminino. Não tem preconceito não, pelo contrário. (Adelman, 2003, p. 458, grifo nosso)

No entanto, podemos reparar que estando em esporte masculino ou feminino não importa, a questão da imagem e como se portar para ser reconhecida dentro da prática esportiva perpassa as mais diversas modalidades. Aqui foram exemplificados alguns esportes, mas existem diversos outros que provavelmente revelariam essa inquietação vivida pelas mulheres. Principalmente quando olhamos para as atletas profissionais, o comportamento, as vestimentas, os acessórios, a sexualidade das mulheres são fatores que ocupam grande espaço na vivência esportiva delas.

A imposição de uma feminilidade tradicional às mulheres em termos de aparência e de excelência atlética ligada ao masculino ainda gera confusões sobre como a mulher pode se apresentar em posições atléticas de alto desempenho. (Kessler, 2015, p. 41)

O gênero como categoria analítica é importante aqui justamente porque ele nos possibilita analisar essas questões para além das questões biológicas. O termo gênero possibilita a desconstrução do pensamento de que homens e mulheres naturalmente se fazem

masculinos e femininos a partir de suas diferenças corporais (Goellner, [2007] 2008). Na verdade, as representações do que é masculino e feminino são construídas cultural e socialmente; “as marcas culturais que contornam as representações que temos de masculino e feminino são históricas, mutantes e provisórias” (Goellner, [2007] 2008, p. 183).

A questão das mulheres no esporte é fortemente rodeada pela ideia do determinismo biológico, que legitima a diferenciação entre homens e mulheres no esporte. Com a participação das mulheres no esporte, é possível perceber que “os argumentos biológicos que historicamente naturalizaram as diferenças sociais entre os sujeitos, na verdade se traduzem em construções discursivas atreladas a redes de significação e de poder” (Goellner, [2007] 2008, p. 188).

Não é o corpo e as formas biológicas que definem qual esporte ou modalidade esportiva é melhor para as mulheres e mais indicadas aos seus corpos, se elas são capazes de se tornarem dirigentes de uma federação esportiva ou treinadoras de equipes. O que irá definir todos esses pontos é na verdade, “a discursividade construída sobre a funcionalidade do corpo e sua correlata associação aos processos de socialização que provoca e constrói tais demarcações” (Goellner, [2007] 2008, p. 189).

Voltando ao ponto de partida desse trabalho, a ideia não é trazer uma perspectiva que enfatize os elementos técnicos da corrida, os dados biológicos que fazem o desempenho entre homens e mulheres ser diferente, nem sobre os resultados técnicos do esporte, mas sim analisar como as mulheres praticantes da corrida de rua ressignificaram seus papéis de gênero, como seus corpos se encontram no espaço urbano para praticar a atividade e como se deram suas trajetórias no esporte. Mesmo que muitas das análises feitas dentro da sociologia ou antropologia do esporte estejam voltadas para o futebol feminino, o que nos interessa aqui, essencialmente, não é a modalidade esportiva em si, mas sim a trajetória, as escolhas e as vivências das mulheres para começarem e permanecerem no esporte que desejam.

Acredita-se na possibilidade de pensar a prática do futebol feminino como terreno promissor para testar hipóteses de mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea (Pisani, 2018). “Afim, o esporte é um lugar bastante propício para indagar os rumos de uma cultura em transição” (Pisani, 2018, p. 146). O esporte tem se mostrado cada vez mais ser esse “terreno promissor” (Pisani, 2018), é um espaço de disputa política e cultural muito importante, principalmente quando olhamos para um país como o Brasil, que respira futebol, mas também tem diversas outras modalidades em destaque.

Olhar para os esportes tidos como masculinos e o caminho que as mulheres estão trilhando para afirmarem sua presença neles é importante para a sociologia. Sendo um campo

tão grande e presente na sociedade, é válido olharmos para as relações dos corpos e as ressignificações feitas, principalmente quando feitas pelas mulheres. Afinal, pesquisar sobre a história das mulheres no esporte nos possibilita trazer à tona e dar visibilidade para as trajetórias particulares dessas mulheres, que de um forma ou de outra construíram e ainda constroem a história do esporte nacional (Goellner, [2007] 2008).

A partir das referências apresentadas neste capítulo foi possível encontrar o caminho para analisar a trajetória das mulheres na corrida de rua. No capítulo seguinte apresento um breve histórico da presença das mulheres nesse esporte e analiso as referências teóricas disponíveis sobre o tema, além de olhar também para reportagens que abordam a presença dessas mulheres na corrida.

3. Capítulo 2: Mulheres na corrida de rua

Olhar para outras modalidades esportivas se fez necessário para entender como se dá a presença de mulheres nos esportes, assim sendo possível até mesmo encontrar muitas semelhanças nas experiências vividas por mulheres em diferentes esportes. A questão de gênero também é uma realidade a ser considerada no campo esportivo, principalmente quando observamos que essa tem sido uma área destinada principalmente para os homens e em muitos casos até mesmo vetada para as mulheres.

Foi apresentado no capítulo anterior que no Brasil, diversas modalidades esportivas foram proibidas às mulheres com o pretexto de que seria uma prática nociva à fertilidade delas, além também da ideia de que as mulheres não seriam capazes fisicamente e emocionalmente de praticar esportes. Às mulheres ficaram reservadas práticas de atividades físicas leves e que apenas mantivessem a saúde e a beleza do corpo delas.

A corrida tem uma história bem antiga e, claro, sofreu alterações ao longo do tempo. Sua história antiga se dá ao fato de que as pessoas corriam por questões de sobrevivência e para se locomover. Dallari (2009) apresenta em sua tese de Doutorado um breve histórico dos registros mais antigos da corrida. Mas o esporte corrida de rua como conhecemos atualmente tem o marco na história com a maratona dos Jogos Olímpicos de Atenas em 10 de abril de 1896 (Dallari, 2009).

Foi proposta por Michel Bréal - um francês - a “criação de uma corrida em homenagem a Pheidippides, o hemerodromo encarregado de levar a mensagem da vitória dos gregos sobre os persas em 490 a.C., de Maratona a Atenas [...]” (Dallari, 2009, p. 25). No início, a prova tinha 40 km e desde 1896 foram realizadas várias provas que tinham mais ou menos essa mesma quilometragem, somente em 1908 nos Jogos Olímpicos de Londres é que a maratona passou a ter 42.195 metros (Dallari, 2009). A Maratona de Boston, por exemplo, hoje em dia uma das mais famosas do mundo e que faz parte do circuito das *Majors*⁶, teve sua primeira edição em 1897 e acontece anualmente, chegando em 2024 em sua 128ª edição.

Quando olhamos para o cenário da corrida de rua no Brasil, temos uma história mais recente em comparação com a história do esporte nos Estados Unidos e países da Europa. A

⁶ As *Majors* são seis maratonas, organizadas por diferentes empresas que posteriormente se juntaram e formaram a *World Marathon Majors (WMM)*, sendo elas as maratonas de Berlim, Boston, Londres, Chicago, Nova York e Tóquio. As *majors* são provas muito cobiçadas por corredores amadores e fazem parte do calendário esportivo dos atletas de elite. Para participar dessas maratonas, hoje em dia, é preciso participar de um sorteio (sempre muito concorrido) ou em algumas é preciso alcançar um índice, ou seja, correr uma maratona anterior em determinado tempo - é preciso que essa prova anterior seja oficial para a inscrição. Hoje em dia, são as maratonas mais famosas e cobiçadas do mundo.

Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) foi fundada em 1977. Porém, antes dessa institucionalização há registros de atividades em torno do esporte, segundo uma reportagem no site Webrun, a primeira corrida de rua realizada no Brasil, foi no ano de 1912 no Rio de Janeiro. Foi uma corrida organizada pelo jornal O Estado de São Paulo e ela era intitulada “O Estadinho” (Webrun, 2002)⁷.

Já a corrida que é hoje uma das mais tradicionais no Brasil, a Corrida de São Silvestre foi idealizada pelo jornalista de “A Gazeta” Cásper Líbero e teve sua primeira edição em 1925. Ela é tradicional por sempre acontecer no dia 31 de dezembro, em sua primeira edição a largada foi às 23h40 e teve 60 atletas (Dallari, 2009). Em 1991, o percurso da prova de 12,6 km foi ampliado para 15 km e permanece com essa distância até os dias atuais.

Apesar de não ser uma maratona (42,195 metros) e nem mesmo uma meia maratona (21,1 metro), a Corrida de São Silvestre é bem tradicional e traz alguns dados interessantes para observarmos a participação das mulheres nas corridas de rua no Brasil. Por exemplo, desde sua primeira edição até 1975, ou seja, por 50 anos, a prova não permitia a inscrição de mulheres, e era de participação exclusiva dos homens.

Segundo dados apresentados em uma matéria do ano de 2014 no site Webrun⁸, no período de 2009 até 2013 o número de mulheres concluintes aumentou. Em 2009 elas representavam 17,3% dos concluintes da prova e em 2013 passaram a ser 23,1%. O número mais expressivo aparece quando olhamos para esse crescimento dentre as mulheres. Entre as mulheres o número de concluintes foi de 3126 em 2009 para 5223 em 2013, representando um crescimento de 67,1% no número entre as mulheres concluintes da prova (Webrun, 2014).

Como discutido anteriormente, a presença de mulheres em competições oficiais é um marco importante para os esportes no geral, pois como foi relatado no depoimento de Maria Lenk à CPI em 1977, “[...] A restrição [ao futebol] se reflete no ingresso da mulher no esporte [em geral], porque ela não tem a quem imitar” (Agência Senado, 2023). Portanto, olhar para algumas competições profissionais também é uma forma de compreender como se deu a presença das mulheres no esporte de forma amadora e como elas permaneceram no cenário esportivo, pois a presença de atletas profissionais gera reflexos e exemplos para as possíveis atletas amadoras.

⁷ ROLLO, Mario. Histórico da organização de corridas de rua no Brasil. Webrun. Corridas de rua. 20 mai. 2002. Disponível em: <<https://webrun.com.br/historico-da-organizacao-de-corridas-de-rua-no-brasil/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

⁸ EVÊNCIO, Nelson. Aumenta o número de mulheres na São Silvestre. Webrun. Corridas de rua. 06 jan. 2014. Disponível em: <<https://webrun.com.br/aumenta-o-numero-de-mulheres-na-sao-silvestre/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

Dessa forma, para analisar a presença das mulheres na corrida de rua e sua relação com o esporte também fez-se necessário olhar para algumas competições e além das corridas de rua organizadas como eventos abertos ao grande público, também será apresentado um breve histórico da presença das mulheres na corrida nos Jogos Olímpicos.

Como foi relatado anteriormente, os Jogos Olímpicos tiveram sua primeira edição em 1896, porém as mulheres só foram autorizadas a participar da competição na edição de Paris, em 1900, até então elas eram apenas platéia. Contudo, essa não era uma participação tão igualitária, elas seriam aceitas se seguissem determinadas restrições como: só participar de competições de golfe e tênis, pois eram os esportes adequados às mulheres e não colocavam as participantes em contato físico umas com as outras (Rubio; Simões, [1999] 2007).

Em 1912, na edição dos Jogos de Estocolmo, foi permitida a participação de atletas mulheres na modalidade da natação. Inclusive, o Brasil teve sua primeira atleta mulher na delegação apenas em 1932, com a presença de Maria Lenk, nadadora e primeira mulher brasileira e latino-americana a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos (Rubio; Veloso, 2019).

O atletismo feminino - conjunto de modalidades que inclui a corrida e é a forma que a corrida aparece nos Jogos Olímpicos - só foi permitido em 1928, na edição de Amsterdã, mas ainda não era liberada a participação de mulheres em todas as distâncias do atletismo. Nessa edição de 1928, algumas mulheres passaram mal após correrem a prova de 800 metros rasos do atletismo e o fato foi utilizado na má intenção de reafirmar que as mulheres seriam incapazes de participarem de provas de resistência física (Rubio; Simões, [1999] 2007).

As provas de corrida de 800 metros voltaram a ser permitidas nas competições olímpicas femininas a partir de 1960, e isso teria despertado o interesse das mulheres em corridas de maiores distâncias (Dallari, 2009). Assim como na Corrida de São Silvestre, as corridas nos Estados Unidos também não permitiam a inscrição de mulheres nas provas, mas isso não significa que elas não existiam no esporte.

Relembrando o caminho percorrido por mulheres no futebol no Brasil, quando procuramos pela história das mulheres na corrida de rua encontramos algumas mulheres que se destacaram ao contrariarem as regras e mostrar para todos que as mulheres eram sim capazes de praticar o esporte que quisessem e na distância que desejarem. É claro que não podemos olhar para alguns acontecimentos isolados e tomar eles como resoluções totais dos preconceitos e dificuldades vividos na época, mas eles com certeza tem sua importância histórica ao mostrar que as mulheres não estavam passivas às decisões de determinados homens.

Um exemplo é a Maratona de Boston, nos Estados Unidos. Hoje uma das mais famosas no mundo da corrida de rua, a Maratona de Boston teve sua primeira edição em 1897 e manteve a proibição da participação de mulheres até 1972, portanto foram 75 anos em que apenas homens podiam participar da prova (Dallari, 2009). No entanto, como falado anteriormente as mulheres não aceitavam passivamente essas proibições e há alguns exemplos emblemáticos na Maratona de Boston.

Quando pesquisamos sobre as primeiras mulheres em corridas de rua, o primeiro nome que surge é o de Kathrine Switzer, mulher que também terá um espaço neste trabalho, porém houve mulheres antes dela e algumas inclusive tiveram seus nomes quase que apagados ou esquecidos, na história da corrida (Guiberteau, 2023).

Segundo a matéria “A atleta que derrubou mito de que 'mulheres não são capazes de disputar maratonas’”⁹ da BBC News escrita por Olivier Guiberteau, uma mulher correu o mesmo percurso da maratona dos primeiros Jogos Olímpicos, lá em 1896, ela o fez um dia após a maratona masculina. Para Guiberteau (2023) há quase nenhuma informação que possa ser confiável dessa mulher, apenas que seu nome era Stamata Revithi, tinha 30 anos, era mãe e que ela teria finalizado o percurso em 5h30min.

As informações passadas na reportagem são de que ela teria um filho de 17 meses e um outro filho teria morrido no ano anterior. Se esses fatos são totalmente corretos não podemos saber, mas isso já nos mostra o quão falho era o argumento da incapacidade física das mulheres de completar o percurso de uma maratona.

Nada mais se sabe sobre essa pioneira, muitas vezes chamada desde então de "a primeira mulher maratonista". Nas palavras do escritor grego Athanasios Tarasouleas, "**Stamata Revithi foi perdida na poeira da história**". (BBC News, 2023, grifo nosso)

Ainda segundo essa mesma matéria da BBC News, em 1926 a inglesa Violet Piercy correu a Maratona de Londres, também de forma não oficial, e teria terminado em 3h40min e 22 segundos. Segundo matéria escrita por Elaine Alves: “Mulheres e a corrida, um breve recorte histórico”¹⁰, do site Run Fun, em 1963 há relatos de duas mulheres, Lyn Carman e Merry Lepper, que invadiram o percurso da Maratona do Hemisfério Oeste, na Califórnia, e participaram da prova também de forma não oficial. Merry Lepper teria terminado no tempo

⁹ GUIBERTEAU, Olivier. Gênero no esporte: a atleta que derrubou mito de que “mulheres não são capazes de disputar maratonas”. BBC Sport, BBC NEWS Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgp6d3jz68o>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

¹⁰ ALVES, Elaine. Mulheres e a corrida, um breve recorte histórico. Run Fun. 05 mar. 2021. Disponível em: <<https://runfun.com.br/2021/03/05/mulheres-e-a-corrida-um-breve-recorte-historico-2/>>. Acessado em: 27 dez. 2023.

de 3h37min e 7 segundos. Ou seja, do pouco que se tem registrado, já podemos ver mulheres provando que eram aptas a concluir o percurso da maratona e que estavam tentando conquistar um lugar nas provas de corrida

Mas os nomes mais famosos vieram um pouco depois e tiveram seus acontecimentos na Maratona de Boston. Roberta Louise “Bobbi” Gibb veio numa tentativa anterior a Kathrine e na verdade foi uma inspiração. Segundo a matéria da BBC News, em 1966 Gibb tentou se inscrever para a Maratona de Boston de forma oficial, mas como havia a proibição não foi aceita pela organização, com o argumento de sempre: de que as mulheres não eram capazes fisicamente de percorrer os 42 km. Em relato para a BBC News, Gibb afirmou que via ali uma oportunidade de mudar a forma como pensavam as mulheres socialmente:

Percebi que era minha chance de mudar a consciência social sobre as mulheres", ela conta. "Se eu pudesse comprovar que essa falsa crença sobre as mulheres estava errada, poderia questionar todas as outras falsas crenças que haviam sido usadas para negar oportunidades às mulheres. (BBC News, 2023)

Sendo assim, Gibb se viu ainda mais determinada a participar da prova, mesmo que fosse de forma ilegal, e na edição da Maratona em 1966 ela ficou esperando o início da prova entre os arbustos e entrou na largada depois que vários participantes já tinham passado. A própria corredora falou que no dia da corrida foi com a bermuda do irmão, roupa de banho por baixo, uma blusa e um boné.

É interessante ler sobre essas histórias de mulheres que de certa forma se arriscaram ao quebrar as regras e observar que elas já sabiam que conseguiriam correr a distância que desejavam. Logo, participar dessas corridas era para elas mais uma forma de lutar pelas mulheres do que apenas realizar um feito para si própria. Assim como é relatado pela própria Roberta Gibb, sua intenção era mais do que provar sua capacidade - como um sujeito individual - mas sim tentar mudar a ideia e o entendimento que a sociedade tinha das mulheres. No entanto, apesar da boa intenção, sabemos que grandes mudanças sociais não são viáveis a partir de uma ação única e isolada de uma pessoa só.

Ainda segundo a matéria da BBC News, Roberta Gibb terminou a prova em um tempo de 3h21min e 40 segundos, o que significou que ela finalizou a prova na frente de dois terços dos corredores homens. A corredora também relata que muitos homens que a viram ao longo da maratona apoiaram sua iniciativa e ela foi cumprimentada pelo então governador do estado de Massachusetts, John Volpe. No entanto, segundo a matéria do Run Fun, o diretor da corrida não reconheceu o resultado de Gibb e teria dito que “Roberta não correu a maratona de

Boston, ela meramente percorreu a mesma rota de corrida oficial enquanto ela estava acontecendo” (Run Fun, 2021).

Já a famosa Kathrine Switzer realizou seu grande feito em 1967, ou seja, no ano seguinte ao fato protagonizado por Gibb, portanto, ela não teria sido a primeira mulher a correr a maratona de Boston, porém é uma das figuras mais famosas e mais lembradas quando falamos sobre isso. A diferença de Kathrine para Gibb é que Kathrine Switzer conseguiu ser a primeira mulher a se inscrever e correr com número de peito - identificação do corredor nas corridas de rua - na maratona de Boston.

Switzer postou um trecho de seu livro “Marathon Woman: Running the Race to Revolutionize Women's Sports” em seu site¹¹. Inclusive, em uma breve introdução ao texto ela fala que a intenção de disponibilizar esse relato é para que as fontes de informações não relatem mais distorções ou incorreções sobre sua história, dessa forma ela é a fonte originária da história e consegue disponibilizar de forma acessível para muitas pessoas o que ela realmente quer contar. Por isso, antes de iniciar o trecho do seu livro, Kathrine pede que as pessoas leiam e citem a partir do seu relato ao invés de tentar juntar informações incorretas de outras fontes.

Segundo Kathrine, foi no final de 1966, em um de seus treinos de corrida com seu treinador Arnie, que ela pediu para correr a Maratona de Boston. Ela relata que Arnie já tinha corrido 15 vezes Boston e para a distrair nos treinos mais difíceis de corrida ele contava e recontava as histórias da Maratona, até que ela sugeriu que corresse a Maratona, porém seu treinador recusou e afirmou que mulher nenhuma conseguiria correr a Maratona de Boston, e o motivo igual ao de sempre: mulheres seriam muito frágeis para a prova.

*“No woman can run the Boston Marathon,” Arnie fired back.
“Why not? I’m running 10 miles a night!”*

Arnie insisted the distance was too long for fragile women to run and exploded when I said that Roberta Gibb had jumped into the race and finished it the previous April.

“No dame ever ran the Boston Marathon!” he shouted, as skidding motorists nearly killed us. Then he added, “If any woman could do it, you could, but you would have to prove it to me. If you ran the distance in practice, I’d be the first to take you to Boston.”

“Nenhuma mulher pode correr a Maratona de Boston”, rebateu Arnie.

“Por que não? Estou correndo 16 quilômetros por noite!”

¹¹ SWITZER, Kathrine. The Real Story - Kathrine Switzer - Marathon Woman. Disponível em: <<https://kathrineswitzer.com/1967-boston-marathon-the-real-story/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Arnie insistiu que a distância era longa demais para mulheres frágeis correrem e explodiu quando eu disse que Roberta Gibb havia entrado na corrida e terminado nesse abril passado.

“Nenhuma dama jamais correu a Maratona de Boston!” ele gritou, enquanto motoristas derrapando quase nos mataram. Depois acrescentou: “Se alguma mulher pudesse fazer isso, seria você, mas teria que me provar. Se você percorresse a distância no treino, eu seria o primeiro a levá-la para Boston.” (Switzer, 2013, tradução nossa).

Essa parte da história só veio ao meu conhecimento por uma pesquisa mais minuciosa das fontes até chegar no próprio relato de Kathrine. As reportagens e notícias que contam seu feito não falam que o próprio treinador reprovou e desacreditou na ideia dela fazer a prova e só aceitaria com a condição de ela fazer uma maratona antes da prova alvo.

Aqui me parece importante explicar esse ponto: geralmente quando se treina para provas alvos, não faz parte dos treinos correr necessariamente toda a quilometragem da prova, principalmente quando as distâncias vão aumentando, ou seja, geralmente para uma maratona realiza-se treinos de 32 a 35 km no máximo, variando os casos.

Arnie, seu treinador, teria proposto que ela corresse toda a distância de 42km antes de correr a prova oficial. Segundo seu relato, Kathrine teria percorrido em seu treino não 42km, mas sim 31 milhas, que dão 49,88 km, ou seja, para provar que conseguiria correr a Maratona de Boston, ela correu praticamente 50 km apenas 2 meses antes de sua prova alvo. Após provar que conseguiria correr ainda mais quilômetros do que a prova, seu treinador insistiu que ela participasse da corrida, mas ele achava errado correr sem fazer a inscrição, e que isso poderia até mesmo acarretar algum problema com a Amateur Athletic Union, órgão regulamentador do atletismo nos Estados Unidos. Assim, eles se informaram sobre as regras e conferiram o formulário de inscrição e nenhum citava nada sobre gênero na Maratona e então Kathrine pagou a taxa de inscrição, que na época era de 3 dólares, e se inscreveu utilizando suas iniciais: “K.V. Switzer”, como sempre fazia.

Ainda seguindo seu relato pessoal, Kathrine revela que depois de se inscrever para a Maratona, seu namorado da época, um ex jogador de futebol americano e atleta do ranque nacional de arremesso de martelo, Big Tom Miller, decidiu que também correria a prova e que não precisava treinar porque, segundo uma fala dele, “se uma mulher consegue correr uma maratona, eu também consigo”. O relato dela nos apresenta dois homens próximos a ela e que, teoricamente, espera-se que a admirassem, duvidaram ou diminuiriam a sua decisão de correr a Maratona, mesmo ela já tendo provado ser capaz de participar da prova.

Além disso, também é possível analisar as diferenças entre Gibb e Kathrine quanto a intenção de terminar a prova, ao contrário de Gibb, Kathrine não demonstra em seu relato uma vontade de provar algo, muito menos de realizar uma ação com intenção coletiva, ela queria apenas correr sua primeira maratona.

Part of what made the Boston Marathon special to me was its historical importance. I had no idea I was going to become part of that history. I wasn't running Boston to prove anything; I was just a kid who wanted to run her first marathon.

Parte do que tornou a Maratona de Boston especial para mim foi a sua importância histórica. Eu não tinha ideia de que faria parte dessa história. *Eu não estava correndo Boston para provar nada; eu era apenas uma criança que queria correr sua primeira maratona.* (Switzer, 2013, grifo e tradução nossa)

Em um relato muito mais rico em detalhes e emoções do dia de sua corrida, Kathrine escreve sobre o dia que ficou marcado na história. A atleta fala que até a largada da prova e ao longo dos primeiros minutos de corrida ela foi muito bem recepcionada pelos outros corredores, no entanto, um pouco depois da largada Kathrine foi atacada, enquanto corria, por Jock Semple um dos organizadores da corrida.

Jock Semple a agarrou pelo casaco e exigiu que ela saísse de sua corrida, e o seu namorado Big Tom o empurrou para o canto da pista para que ela pudesse se soltar e continuar a corrida. Ela descreve o misto de sentimentos com o ocorrido e como aquilo a assustou de uma forma que ela nunca tinha experienciado, pois nunca havia sido atacada por um homem dessa maneira. Kathrine chegou a pensar em desistir da corrida, e foi apenas nesse momento que ela pensou nas consequências coletivas de seus atos para as mulheres da época.

I wondered if I should step off the course. I did not want to mess up this prestigious race. But the thought was only a flicker. I knew if I quit, nobody would ever believe that women had the capability to run 26-plus miles. If I quit, everybody would say it was a publicity stunt. If I quit, it would set women's sports back, way back, instead of forward. If I quit, I'd never run Boston. If I quit, Jock Semple and all those like him would win. My fear and humiliation turned to anger.

Eu me perguntei se deveria abandonar o percurso. Eu não queria atrapalhar esta corrida de prestígio. Mas o pensamento foi apenas um lampejo. *Eu sabia que se desistisse, ninguém jamais acreditaria que as mulheres tinham a capacidade de correr mais de 42 quilômetros.* Se eu desistisse, todo mundo diria que foi um golpe publicitário. Se eu desistisse, isso atrasaria muito o esporte feminino, em vez de avançar. Se eu desistisse, nunca correria Boston. Se eu desistisse, Jock Semple e todos aqueles como ele venceriam. Meu medo e humilhação se transformaram em raiva (Switzer, 2013, grifo e tradução nossa).

De início o desejo de Kathrine era apenas correr Boston, mas após o ataque a atleta se viu praticamente sob os holofotes, em que esperavam que ela desistisse da corrida e notou então que qualquer reação sua poderia gerar uma consequência muito maior no esporte para

as mulheres. Apesar das duas terem uma importância para as mulheres na corrida, o fato de Kathrine Switzer ter tido maior visibilidade e ter praticamente ocupado o espaço de primeira mulher a correr Boston não é bem aceito por Gibb. Na matéria disponibilizada pela BBC News (2023), Gibb fala da ilegalidade da inscrição de Switzer ao ocultar seu gênero no formulário.

Além disso, Gibb acredita que um dos então organizadores da prova, Jock Semple não teria sido preconceituoso com Kathrine, mas estaria apenas defendendo e preservando o status da corrida. Gibb chega a relatar que em 1967 ficou na linha da largada tranquilamente, sem ninguém tentar retirá-la, nem mesmo Jock Semple. Ela ainda afirma que: "Switzer não foi a primeira, nem oficial. Ela foi, na verdade, a mulher segunda colocada no segundo ano do que hoje é conhecido como a divisão pioneira feminina da Maratona de Boston." (BBC News, 2023).

Esse posicionamento de Gibb mostra como mesmo sendo uma questão que atravessa a trajetória de muitas mulheres, elas não pensam da mesma maneira.. Sem dúvida, essa fala de Gibb é resultado e consequência do apagamento que a sua conquista teve perante o fato protagonizado por Kathrine.

Tais histórias ocupam um espaço desse trabalho porque também ocupam espaço na história da participação de mulheres nas corridas de rua. Foram escolhidos esses eventos em particular, em que as distâncias são maratonas especificamente, por conta de suas relevâncias para o começo da liberação oficial de mulheres em corridas de ruas, tanto no âmbito do esporte profissional, quanto do amador.

Os acontecimentos nos Estados Unidos ambientaram e trouxeram influências para o Brasil alguns anos depois. Outras mulheres vieram antes de Switzer e antes de Gibbs, mas como vimos acima, muitas dessas ficaram apagadas da história por tamanha "insignificância" para aqueles que estavam escrevendo a história.

Tanto é que a Amateur Athletics Union só permitiu a participação de mulheres em maratonas em 1972, mesmo ano em que a Maratona de Boston - palco desses eventos aqui descritos - também passou a permitir que mulheres se inscrevessem oficialmente na prova. Além disso, a maratona feminina dos Jogos Olímpicos aconteceu pela primeira vez 12 anos depois, em 1984 (Dallari, 2009)

Quanto às brasileiras, temos nomes fortes que também deixaram suas marcas na corrida e abriram o caminho para outras mulheres, assim como também há mulheres que quase foram esquecidas pela história.

Enquanto pesquisava mais a fundo sobre os nomes de mulheres na história da corrida de rua, me deparei com mulheres que mais recentemente tiveram suas participações e feitos importantes em provas no esporte, e elas serão apresentadas também. Porém, duas mulheres chamaram atenção pelas suas conquistas há mais de 70 anos e com certeza devem ter o reconhecimento por abrir caminho para as mulheres que vieram depois delas.

Passando pelas páginas do trabalho de Katia Rubio e Rafael Campos Veloso, intitulado “As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica”, dentre tantas atletas ali citadas, conheci o nome de Wanda dos Santos. Wanda fazia parte do atletismo e sua especialidade mesmo era a corrida com barreiras. Wanda competiu nos Jogos Olímpicos de Roma em 1960, apesar das cenas de racismo que teve que enfrentar, na modalidade dos 80 metros com barreiras (Rubio; Veloso, 2019). A partir da história de Wanda, foi possível conhecer a história de Melânia Luz, também atleta do atletismo e grande amiga de Wanda.

Pesquisando sobre Wanda aprendi que ela foi a segunda mulher negra a defender o Brasil nos Jogos Olímpicos. Segundo uma matéria do Portal Geledés¹² Wanda dos Santos sofria como mulher lutando para ter espaço no esporte, ambiente então dominado por homens e também sofreu com o racismo, quando nos Jogos Olímpicos de Helsinque em 1952, as demais competidoras se recusaram a ficar perto ou cumprimentar Wanda. Ainda assim, Wanda teve grandes feitos em sua modalidade e atualmente ainda é viva. E também segundo matéria da Confederação Brasileira de Atletismo¹³, Wanda ainda pratica esporte e se mantém ativa em outras modalidades.

Conhecendo mais sobre Wanda cheguei na história de Melânia Luz, ambas eram amigas. Melânia foi a primeira mulher negra a defender o Brasil nos Jogos Olímpicos, ela era corredora, mas foi praticamente esquecida pela história do esporte. A matéria de 2020 no site do Globo Esporte, intitulada “Melânia Luz: a vida e a morte de uma pioneira invisível”¹⁴ mostra um pouco mais da trajetória de vida da atleta e foi escrita por Dayana Natale, Denise Thomaz Bastos e Helena Rebello.

¹² PEREIRA, Neusa Maria. As mulheres negras no esporte brasileiro. Portal Geledés, 27 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-esporte-brasileiro/>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

¹³ COMUNICAÇÃO, Assessoria de. Wanda dos Santos, atleta de vitoriosa carreira, comemora 90 anos. CBAAt - Confederação Brasileira de Atletismo, 01 jun. 2022. Notícias. Disponível em: <<https://www.cbatt.org.br/Noticias/noticia.asp?news=52561>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

¹⁴ NATALE, Dayana; BASTOS, Denise T.; REBELLO, Helena. **Melânia Luz**: a vida e a morte de uma pioneira invisível. GloboEsporte (GE), 20 nov. 2020. Olimpíadas. Disponível em: <<https://interativos.ge.globo.com/olimpiadas/materia/melania-luz-a-vida-e-a-morte-de-uma-pioneira-invisivel.gh.html>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

Segundo Natale, Bastos e Rebello (2020) Melânia era torcedora fanática do São Paulo e assim que entrou para o time de atletismo do clube, passou a ser treinada por Dietrich Gerner, um alemão radicado no Brasil e famoso técnico do atletismo. Melânia treinou junto e era amiga próxima de Adhemar Ferreira da Silva, um dos maiores nomes do atletismo brasileiro, e mesmo ele sendo tão relevante e tão importante no cenário do atletismo brasileiro, ela quase foi esquecida pela história do esporte.

O esporte, em muitos casos até os dias atuais, ainda não é uma opção de trabalho como renda única. Como foi apresentado no capítulo anterior, muitas meninas que jogam futebol ainda precisam trabalhar em outro lugar para ter alguma renda. Na época de Melânia a situação era ainda pior, o esporte ainda era encarado, na verdade, como atividade amadora e portanto não havia pagamentos.

Segundo a matéria do GE (2020), como Melânia não era de uma família rica, precisava trabalhar além de manter seus treinos na corrida, assim a atleta trabalhou como técnica de laboratório, durante 30 anos. Ela trabalhava de segunda a sexta feira e só tinha o sábado e domingo para realizar seus treinos, ou seja, Melânia chegou às Olimpíadas, conquistou títulos defendendo o seu time São Paulo e foi medalhista sul americana com uma rotina em que a maior parte do tempo ela precisava trabalhar em algo completamente fora do esporte.

Assim como Wanda dos Santos relatou o racismo que sofria também dentro do esporte, com Melânia não foi diferente, afinal ela foi a mulher negra pioneira na seleção brasileira. Na tese de doutorado intitulada “Sonhos, lutas e conquistas: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979”, Cláudia Maria de Farias realizou uma entrevista com Melânia quando ela ainda era viva e a ex-atleta entre diversos temas, abordou também os preconceitos que viveu no esporte.

É interessante observar que segundo o relato de Melânia, em Farias (2012), ela não sentia o preconceito da sociedade na época quanto à presença de mulheres nos esportes, mesmo que fossem esportes de alto rendimento. Como vimos nos relatos de outras atletas de épocas diferentes e esportes variados, elas por vezes não reconhecem o preconceito direcionado ao fato de ser mulher e praticar esportes, ou determinadas modalidades, mas acabam relatando situações em que foram diminuídas ou desacreditadas justamente por serem mulheres.

No caso de Melânia, ela relatou que o preconceito de cor sim era algo sempre presente, principalmente porque sua principal adversária era Clara, Elizabeth Clara Muller, a qual Melânia se refere como “alemã”. Farias (2012) analisa que o preconceito racial aparece

de forma mais clara e direta nos relatos de Melânia, mas ao mesmo tempo, ela também relata a postura mais rígida do treinador, Dietrich Gerner, em relação às atletas mulheres, apontando uma possível questão de gênero, mas que para a ex atleta não era tão evidente quanto o racismo sofrido:

[...] “ele não gostava muito que a gente ficasse com os rapazes treinando essas coisas, essas brincadeiras”, demonstrando, todavia, o cerceamento da liberdade vivido pelas mulheres, o que contradiz a fala anterior da entrevistada no tocante às relações de gênero. Aspecto reforçado logo após, ao fazer uma comparação com as atletas da atualidade: “naquele tempo nós não tínhamos o que elas têm hoje... Elas têm tudo, tudo, tudo. Treinam na hora que querem. Nós trabalhávamos por aí e treinávamos... A mulher hoje tem muito mais liberdade. Se ela quiser, ela vai...”¹⁵(Farias, 2012, p. 157)

Além dos preconceitos vividos dentro do esporte, o apagamento da história de Melânia no esporte brasileiro é também resultado desses preconceitos. Segundo a matéria do GE de Natale, Bastos e Rebello (2020), a imprensa da época ignorou o feito de Melânia ser a primeira mulher negra a defender o Brasil nas Olimpíadas. E sabemos que a história é feita de registros, portanto os poucos registros não a colocaram em posição de destaque e seu nome não era relevante no contexto histórico da corrida no Brasil até recentemente.

Além de Wanda e Melânia, apresento aqui também brevemente outras duas mulheres importantes na história da corrida no Brasil, mas reforço que quanto mais pesquisava sobre uma mulher, acabava encontrando outras mulheres também muito importantes e em sua maioria foram mulheres que lutaram para se manter no esporte apesar das dificuldades e dos preconceitos presentes. Foi preciso fazer escolhas para caber no trabalho.

Eleonora Mendonça é uma mulher que eu não poderia deixar de citar neste trabalho, porque ela foi a primeira mulher em muitas coisas: foi a primeira brasileira a participar de uma maratona olímpica, idealizou e organizou o primeiro circuito de corridas de rua no Brasil e a primeira maratona no Brasil. Além disso tudo, ela constantemente defendeu a participação de mulheres na corrida.

Eleonora não começou no mundo do esporte como corredora, na verdade ela era tenista, mas infelizmente uma lesão a impediu de seguir no esporte e então ela entrou no mundo da corrida. A atleta estava nos Estados Unidos para terminar seu mestrado na área de

¹⁵ Essa fala de Melânia Luz faz parte de uma entrevista concedida à autora, Farias (2012), em 6 de maio de 2009. A autora utiliza em seu trabalho diversos trechos da entrevista realizada anteriormente por ela mesma.

Educação Física, em 1972, quando Frank Shorter, um importante maratonista do Estados Unidos, ganhou a prova da maratona nos Jogos Olímpicos de Munique. Frank Shorter é considerado uma figura importante no grande apelo às corridas nos anos 70 nos EUA. Dessa forma, Eleonora se viu empolgada e levada pelo ambiente contaminante, começou a correr.

Segundo a matéria no GE de Bebel Clark, intitulada: “Eleonora Mendonça: conheça a pioneira das corridas no Brasil”¹⁶ (2012), foi então no mesmo ano, em 72, que Eleonora retornou ao Brasil e mantendo seus treinos no Fluminense foi convidada para participar de provas de atletismo, começando nas distâncias mais curtas, 800m, 1.500m e 3.000m.

De volta aos Estados Unidos, em 1974 Eleonora foi trabalhar em Boston e ali a corrida já era um esporte muito forte. Como citado anteriormente, a Maratona de Boston é super tradicional entre as corridas, e em 1976 Eleonora participou da famosa Maratona, pois tinha conseguido o índice necessário para participar, ela obteve o índice em sua primeira maratona da vida (Clark, 2012).

Após essa temporada nos EUA, Eleonora retornou ao Brasil e tomou conhecimento da liberação da participação de mulheres na corrida de São Silvestre, em 1975. Então, a atleta tem a intenção de organizar provas de corrida de rua no Brasil, mas dessa vez o intuito é que seja uma prova liberada para todos os públicos, sem restrições. Até então as corridas eram restritas a determinados grupos, mas segundo artigo publicado pela própria Eleonora no site do Instituto Eleonora Mendonça,¹⁷ foi em 1978 que Eleonora juntamente com Paulo Cesar Teixeira formou a empresa Printer Promoções Internacionais, uma empresa especializada em organização e divulgação de corridas de rua.

Se hoje em dia temos tantas corridas de rua para participar, com certeza foi por conta da criação da Printer. Segundo o artigo no site do Instituto Eleonora Mendonça, além de organizar a primeira corrida de rua aberta para todos, a Printer também introduziu as premiações masculinas e femininas nas categorias geral e por faixa etária. Um feito importante da empresa para o cenário das mulheres na corrida foi a realização da primeira corrida feminina na América Latina, a Corrida Feminina Avon, no Rio de Janeiro, em 1980. E por fim, suas outras conquistas estiveram no âmbito do ativismo, onde Eleonora lutou contra

¹⁶ CLARK, Bebel. **Eleonora Mendonça**: conheça a pioneira das corridas no Brasil. GloboEsporte (GE), Rio de Janeiro, 11 abr. 2012. EU ATLETA. Disponível em: <<https://ge.globo.com/eu-atleta/noticia/2012/04/eleonora-mendonca-conheca-pioneira-das-corridas-no-brasil.html>>. Acesso em: 08 fev. 2024

¹⁷ MENDONÇA, Eleonora. A PRINTER – A PIONEIRA DAS CORRIDAS DE RUA NO BRASIL. Instituto Eleonora Mendonça. A fundação da Printer. Disponível em: <<https://www.institutoeleonoramendonca.org.br/historia-da-printer>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

as instituições oficiais, para que a corrida feminina estivesse em categorias de distâncias mais longas nas Olimpíadas.

Segundo uma matéria da ESPN de 2017, escrita por Bianca Daga, intitulada “A brasileira que desafiou o Comitê Olímpico Internacional para maratona também ser prova de mulheres”¹⁸, Eleonora contou que mesmo batendo recordes brasileiro e sul americano, as mulheres não tinham as mesmas oportunidades que os homens em provas internacionais. Foi então em 1979, junto com outros profissionais que também acreditavam na igualdade de gênero em longas distâncias, formou o Comitê Internacional de Corredores.

Em 1983 foi definido que a maratona e a prova dos 3.000 m feminino seriam incluídos no Mundial de Helsinque em 83 e nos Jogos Olímpicos de Los Angeles que aconteceriam no ano seguinte, 84. No entanto, Eleonora ficou fora do Mundial por uma decisão da Confederação Brasileira de Atletismo, e ainda segundo Daga (2017), ela só teria disputado a Olimpíada de LA por conta da grande pressão feita por parte da imprensa.

Apesar de conseguirem a inclusão dessas duas categorias para as mulheres, elas ainda queriam mais, as provas de 5.000m e 10.000m nas olimpíadas. Segundo relato para a matéria da ESPN, Eleonora conta que com o apoio da União Americana pelas Liberdades Civis apoiando a causa, em 1983 no próprio Mundial de Helsinque, em uma coletiva de imprensa o Comitê Internacional de Corredores anunciou que entraria com um processo contra o COI e a Federação Internacional de Atletismo por discriminação de gênero (Daga, 2017).

Por fim, já em 1984 Eleonora ganhou a seletiva para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, mas segundo Daga (2017) a Confederação Brasileira não oficializou a participação da atleta, sem justificativa alguma, sendo “apenas” discriminação. Eleonora ameaçou com processo, além de ter a imprensa do seu lado, conseguindo fazer pressão frente à entidade, que acabou cedendo e Eleonora se tornou a primeira brasileira a correr a maratona nas Olimpíadas. Ela completou a prova em 2h52min19.

O caso de Eleonora nos mostra que uma figura no esporte profissional pode mudar todo um cenário de preconceitos, mas também não podemos fechar os olhos quanto à influência racial nessas questões. Como foi apresentado, Wanda dos Santos e Melânia Luz também foram mulheres com grande capacidade no esporte e que lutavam pelas suas causas,

¹⁸ DAGA, Bianca. A brasileira que desafiou o Comitê Olímpico Internacional para maratona também ser prova de mulheres. ESPN, 10 ago. 2017. Notícias. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/718461_a-brasileira-que-desafiou-o-comite-olimpico-internacional-para-maratona-tambem-ser-prova-de-mulheres>. Acesso em: 08 fev. 2024.

mas a imprensa não as enxergava e conseqüentemente contribuiu para seus apagamentos, diminuindo seus poderes de influência e de pressão frente às entidades que as excluía.

Eleonora é uma mulher branca, vivendo uma condição social muito diferente das atletas anteriores, o que não exclui sua determinação com as causas da mulher no esporte, mas é preciso levar isso em conta quando olhamos o cenário em que ela pôde fazer tanto pelo esporte no Brasil. A imprensa e as pessoas enxergavam Eleonora, mesmo que ela fosse um incômodo para alguns, ela era vista.

Para fechar o histórico de mulheres na corrida, não pude deixar de fora a atleta Carmem de Oliveira. Carmem nasceu em Brasília, mais especificamente em Sobradinho, uma das regiões administrativas do Distrito Federal. Segundo uma publicação de 2022 no site da Federação de Atletismo do Distrito Federal - FAtDF¹⁹, ainda na escola Carmem participou de uma competição escolar aos 17 anos e chamou a atenção de João Sena, professor de Educação Física. Sena queria transformar Carmem em uma grande corredora, na verdade ele queria fazer dela a maior corredora do Brasil, mas vindo de uma família mais pobre a própria Carmem e seus pais ficaram receosos em dedicar tempo em uma carreira tão incerta como a de um atleta.

Segundo o relato publicado no site da FAtDF, Carmem teve seu único par de tênis roubado e a dois dias de uma corrida que não podia faltar. Dessa forma ela precisou apelar para a televisão, e então a esposa de um diretor da Fundação Banco do Brasil viu a matéria e se solidarizou com a causa de Carmem, incentivando o marido a ajudar a atleta. A partir disso ela conseguiu seu primeiro patrocínio, que mais tarde evoluiu para um contrato de patrocínio com o próprio Banco do Brasil e possibilitou a Carmem estar em todas as competições que pudesse participar, sendo provas de pista e as provas de corrida de rua.

Uma das conquistas de Carmem também envolve a tão famosa Maratona de Boston, já citada algumas vezes e presente no caminho percorrido por várias atletas importantes. A atleta brasileira conseguiu um tempo de 2h27min e 41s²⁰, o que a tornou a primeira mulher sul americana a correr a maratona em menos de 2h30min e essa marca foi o recorde sul americano dos 42km por mais de vinte anos. Além da Maratona de Boston, Carmem também foi uma figura importante na história da corrida de São Silvestre, ela foi a primeira atleta brasileira a vencer a prova feminina, em 1995.

¹⁹ CARMEM de Oliveira. Federação de Atletismo do Distrito Federal - FAtDF, 05 out. 2022. Heróis de Brasília. Disponível em: <<https://www.fatdf.org.br/post/carmem-de-oliveira>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

²⁰ ASSOCIATION, Boston Athletic. HISTORICAL RESULTS: 1897 - 2000*. Results. Disponível em: <<https://www.baa.org/sites/default/files/2019-07/BostonMarathonHistoricalResults.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

Há uma entrevista de Carmem para a matéria do site Agência de Notícias CEUB, intitulada “25 anos após parar de correr, Carmem de Oliveira alerta para machismo no esporte”²¹ de Filipe Fonseca e Rayssa Loreen, em 2021. Nela, Carmem conta que se aposentou em 1996, um ano após seu feito na São Silvestre, além disso, Carmem também revelou que não via igualdade de gênero na cena esportiva feminina, muito pelo contrário, as premiações e salários eram muitos desiguais. Ela sempre questionava e se via incomodada com tais desigualdades, tanto é que em 2007 se viu do outro lado, como dirigente, sendo eleita presidente da Federação de Atletismo do Distrito Federal. A fala de Carmem no site Contra Relógio²² mostra um pouco da realidade do atletismo feminino, pois muitos records de Carmem se mantêm ou se mantiveram intactos por anos, sendo um motivo de orgulho, mas também preocupação:

Orgulhosa por isso? “Se eu disser que não, estaria sendo hipócrita. Afinal, as minhas marcas mostram um resultado técnico que alcancei. Mas **confesso que também dá uma tristeza constatar que isso se deve à falta de renovação no atletismo feminino.**” (Contra Relógio, 2019, grifo nosso)

Tais mulheres têm um papel importante para a popularização da corrida entre as corredoras amadoras. Apresentei aqui casos de atletas que realizaram grandes feitos em relação a marcas de tempos e records, mas também lutaram pelo direito de poderem estar no esporte, fosse como atleta, fosse como praticante amadora nas provas direcionadas ao público geral.

Como foi dito por Maria Alenk, a restrição imposta às mulheres de praticar determinados esportes foi um atraso para o esporte feminino em geral, pois não tendo nomes na mídia e atletas para se inspirar, as mulheres também não estariam envolvidas no esporte amador. A prática da corrida de rua além de contribuir para a saúde é uma forma de expressão e de construção dos sujeitos, e que por muito tempo foi negada ou desencorajada às mulheres pelo simples fato de serem mulheres.

Este capítulo foi construído a partir da recapitulação da corrida a partir do marco da maratona dos Jogos Olímpicos de Atenas em 10 de abril de 1896 e a entrada das mulheres

²¹ FONSECA, Filipe; LOREEN, Rayssa. 25 anos após parar de correr, Carmem de Oliveira alerta para machismo no esporte. Agência de Notícias CEUB, 11 mai. 2021. Esportes. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.uniceub.br/esportes/25-anos-apos-parar-de-correr-carmem-de-oliveira-alerta-para-machismo-no-esporte/>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

²² SOUZA, Jesus. Carmem de Oliveira, nossa maior recordista. Contra Relógio, 11 mar. 2019. Redação. Disponível em: <<https://contrarelogio.com.br/carmem-de-oliveira-nossa-maior-recordista-2/#:~:text=A%20primeira%20brasileira%20a%20vencer>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

nessa competição oficial em 1900. Além dos Jogos Olímpicos, também foram escolhidas a Maratona de Boston, nos Estados Unidos e no Brasil a corrida de São Silvestre para analisar o histórico das mulheres no esporte, além de serem provas em que as mulheres tiveram como palco para suas reivindicações e grandes marcos na história da corrida feminina.

Fez-se necessário apresentar o contexto da corrida de rua nos Estados Unidos, mesmo que brevemente, porque a forma como a conhecemos hoje em dia e o fenômeno que se tornou vem muito do histórico vivido nos EUA. Apresentar também certos nomes de mulheres foi uma forma de desenhar uma linha histórica da participação das mulheres nas corridas de rua, as mulheres aqui citadas não foram as únicas, apenas as considereei num filtro de contexto de época e de provas em comum, mas com certeza havia mais mulheres e foi preciso fazer esse filtro.

A própria experiência de Eleonora Mendonça nos mostra que o que temos hoje veio da cultura que estava sendo construída nos Estados Unidos nos anos 70. A atleta se interessou pela corrida em um período vivido lá e para além da corrida como profissão, ela trouxe para o Brasil as corridas de rua abertas ao público em geral, extrapolando a esfera da corrida profissional e de atletas de elite. Portanto, a presença das mulheres na esfera profissional é uma grande influência para a esfera do esporte amador, praticado como forma de expressão, lazer e saúde. Além da construção histórica, apresentar mesmo que de forma bem resumida, suas experiências também foi importante para observar como mulheres tão importantes para o crescimento feminino no esporte, enxergavam ou ainda enxergam a questão de gênero nessa área.

Como citado no capítulo um, não podemos fazer análises sociais isoladas, a interseccionalidade é fator fundamental quando olhamos para os sujeitos da pesquisa e portanto, é preciso considerar além do gênero, também classe, raça/etnia (Pisani; Kessler, 2022). Os relatos das duas mulheres brasileiras que estão entre as pioneiras e são mulheres negras, é mais uma prova da importância da interseccionalidade. Apesar de o foco do trabalho não ser as questões raciais, é impossível negá-las; os relatos de Melânia Luz e Wanda dos Santos nos mostram que mesmo naquela época, em que as mulheres tinham muito menos direitos, o preconceito racial aparecia de forma muito mais direta e escancarada para elas. A percepção das desigualdades de gênero aparecem de forma mais branda, por vezes sendo percebidas após anos, mais recentemente.

O apagamento da história de Melânia Luz é resultado de uma combinação de preconceitos, a atleta não foi vista como importante e com uma história relevante por muitos da época, tanto é que ou por falta de conhecimento ou por desinteresse, sua história foi ser

contada somente muitos anos depois na matéria do GE (2020) e um pouco antes teve alguns registros no livro “Mulheres Negras do Brasil” de Schuma Schumacher, de 2008. Inclusive, na matéria do GE (2020) é relatado que a morte de Melânia, em 2016, mal foi noticiada e que a CBAAt tem poucos registros da carreira dela e o COB afirmou não ter nada de Melânia, apenas um grêmio esportivo do curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro a homenageou no nome do grêmio: Grêmio Esportivo Melânia Luz.

A partir desse histórico, proponho no terceiro capítulo a análise da trajetória de mulheres de uma assessoria de corrida em Brasília, a qual faço parte. As experiências vividas por elas não perpassam o caminho do esporte profissional, mas sim uma maneira de buscar saúde, formas de se expressar e de se colocar na sociedade através da corrida. Aproveito a entrevista com as corredoras amadoras para fazer um diálogo com a questão de gênero e consequentemente suas interseccionalidades, e também utilizo o conceito de corpografia apresentado por Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto para relacionar esses corpos com a cidade, com o espaço urbano.

4. Capítulo 3: Mulheres que correm pela cidade

Diferentemente do capítulo anterior, aqui não trago figuras de mulheres famosas ou que construíram uma carreira profissional na corrida. Este capítulo é o lugar onde apresento uma pequena, infelizmente muito pequena, amostra de mulheres que estão correndo pela cidade de Brasília, Distrito Federal. A pequena amostra se justifica pela decisão da realização de entrevistas semi-estruturadas, ao invés da aplicação de um questionário fechado com um número maior de respondentes. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três mulheres que praticam corrida em uma Assessoria Esportiva.

Antes de adentrar nas questões referentes às entrevistas, é válido informar o que é uma assessoria esportiva e qual a proposta dessa modalidade. A assessoria esportiva é responsável pelo serviço de acompanhamento profissional para pessoas que praticam alguma modalidade esportiva, em geral as assessorias trabalham com as modalidades de: natação, ciclismo e corrida. Pode ser uma assessoria de uma modalidade específica, uma combinação entre duas dessas ou até mesmo das três modalidades juntas.

O serviço oferecido pelas assessorias parte do princípio de ser um acompanhamento mais especializado, então são profissionais da área de educação física que têm experiência com determinada modalidade e irão prescrever os treinos e as planilhas de acordo com as necessidades e objetivos dos alunos. A assessoria esportiva na qual foram selecionadas as 3 entrevistadas dessa pesquisa é uma assessoria com modalidade de corrida, ciclismo e há também a opção da modalidade do Triathlon, que é a prática da corrida, ciclismo e natação em conjunto. Por ser um serviço mais direcionado e especializado, espera-se que com o início de um acompanhamento em uma assessoria esportiva, a pessoa tenha uma evolução mais consistente e muitas das vezes mais rápida.

Apresentada a categoria da assessoria esportiva, justifica-se agora o porquê da decisão de realizar uma entrevista semi-estruturada. A entrevista semi-estruturada se encaixou melhor no objetivo da pesquisa, em que era preciso estabelecer certos limites do assunto, mas as respostas da entrevistada não poderiam ser totalmente limitadas por perguntas fechadas, a fim de conhecer a trajetória dela. Segundo Manzini (1990/1991), essa é justamente uma das características da entrevista semi-estruturada, em que a resposta da entrevistada não vai ficar condicionada a alternativas pré-formuladas pela pesquisadora.

Geralmente, a entrevista semi-estruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, *complementadas por*

outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. (Manzini, 1990/1991, p. 154, grifo nosso)

A quantidade de mulheres entrevistadas se deu por conta do tempo hábil para a realização, transcrição e análise das entrevistas. Foram delimitados os seguintes pré-requisitos para a seleção das entrevistadas: ser mulher, praticar corrida de rua - e aqui não foi delimitado um tempo mínimo da prática, nem nenhum tipo de nível de prática do esporte - ter idades diferentes entre elas e ser aluna da assessoria, pois faz parte do ambiente que já convivo a dois anos e ali foi o espaço em que acesso aconteceria de forma mais direta com as mulheres.

A escolha de optar por mulheres da mesma assessoria em que eu participo foi mais pela questão de que, o meu olhar para a participação das mulheres na corrida de rua e a ocupação desses corpos em diferentes lugares da cidade se deu enquanto aluna daquela assessoria.

Como este trabalho não se propõe a olhar para a qualidade dos movimentos da corrida e nem a fazer uma análise da prática do esporte em si, não fez sentido delimitar o tempo de prática das corredoras, portanto poderiam ser alunas recém chegadas ou já com anos de prática, isso inclusive faz parte da análise de escuta da trajetória de cada uma delas. Já as idades diferentes, foi uma tentativa de separar as corredoras em gerações, haja vista que as diferenças geracionais é um fato que influencia nas vivências dos indivíduos na sociedade.

O convite para a participação na pesquisa se deu por meio de uma mensagem no grupo de alunos da assessoria esportiva, via aplicativo de mensagens, *WhatsApp*. Foi explicitado que a entrevistadora seria a própria pesquisadora e que a entrevista era parte da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), além de que a identidade das corredoras seria mantida em anonimato, para que se sentissem mais seguras e confiantes ao relatarem suas trajetórias.

Como o convite foi aberto no grupo, não houve uma seleção individual de cada entrevistada, pois as mulheres que se ofereceram de forma voluntária já se encaixavam nas necessidades estabelecidas para a realização das entrevistas. Foi cogitada a realização de uma entrevista a mais com uma mulher mais velha em relação às outras, mas por falta de tempo e agenda disponível, não foi possível realizá-la.

Foi elaborado um roteiro para guiar a entrevista, porém a ideia sempre foi deixar as entrevistadas o mais confortável possível para relatar sua trajetória, mesmo acrescentando informações que não estivessem explícitas nas perguntas do roteiro. O roteiro foi pensado

em duas grandes divisões e no segundo bloco havia uma breve divisão, mais para orientação da própria entrevistadora. Ao total, foram 25 perguntas elaboradas para guiar a entrevista.

No primeiro bloco do roteiro, as perguntas foram pensadas a fim de se ter o perfil das entrevistadas, portanto, foi uma parte da entrevista mais direta e com respostas mais diretas também. Perguntas como: qual a idade, formação, identificação racial, renda e bairro estavam entre as perguntas desse bloco, justamente para conhecer o perfil socioeconômico das entrevistadas e auxiliar nas análises das trajetórias de cada uma.

Após esse primeiro bloco, no segundo bloco a entrevista adentrava mais sobre a prática da corrida das entrevistadas. Nessa parte, a intenção foi criar um ambiente na entrevista em que elas se sentissem confortáveis e com um pouco mais de liberdade para contar suas histórias. As perguntas foram pensadas para organizar a conversa, mas entrevistadora e entrevistada não precisavam ficar presas apenas às perguntas ali dispostas. Perguntas como: como ela iniciou na corrida, quando criança praticou algum esporte ou foi incentivada pela família, como você encaixa os treinos de corrida, e outras sobre a rotina da corrida na vida delas.

A subdivisão do segundo bloco seguia na lógica da prática da corrida, mas também abordou um pouco o espaço da cidade e as sensações experienciadas pelas entrevistadas ao se colocarem nos espaços públicos para a prática da corrida.

No geral, as entrevistas tiveram a duração de 40 a 50 minutos, começando sempre pela explicação da pesquisa, aviso da gravação da entrevista e sempre reforçando que elas tinham liberdade para contar sua trajetória, mas também se não se sentissem confortáveis poderiam não responder ou não falar sobre alguma pergunta. Além disso, também foi reforçado que a identidade das entrevistadas seria mantida em sigilo.

Como corredora e também aluna de sociologia, certos pontos deste trabalho tiveram sua origem a partir da minha prática de corrida como mulher, mas também da escuta e leitura de tantos outros relatos, principalmente através das redes sociais. No lugar de pesquisadora, confesso que esperava talvez respostas mais óbvias e que chegassem de forma direta ao meu problema de pesquisa, mas a realidade da pesquisa se apresentou de forma diferente e foi aí que foi preciso realmente ajustar o olhar sociológico para as questões aqui colocadas e os relatos surgidos nas entrevistas.

Desde os relatos de mulheres em outras modalidades esportivas, até o relato das mulheres que foram pioneiras na corrida de rua que foram apresentados neste trabalho, foi possível perceber as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, consequências de uma desigualdade de gênero existente na sociedade. Em determinadas modalidades ou épocas, o

preconceito contra a presença delas nos esportes era mais evidente e escancarado. Além disso, também foi observado que as questões raciais e socioeconômicas perpassam por todas essas experiências, evidenciando mais uma vez a interseccionalidade como fator importante para a análise social.

Assim como nas pesquisas aqui apresentadas no capítulo um, as mulheres aqui entrevistadas quando colocadas diante um questionamento mais direto e ainda no início das entrevistas, não relataram qualquer preconceito escancarado que vivenciaram na prática da corrida em si, mas quando olhamos para a trajetória delas e como elas chegaram até o esporte, aí sim podemos observar as consequências da desigualdade de gênero.

Essa dificuldade em identificar os preconceitos e as desigualdades aparecem no relato das jogadoras de vôlei em Adelman (2003), em que elas negavam a existência do preconceito com mulheres no esporte, por ser algo masculino, mas reforçam que sempre tentam se manter “bem feminina, para ninguém encher o saco” (Adelman, 2003, p. 458).

Além disso, também identificamos essa dificuldade em relação ao gênero, entre as pioneiras da corrida, porém a questão para elas é diferente, porque Melânia e Wanda viam de forma mais direta o racismo que sofriam, portanto, para elas o preconceito racial chegava de forma mais agressiva do que as questões de gênero apenas.

A Doutora em Ciências Sociais, Adriana Piscitelli nos apresenta uma discussão importante sobre gênero e, em seu artigo intitulado “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”. Piscitelli (2008) trata do surgimento dos conceitos que se articulam a gênero, como as diferentes utilizações resultam em conotações distintas e por fim ela leva essa reflexão para as questões de integração de migrantes brasileiras no mercado global de trabalho e no mercado matrimonial. A autora traz uma importante consideração acerca da interseccionalidade de gênero com outras categorias e como isso se deu dentro do pensamento feminista.

Piscitelli (2008) faz uma breve revisão histórica para contextualizar o pensamento feminista, e a partir disso ela nos apresenta as diferentes perspectivas em relação ao conceito de gênero, e como o pensamento acerca desse conceito foi sendo reelaborado ou contrariado ao passo que autoras feministas faziam suas contribuições à discussão.

Segundo Piscitelli (2008), partir da segunda metade da década de 1970 já é difundido o conceito de gênero sendo pensado como uma construção cultural e variável, mas tinha aspectos vinculados ao sexo biológico, que ainda era tido como natural e imutável. Isso seria um avanço quanto à categoria “mulher”, no entanto, para críticos da época era questionável o

por que ainda existir uma base biológica imutável, que dividiria apenas em dois sexos, logo só poderiam haver dois gêneros (Piscitelli, 2008).

O pensamento feminista, historicamente, não tem espaço aberto para outras diferenças que não sejam gênero, a identidade entre mulheres deveria ser o peso maior e não poderia ser debilitada por outras questões (Piscitelli, 2008). Isso ainda fica bem aparente atualmente, em que é preciso constantemente relacionarmos raça, classe com gênero para que a análise social não se torne rasa. Ainda, algumas teóricas críticas que se envolveram na reformulação do conceito de gênero, discutiram a importância de se considerar classe, raça e gênero juntamente, porém a categoria gênero seguiu sendo privilegiada (Piscitelli, 2008). Nesse trabalho, por mais que tenhamos proposto a análise e a discussão em torno da mulher e das questões de gênero, constantemente deparamo-nos com as questões de classe e raça, tornando inevitável a interseccionalidade.

As atletas retratadas no trabalho de Pisani (2018) sobre o futebol de mulheres vivem as questões de raça, classe, idade e sexualidade diariamente e são impactadas por isso mesmo dentro da prática esportiva que escolheram. As corredoras Wanda e Melânia são outro exemplo da interseccionalidade, perpassadas pelas questões de raça e classe, elas são quase que colocadas a escolher qual luta aderir para permanecer no esporte.

Portanto, mesmo sendo uma discussão que está aberta desde a década de 1980, o pensamento feminista ainda falha em tratar de outras questões quando relacionadas com gênero, porém as mulheres afetadas por essas questões seguem vivenciando as questões de classe, raça, gênero e sexualidade de forma conjunta. Como afirma Piscitelli (2008), quando há o reconhecimento das diferenças no âmbito analítico, geralmente foi dado o privilégio a apenas uma diferença em articulação com gênero.

O pensamento feminista vinculado ao marxismo e ao socialismo sempre levou em conta as diferenças de classe. Vale lembrar a força concedida a essa distinção nos escritos das primeiras décadas do século XX (Goldman, 1917) e também as infinitas discussões, no âmbito do feminismo da “segunda onda”, durante a década de 1970, entre as radicais que concediam primazia ao patriarcado e as socialistas, que se centravam na articulação entre patriarcado e capitalismo, prestando séria atenção às diferenças de classe entre as mulheres (Beechey, 1979). **O feminismo radical da segunda onda, ao contrário, caracterizou-se por minimizar diferenças que não fossem as sexuais, às quais conferiam absoluta primazia. Assim, as discriminações vinculadas à classe e raça não encontravam abrigo nessas formulações.** (Piscitelli, 2008, p. 265, grifo nosso)

Em Piscitelli (2001), a autora faz uma discussão profunda sobre a relação dos termos “mulher” e gênero e como o pensamento feminista foi moldando esses dois termos. O texto

traz uma contribuição para o que seria o futuro do conceito de gênero e se seria então mais apropriado à teoria recriar a categoria mulher.

Dentro da revisão das autoras do pensamento feminista, Piscitelli (2001) traz a socióloga Linda Nicholson e como ela sugere a nova formulação da categoria “mulher”. Para Nicholson, a ideia de mulher não tem um sentido definido, ou seja, o sentido não está em uma característica específica, mas é encontrado por meio de uma elaboração de uma rede complexa de características que são descobertas e não pressupostas.

O que Nicholson parece apresentar é que essas categorias e diferenciações para além do gênero apresentadas em Piscitelli (2008) seriam então um conjunto que exerce um papel dominante por períodos de tempos, a depender dos contextos.

Algumas dessas características exerceriam um papel dominante dentro dessa rede por longos períodos de tempo, em certos contextos – o que não quer dizer que possam ser universalizadas. Nessa proposta, não se trata de pensar em “mulheres como tais”, ou “mulheres nas sociedades patriarcais”, mas em “mulheres em contextos específicos”. (Piscitelli, 2001, p. 21)

Apesar da complexidade que gira em torno dos conceitos de gênero e do uso da categoria mulher, aqui me atenho à ideia da construção do gênero dentro da perspectiva cultural, ou seja, o caráter cultural na construção do gênero o torna variável e não algo rígido.

A construção da mulher parte de suas vivências em sociedade, e assim como Piscitelli (2001) apresenta a ideia pensada por Nicholson de “mulheres em contextos específicos”, as diferentes categorias como raça, classe, sexualidade, idade, colocam as mulheres em contextos específicos.

Por tanto, a partir do que foi apresentado pelas autoras e a partir das reflexões acerca do histórico do pensamento feminista nos traz, fica mais evidente que as diferentes vivências, mesmo que elas se identifiquem na mesma categoria, “mulher”, trariam visões diferentes para seus relatos. Elas se encontram, literalmente, a partir da ideia de mulheres em contextos específicos.

As mulheres que participaram das entrevistas, pelo menos em seus discursos, fazem parte de contextos muito parecidos entre elas no quesito classe, raça e sexualidade. O que talvez seja uma fator que as diferencie mais, logo, suas vivências, é a faixa etária. Por mais que não estejam tão distantes, algumas questões são diferentes por estarem em momentos da vida diferentes.

Sempre quando forem citadas serão utilizados nomes fictícios, a fim de preservar a real identidade das entrevistadas, conforme explicado anteriormente. Primeiramente apresento um breve resumo do perfil dessas mulheres, idade, formação, etc, para situarmos os contextos em que elas estão inseridas.

A primeira entrevistada foi Maria, uma mulher de 49 anos de idade, nascida em Brasília e é pedagoga de formação, tem pós-graduação em educação de surdos, educação à distância e psicopedagogia. Ela está perto de se aposentar, mas ainda trabalha na mesma área de formação, atuando na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Maria se identifica racialmente como branca, mora em um dos condomínios próximos ao Sobradinho e sua faixa salarial fica na média de 7 a 8 salários mínimos.

Maria foi criada na religião católica, relatou que chegou a fazer comunhão e os outros ritos da religião, mas nunca foi frequentadora da igreja, inclusive não se considera frequentadora atualmente. Maria é casada e se define como heterossexual; nesse casamento, em que segue até o momento atual, Maria teve dois filhos, um homem e uma mulher, ambos já acima dos 20 anos de idade.

Sobre seu contexto familiar, Maria relatou que os pais vieram para Brasília do Rio de Janeiro, a mãe dela veio estudar na UnB e logo ela nasceu por aqui, tem dois irmãos de pai e mãe. Segundo Maria, ela viveu sua infância no Lago Norte, um bairro de casas de Brasília.

Após os pais se separarem, o pai de Maria se casou de novo e desse casamento Maria teve mais um irmão, de 27 anos. Portanto, Maria sempre morou em Brasília e ia com mais frequência para o Rio de Janeiro para visitar a família que ainda estava por lá, mas após o falecimento de todos os avós ela já não vai mais tanto para o Rio.

A segunda entrevistada foi Lília, ela tem 38 anos, nasceu no interior do Rio Grande do Sul e veio para Brasília morar com o pai e a madrasta aos 17 anos de idade. Ela se formou em Comunicação, se identifica como jornalista e trabalha atualmente na área de formação, ela trabalha com comunicação institucional. Lília se identifica racialmente como branca, mora na Asa Norte, bairro do plano piloto, e sua faixa salarial fica na média de 11 salários mínimos.

Quando questionada sobre sua religião, Lília afirmou que teve uma formação católica, foi “anjinho de missa”, mas não seguiu a frequentar a religião católica, segundo ela, já abandonou a muito tempo. Ela não se considera seguidora de nenhuma religião e relatou que essa formação católica foi mais por conta da família, que houve pressão.

Lília, numa resposta em tom de dúvida a princípio, se identifica como uma mulher bissexual. Quando questionada sobre seu estado civil, ela revelou que esteve em uma união

estável e depois desmanchou, então se vê como uma mulher separada; dessa relação ela teve dois filhos, um menino de 10 anos e outro de 7 anos.

Quanto ao seu contexto familiar, ela contou que teve um período da vida que morou em São Paulo e lá engravidou de um namorado, que posteriormente foi seu marido por 6 anos, 7 anos juntos e 6 anos casados, porém em 2019 se separaram e desde então fazem a guarda compartilhada dos filhos. Além disso, Lília explicou que também conta com a rede de apoio do pai e das irmãs; ela contou que em Brasília mesmo ela tem o pai, a madrasta e duas irmãs que são filhas da madrasta - não são filhas de sangue do pai dela - e que por morarem juntas um tempo se consideram irmãs. E ela tem ainda uma irmã de sangue, como ela se referiu, que mora em Goiânia, cidade que fica a cerca de 200 quilômetros de Brasília.

Por fim, temos Sara, ela tem 28 anos e nasceu em São Paulo, mas veio ainda bebê para Brasília, não chegou a crescer em São Paulo. Sara é formada e com pós-graduação em Direito e atua como advogada, atuando mais com Direito de família e criminal. Sara afirmou que se identifica racialmente como parda, porém relatou que em situações como provas ela se coloca como branca para não interferir em algum para pessoas negras. Sua faixa salarial fica na média de 5 a 6 salários mínimos e ela mora em um condomínio no Grande Colorado.

Sara se considera adepta ao catolicismo, mas não frequenta muito. Ela é casada, se define como heterossexual e não tem filhos, “só se considerar meus pets” ela afirmou. Ela e o marido moram sozinhos a pouco tempo, na entrevista ela relatou que não havia um ano ainda, mas que estão perto de ambas as mães, que moram em condomínios perto do deles, então convivem muito. Ela disse que também tem uma convivência com os avós, mas que esses já moram um pouco mais longe, no plano piloto.

Maria, Lília e Sara formaram, aleatoriamente, uma escada geracional, em que as idades ficaram num intervalo de 10 anos de Sara para Lília e 11 anos de Lília para Maria, como dito anteriormente, a ideia de ter mulheres com idades mais distantes era identificar alguma diferença geracional e poder observar as diferentes experiências de acordo com o “momento da vida”.

Cada relato tem suas particularidades e a trajetória de cada uma delas é diferente, mas como pesquisadora me coloco com o olhar atento para além das diferenças, mas também para as similaridades e categorias que as unem.

Como dito anteriormente, ser corredora e aluna da assessoria foi uma condição para auxiliar nas questões de logística e aplicabilidade da entrevista. Portanto, pelo simples fato de serem alunas de uma assessoria de corrida que tem seus principais pontos de atendimento no plano piloto, já era esperado um recorte de classe, dadas as circunstâncias.

Tanto Maria, quanto Lília e Sara, mesmo que de gerações diferentes, são mulheres com graduação completa, duas delas, Maria e Sara, possuem pós-graduação, e mais um ponto importante: as três atuam profissionalmente na área de formação.

Quanto às carreiras profissionais, Maria já está perto da aposentadoria, portanto, atualmente já tem um ritmo de trabalho mais tranquilo em relação aos anos anteriores. Sara está começando a carreira agora e além de atuar como advogada também estuda para concursos, logo, sua rotina já é mais corrida e ainda gira muito em torno das condições do seu trabalho. Já Lília já tem alguns anos a mais de atuação profissional do que Sara, mas também ainda tem uma rotina mais agitada com o trabalho e ainda precisa que as coisas se encaixem na rotina do trabalho e com os filhos.

Quanto à rotina familiar, Maria já com os filhos mais velhos, na faixa dos 20 anos, atualmente não vive mais tão dependente da rotina e dos horários dos filhos, tendo o tempo mais livre para se dedicar às suas próprias coisas. Já Lília se encontra num momento completamente oposto, com os dois filhos ainda muito novos e uma rotina de guarda compartilhada, ela precisa muitas vezes encaixar algumas atividades em horários e momentos que se adequem também à rotina dos filhos. E Sara não tem uma rotina com filhos, mas relatou que ela e o marido, morando apenas os dois, precisam sempre se organizar e adequar certas atividades à rotina de casa e do trabalho.

Como é possível observar, as três estão em momentos de vida diferentes, no entanto, o contexto social que as cerca se coloca de forma similar. As três têm condições financeiras para arcar com os custos mensais da assessoria de corrida, assim como também podem arcar com custos de academia ou funcional, acompanhamento nutricional e por vezes acompanhamento com fisioterapeuta.

Maria chegou a comentar sobre como ela acha a corrida um esporte caro, um ponto de vista interessante quando vemos em contraste com o que vem sendo difundido em muitos lugares sobre a corrida. E não considero aqui um certo e outro errado, mas sim perspectivas e contextos em que a corrida de rua se encaixa.

Em um diálogo durante a entrevista, Maria falou um pouco sobre a questão da corrida ser um esporte caro:

Maria: [...] porque também a corrida é um esporte caro, né?

Entrevistadora: É

Maria: É a assessoria

Entrevistadora: Você sente isso assim?

Maria: Ah, eu sinto.

Entrevistadora: Você sente isso agora mais ou antes também você sentia assim? Ou você acha que hoje em dia tá mais?

Maria: Eu acho que hoje em dia está mais assim, porque você quer um relógio legal, né? Que marque que fale se eu VO2, que fale seu pace, que apite, que avise, que não sei o quê, aí o tênis caramba é tanto tênis aí você quer, aí por exemplo, com esses treinos longos de maratona, você tem que ter um monte de tênis para você ir trocando pro tênis não ficar cansado. Aí tem que fazer musculação porque tem que fortalecer aí: “Ah, meu Deus, eu vou entrar na assessoria para poder melhorar o desempenho”, o nutricionista, porque como é que vai correr uma maratona e não vai no nutricionista para ver ali, por causa da alimentação

Entrevistadora: Sim, quando você vai é uma cadeia de coisas

Maria: Quando você vê tá gastando R\$3.000 pra correr

Além desses gastos relacionados ao melhor condicionamento e melhor prática da corrida, como assessoria e profissionais da área de saúde e educação física, Maria também afirmou que essa questão de gastos adicionais chega a ser pior para as mulheres: *“E mulher é pior, né? Que a gente é vaidosa, aí a gente quer várias bermudas de várias cores, várias viseiras várias não sei o que.”* depois ela ainda completou: *“Protetor solar, é. Tem um negócio do cabelo, tem, Ave Maria, o brilho, eu falo não, gente, pelo amor de Deus.”*(Maria).

Quanto a essa questão dos gastos com outras atividades e serviços paralelos, Lília também teve uma fala similar:

[...] esse negócio também da vida fitness, é algo que você vai virando um grande esquema de pirâmide, né? Você começa com um negócio, daqui a pouco é outro negócio, e outro negócio e aí você precisa do nutricionista, do fisioterapeuta, do não sei o quê. E aí, quando você vê todo o seu dinheiro estava sendo investido né, o seu tempo e o seu dinheiro [...](Lília)

Sara, em um momento da entrevista, também chegou a falar dos gastos que a corrida acarreta, mas sua fala foi mais direcionada em relação aos objetos e acessórios de valor. Sara fez essa afirmação no meio de uma fala sobre os medos e inseguranças de estar nas ruas praticando o esporte:

[...] E eu ia até a 16, não sei o quê e eu corria com o celular e era o fone aparecendo e hoje em dia eu já corri aqui, por exemplo nessa nessa gramadão que tem aqui descendo pro Noroeste tipo que passa pelas escolas ali que passa pelo Leonardo e tal e hoje em dia eu não tenho mais tanta coragem, porque eu fico tipo mano, e se me roubaram? Não tenho condições de comprar outro celular agora não, e o relógio, quanto é que custa o relógio? E o tênis não sei o quê, então assim você vai vendo o preço das coisas e vai te dando um certo receio de ir correr em qualquer lugar, em qualquer horário. [...] (Sara, grifo nosso)

Dessa forma, é importante entendermos os contextos em que as entrevistadas estão inseridas, até mesmo para entender a trajetória delas e a forma como enxergam a participação das mulheres na prática da corrida de rua. Por mais que elas observem e reconheçam os custos da corrida de rua, as três conseguem lidar com eles e se manter no esporte. São mulheres que têm uma renda mensal mais alta do que a média.

O Boletim *Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes*²³ publicado em março de 2024 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, DIEESE, utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. Segundo esse boletim, o rendimento médio mensal das mulheres no Brasil, no 4º trimestre de 2023, foi 22,3% menor do que o que foi recebido pelos homens. Por tanto, partindo de uma comparação mais geral, enquanto as mulheres estavam recebendo em média R\$2.562, os homens estavam recebendo R\$3.323.

Quando inserimos mais um filtro nesses dados, temos que entre as mulheres ocupadas, ou seja, com um trabalho, 39,9% recebiam no máximo um salário mínimo, e entre as mulheres negras essa porcentagem aumenta, indo para 49,9%. Já entre as mulheres não negras essa porcentagem vai para 29,1%.

Os dados obtidos pelo IBGE através da PNAD Contínua e apresentados pela DIEESE também mostram que, entre as pessoas que têm o ensino superior completo, as mulheres ganhavam em média R\$4.701, sendo 35,5% a menos do que os homens, que recebem em média R\$7.283.

Isso nos mostra que há desigualdade salarial entre homens e mulheres, inclusive quando a escolaridade aumenta. No caso do ensino superior completo, temos uma desigualdade maior entre a média salarial de mulheres e homens. E que além dessa desigualdade entre homens e mulheres, temos também a desigualdade entre as próprias mulheres, principalmente quando olhamos para raça e escolaridade.

Além disso, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE apresentados na terceira edição do estudo *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil* também mostram o nível de instrução de mulheres com 25 anos ou mais e as mulheres com Ensino Superior completo formam 21,3% desse contingente, ou seja, ter uma formação de ensino superior completa ainda não é a realidade da maioria das mulheres no Brasil.

²³ DIEESE. Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes. São Paulo, 8 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Apresento brevemente esses dados do IBGE para entendermos o contexto socioeconômico que Maria, Lília e Sara se encontram em relação à realidade das mulheres brasileiras. Além de podermos ver de forma mais exemplificada as questões que envolvem a interseccionalidade. Se formos olhar somente para uma categoria universal de mulher, perdemos ao longo da análise, as disparidades vividas entre mulheres negras e mulheres brancas e mulheres com escolaridade mais alta e mulheres com menos escolaridade.

Segundo hooks (2015), por mais que muitas mulheres sofram com os preconceitos de gênero, com falas e ações sexistas perante elas, não podemos considerar que esse seja o vínculo comum entre todas as mulheres. Piscitelli (2001) traz a ideia de Nicholson de “mulheres em contextos específicos” e nos coloca frente à necessidade de olhar para as diferentes categorias como raça, classe, sexualidade, que determinam os contextos específicos vividos por elas. hooks (2015), de certa forma, reforça essa lógica quando afirma que não podemos considerar um vínculo para todas as mulheres.

Há muitas evidências que justificam o fato de que a identidade de raça e classe gera diferenças no *status* social, no estilo e qualidade de vida, que prevalecem sobre a experiência que as mulheres compartilham – diferenças essas raramente transcendidas. (hooks, 2015, p. 197, grifo do autor)

Esse espaço para explicar o contexto em que essas mulheres estão inseridas é uma ferramenta para analisar as falas e as percepções delas quando questionadas sobre a presença da mulher na corrida de rua, como se sentem ao praticarem uma atividade física na rua, como elas conseguem encaixar seus treinos em suas rotinas e o que a prática da corrida de rua representa para elas. Tudo isso precisa ser observado a partir do contexto em que elas se encontram.

No segundo bloco da entrevista estavam concentradas as perguntas acerca do começo da prática da corrida, sobre os sentimentos e as percepções das entrevistadas ao praticarem um esporte na rua, como encaixavam os treinos em seus horários da rotina e as percepções sobre o espaço da rua e a presença das mulheres nesses espaços.

Tanto Maria quanto Lília e Sara iniciaram a prática da corrida de rua já na fase adulta da vida, ou seja, nenhuma delas chegou a praticar o esporte ainda na infância ou adolescência. A fim de tentar compreender o histórico dessas mulheres com o esporte, foi perguntado se quando crianças elas praticaram algum esporte e se foram incentivadas pela família.

Maria e Sara chegaram a praticar esportes e eram iniciadas nos esportes pela família, mas não sentiam um grande incentivo por parte deles. Já Lília relatou que se sentia rotulada como desengonçada e que, na verdade, quem era mais incentivada e vista nos esportes era sua irmã.

Quando eu era eu eu sempre fui uma criança muito agitada, né? Aí eu fiz muito esporte, eu fiz ginástica olímpica, eu fiz kung fu, eu fiz natação, eu fiz Jazz, nunca fui muito regular; sabe? Ficava pulando de um esporte para o outro, mas sempre fui muito ativa, na adolescência é que eu fiquei mais parada. (Maria)

A minha mãe me botou em todos os esportes possíveis quando eu era criança, assim era todas as atividades eu já fiz, mas eu não era muito ligada ao esporte, não. O que eu gostava, que eu fiquei mais eu acho foi a natação e só. Assim, na época de criança e adolescente eu quase reprovei na Educação física, pra ter noção. Eu não era nada ligada assim e não havia um incentivo mesmo, assim, tipo acho que ela não deixaria de me apoiar se eu quisesse, mas também não era aquela coisa, vamos lá e tal era só porque tinha de opção na escola. (Sara)

[...] nunca pratiquei super esportes, nunca foi uma coisa que eu fiz muito, eu acho que tem a ver um pouco com a questão familiar assim. Meu pai e minha mãe são super sedentários, super. Minha mãe algumas vezes faz algumas coisas durante um período, umas para e tal e a minha irmã, minha irmã digamos que é a mais esportista da família. Minha irmã tipo é toda atletinha, era pelo menos. Chegou a jogar críquete na seleção profissional, ela foi competir [...] E teve uma coisa também um pouco de que eu acho que aqueles rótulos que às vezes a gente coloca nas crianças assim tipo, sempre me disseram que eu era desengonçada, que eu era descoordenada e que eu não levava jeito pra isso. É como se assim, tipo minhas habilidades intelectuais eram melhores do que as minhas habilidades físicas. E aí, você acaba meio que acreditando nisso, mas aí depois que eu fui ficando mais velha e tal eu sempre gostei de me movimentar e aí eu comecei a fazer várias coisas. [...] (Lília)

No caso de Maria e Sara, que chegaram a praticar esportes na infância, a adolescência foi um período em que as atividades praticamente cessaram. Quando questionada do porquê ter ficado mais parada na adolescência, Maria respondeu: “*Aí acho que é coisa de adolescente, né, adolescente é sempre meio problemático. Aí eu parei fiquei meio assim procrastinada, sem fazer nada. Só queria ficar deitada dormindo*”

Logo em seguida, após escutar um pouco do histórico delas com esportes e atividades físicas no geral, foi perguntado como elas iniciaram na corrida, dando aqui liberdade para que elas contassem suas trajetórias até o momento atual. Maria contou que seu início na corrida foi aos 37 anos, já depois de ter tido os dois filhos. Ela teve a segunda filha com 29 anos e ao passo que os filhos foram crescendo, Maria se viu incomodada com seu peso e sentiu a necessidade de fazer um esporte mais aeróbico para perder peso. Perguntei a ela se então no começo a intenção com a corrida era estética e Maria confirmou:

Era perder peso, é, foi estético. Aí eu comecei a correr entrei no clube de corrida lá no CEUB, tinha um clube de corrida lá que as meninas que eu trabalho do lado do CEUB, né, minha escola, aí tinha um grupo de professoras que entrou para esse clube de corrida e começou a incentivar “vamos, vamos é legal a gente sair daqui e vai” aí eu fui, aí eu comecei a gostar desse clube de corrida. Comecei a pegar gosto. (Maria)

Maria foi impulsionada pela questão estética, mas conheceu um clube de corrida e começou a pegar gosto depois de incentivada pelas colegas de trabalho que a convidaram e incentivaram a entrar no clube de corrida com elas. Seguindo em seu relato, ela disse ainda que a corrida a transformou, então a prática da corrida superou muito além da questão da estética:

[...] Aí entrei pra academia, entrei na Nad'arte. E aí lá na Nad'arte tinha uma aula de corrida, a Running Class, que aí também eu comecei a correr e a corrida ela mudou a minha vida, completamente eu sou outra pessoa, eu era muito mal humorada eu era chata, sabe? Eu não quero fazer isso, não quero fazer aquilo, aí me deixa eu quero, a corrida me trouxe outra perspectiva de vida. Eu tenho mais vontade de fazer as coisas. Aí a corrida mudou minha vida, eu tenho muito, sou muito mais bem humorada, tenho muito mais paciência. E a corrida hoje além de me ajudar na estética, me ajuda, é tipo uma terapia, assim quando eu tô com a minha cabeça muito cansada, por causa do trabalho. Aí quando eu tô muito estressada, muito cansada a corrida me ajuda, eu fico mais tranquila mais calma, quando eu também estou com algum problema eu vou correr para eu poder pensar melhor para eu esfriar minha cabeça, então assim é a corrida hoje é uma paixão e não era. (Maria)

Quando a questioneei se teria entrado na corrida antes mesmo da musculação, ela confirmou e completou: “*Antes da musculação, foi. Eu comecei a correr antes de fazer musculação. Eu odiava fazer qualquer atividade física da adolescência até os 37 anos*”. Como foi comentado anteriormente, a prática da corrida leva a outras mudanças na vida delas, e com Maria foi dessa forma, porque após iniciar na corrida ela soube da importância de fazer fortalecimento, a famosa musculação, e aí ela entrou na musculação também.

A trajetória de Lília, em seu início na corrida também, contou com o incentivo de uma amiga, que além de ser um exemplo de uma melhora nos hábitos saudáveis, a acompanhou durante o processo de começar a correr e a incentivou a persistir:

[...] Acho que foi em 2021 que eu comecei a correr, e eu não sei exatamente, na verdade tem uma grande amiga que corre que tipo, ela era fumante, gordinha e tal e aí ela começou a correr, emagreceu, mudou de vida e ela ama correr e ela ficava na minha cabeça “ah vamos correr, vamos correr” aí eu “ta, vamos correr”. E eu achava legal a ideia da corrida, sabe? Só que cara, foi um sofrimento assim, porque eu começava, não conseguia fazer, não conseguia correr um quilômetro. Não conseguia, e eu ficava assim xingando, e ela, falava “o que cê tá fazendo sabe, por

que você tá fazendo isso?” e ela foi muito assim, “não vamos, vamos que você vai gostar. Vamos, você vai gostar” e ela ia comigo lá no parque na cidade, na maior paciência do planeta terra. A gente fazia aquela volta, aí a gente tipo, caminhava, corrida, caminhava, corria. Muitas e muitas vezes, assim, tipo sei lá, uns 6 meses eu indo com ela uma vez na semana, duas. [...] (Lília)

Já Sara iniciou na corrida a partir de um incentivo do marido, que é professor de educação física. Ela relatou que ele dava aulas de funcional no condomínio, na época quando ainda namoravam, e para diversificar os treinos ele levava os alunos para correr nas ruas do condomínio mesmo:

Cara, eu comecei na corrida em, eu acho que foi por volta de 2018 ali, que eu comecei a correr no meu condomínio. O meu marido, que na época era meu namorado, ele, para fazer uns treinos mais dinâmicos com a galera era tipo treino de funcional, que ele dava aula no nosso condomínio, onde a gente morava com as nossas mães. E aí ele começou a levar a gente para correr [...] (Sara)

O primeiro gostinho pela corrida veio nas aulas com o então namorado, mas Sara relata que notou surgirem conteúdos sobre corrida no seu celular, redes sociais etc, e foi aí que ela começou a descobrir que existia a corrida de rua como um esporte de fato, viu sobre as corridas e começou a se interessar. Inclusive, no seu relato dos primeiros “passos” na corrida, também há a presença de uma amiga que esteve junto com ela. No caso de Sara, não era uma amiga da corrida, mas uma amiga que “topa qualquer coisa” e assim elas foram incentivo uma para a outra:

[...] E aí eu lembro que a primeira corrida que eu fui é, óbvio que eu não me inscrevi, nem sabia como é que se escrevia nem nada, nem sabia que tinha que se inscrever nada disso, foi na UnB. E foi eu acho que no início do ano de 2019, eu não sabia nada, só que eu tenho uma amiga que ela é aquela amiga que ela topa tudo, ela não corre 1 quilômetro até hoje, mas ela eu falei “amiga, vamos lá comigo” e tal aí ela “tá, então vamos”. As duas que nunca tinham corrido nada. Eu não sabia nem para onde que ia, falei “véi, segue o fluxo” segue o fluxo lá e aí eu lembro que choveu muito muito assim absurdamente. E literalmente nós éramos as últimas da prova com a ambulância atrás da gente e eles foram tipo meio que escoltando a gente. (Sara)

As três entrevistadas procuraram o serviço de uma assessoria esportiva justamente pelo atendimento mais especializado, e com o intuito de melhorar e conseguir permanecer praticando e evoluindo na corrida de rua. Maria chegou a ficar por muitos anos treinando com a planilha feita pelo seu atual personal de musculação, mas ano passado ao decidir fazer uma maratona achou melhor ir para uma assessoria. Já Lília e Sara não demoraram muitos anos depois de terem iniciado no esporte para procurar uma assessoria na cidade.

Passei muitos anos fazendo isso com ele, treinando com essa planilha, aí agora pra maratona, eu acho eu vi a necessidade de mudar porque o Tarcísio também é muito focado na musculação, ele tem muitos alunos, né? É muito ocupado, ele é coordenador atualmente da academia e tem muitos alunos. Aí eu tava não tava vendo um progresso uma evolução na minha corrida aí a minha amiga Alessandra (nome também fictício) que corre também com a gente conhece uma menina que já foi da TIME no passado, da assessoria e falou “vai gente vocês vão gostar” aí agora, só agora que eu entrei na TIME. Na assessoria. Eu nunca tive uma assessoria de corrida, sempre foi assim com personal ou correndo do jeito que eu achava aí agora que eu entrei na assessoria para poder concluir esse projeto aí. (Maria)*

[...] o que que acontece porque eu sozinha, eu até conseguia correr mais, maior distância, mas eu não tava conseguindo reduzir meu pace. Porque cara, porque eu gosto de correr de boa, entendeu [...] Aí, se eu tô de boa, eu não gosto. Aí, se eu for correr de boa, porque que eu vou? Aí assim, eu não conseguia nunca fazer menos de 6:20, 6:15. Acho que o melhor que eu fiz foi sei lá 6:10 um dia e assim, e aí eu comecei a pensar nossa se você quiser realmente, né, melhorar nisso você vai ter que fazer uma coisa mais direcionada. Aí a Laura (nome fictício) falou que... ela que indicou a TIME, ela falou “ah, é legal e tal, o pessoal é legal”. E aí eu nem procurei outras, eu fui, fiz uma aula, eu gostei da vibe do João* (nome fictício) né. [...] (Lília)*

Sara encontrou as assessorias através das redes sociais, então inicialmente ela chegou a contratar um serviço de assessoria on-line, em que não há uma estrutura física para aulas presenciais, você apenas recebe a planilha e orientações de forma on-line, mas treina sozinha. Depois dessa experiência, Sara sentiu falta justamente das interações e companhias que a aula presencial proporciona e procurou uma assessoria que oferecesse esse serviço em Brasília.

E aí a minha primeira foi online, então assim, aí eu evolui e tal, só que começou a fazer falta aquela coisa de você estar com alguém ali para te acompanhar e ter pessoas que fazem a mesma coisa que você, entendeu? Porque você chegava nas corridas você falava cara, onde vivem? o que comem? [...] É, o presencial foi eu, acho que foi, foi no final ali da pandemia porque ali no primeiro ano da pandemia, eu fiquei bem restrita já assim eu não saía, não fazia nada e tal. Inclusive dei uma engordada violenta na pandemia, porque eu não corria e aí eu não tinha, era só no online que dava e aí acho que foi no segundo ano. Acho que foi quando as coisas foram melhorando mesmo que eu fui, que eu entrei pra TIME, eu acho. É, porque assim a única presencial que eu fiz foi a TIME. [...] E aí eu, aí eu comecei a ir no presencial, e eu achei bem melhor assim, na época. (Sara)

Quanto à rotina delas e com elas encaixam seus treinos já podemos ver algumas diferenças nos relatos, isso porque as três entrevistadas estão em momentos da vida diferentes e algumas prioridades vão mudando.

Ao perguntar sobre os horários e a rotina atualmente, cada uma apresentou circunstâncias diferentes, mas uma coisa é fato, a prática da corrida possibilita as adaptações necessárias à rotina e isso facilita a permanência na atividade física. Mesmo com os treinos

presenciais, oferecidos pela assessoria, é possível que a aluna adapte aos seus horários se necessário, sem perder tanto a constância.

Então hoje, atualmente, eu tô na Assessoria. Aí eu faço três vezes na semana, né? Terça, quinta e sábado e eu eu tento eu treino lá no Noroeste e no parque da cidade no sábado, mas eventualmente quando não dá eu faço treino na esteira ou eu corro lá perto da minha casa mesmo. Na terça-feira agora mesmo, eu fiquei com medo de chover porque tava meio nublado, falei “Ah, não vou ficar aqui esperando para chegar na hora H e desmarcar o treino.” Aí eu já fui para casa e já corri lá perto da minha casa mesmo. (Maria)

Depende, eu geralmente vou, geralmente vou pro noroeste porque eu moro aqui aqui no final da asa norte, então eu acho mais fácil chegar no noroeste, mas não sei depende assim, depende se eu me enrolei também com coisa de trabalho sei lá, essa semana também estava trabalhando muito aí eu tava indo sozinha de manhã dia seguinte, na sexta de manhã, sabe? (Lília)

É, eu tenho feito mais no Noroeste ou lá no meu condomínio [...] então assim a questão de eu tenho organizado para eu vir para o plano toda Terça e quinta aí eu venho para cá pro CEUB, para eu ficar trabalhando ou estudando aqui, aí eu não marco nenhum cliente ou se marcar cliente eu marco com ele pessoalmente aqui no plano, mas tem que ser aqui e aí para eu poder ir para corrida no Noroeste, porque senão a coisa não encaixa, que se eu tiver em casa para eu descer só para correr e voltar eu não vou fazer então eu tenho que organizar, tipo toda terça e quinta eu me obrigo a vir pra cá pra poder conseguir ir lá no treino. (Sara)

Após escutar um pouco sobre a rotina delas com os treinos, perguntei como elas encaixam os treinos nas rotinas e se elas sentem alguma dificuldade. Maria relatou que hoje em dia já não sente mais tanta dificuldade, pela fala anterior, suas adaptações são mais em relação ao clima ou algumas circunstâncias, mas no geral atualmente têm sido mais tranquilo do que a alguns anos atrás:

Então hoje em dia eu não tenho mais dificuldade. Porque eu já estou prestes a me aposentar; que eu vou me aposentar no ano que vem, em julho do ano que vem eu já tenho direito a aposentadoria. Então eu tenho uma redução de carga horária. Então hoje em dia para mim a minha vida é tranquila, então eu não tenho problema em me adequar, encaixar os treinos nos meus horários, porque eu não tenho uma vida tão atribulada, né? Eu dou aula só de manhã, eu não dou mais aula à tarde. E aí tem dia à tarde que eu não vou trabalhar. Então, eu tenho bem mais tranquilo. (Maria)

Quando lhe perguntei se antes ela sentia mais dificuldade de ter os treinos na sua rotina, ela relatou que sim. Segundo Maria, antes de entrar nessa fase próxima à aposentadoria, ela tinha uma carga horária maior, e que após 20 anos de magistério ganhou a redução da carga horária, e tudo isso influenciou muito a rotina dela, no geral :

Antes, eu dava aula de manhã e de tarde, eu tinha turma de manhã e de tarde, eu trabalho com criança pequena, então eu ficava muito exausta, meus filhos eram pequenos. Então tinha que levar na escola, tinha que buscar na escola, tinha aquilo

isso tinha que aquilo a empregada ficou doente, não veio trabalhar tem que ficar em casa, tem que cuidar dos meninos, então era muito mais difícil, antes. Hoje em dia não, meus filhos são adultos. Eu tô nesse nesse esquema de já quase me aposentando então eu não tenho mais tanto desgaste. Né? Então é bem melhor, mas antes era bem mais difícil. Eu não tinha, eu não tinha muita regularidade assiduidade nos treinos, qualquer é, qualquer coisinha “Ah, não vou correr hoje porque a empregada não foi eu tenho que ir para casa. Ah, não vou correr hoje porque eu tô cansada, tô com dor de cabeça. Ah, não vou correr hoje porque ai tô ah, aquela turma foi muito difícil, tô estressada”, então é, era diferente, era diferente. Hoje em dia é bem melhor. (Maria)

Ou seja, para Maria, que trabalhava integralmente e teve dois filhos nesse processo, a rotina de treinos na época não era tão assídua e viável como é atualmente. Sem contar que além das atividades que precisava desempenhar no trabalho e como mãe para as atividades relacionadas aos filhos, se sobrava tempo o cansaço falava mais alto. Por isso, hoje em dia com a carga de trabalho reduzida e os filhos adultos, Maria já consegue se dedicar mais à prática da corrida e se manter mais assídua nos treinos.

Lília relatou um pouco de como ela tenta organizar seus treinos nos dias que os filhos estão com ela. Como foi dito anteriormente, ela e o pai dos meninos fazem guarda compartilhada. O relato de Lília apareceu em um outro momento da entrevista, em que conversávamos sobre a prática da corrida na rua sozinha, ou seja, em momentos em que não é possível estar nos treinos presenciais da assessoria.

Aí também tem a questão dos filhos assim porque eles tão comigo full time, desde o dia, desde a sexta-feira agora, última sexta-feira e vão ficar até dia 4 de janeiro e eu tô me preparando pra uma prova, então tipo assim eu não tô dando folga, eu tô correndo treinando normal, assim. Como eu to com eles, eles até ficam já sozinhos para eu correr de boa só que assim eu não posso ficar fora 2 horas, entendeu? [...] Aí eu meio que deixo eles e eu corri ali, eu não vou pegar o carro pra ir pra um lugar pra daí correr, entendeu? (Lília)

Nesse caso, quando os filhos estão com ela o que fica viável é fazer os treinos perto de casa mesmo, mas pra isso ela precisa correr em calçadas desniveladas, ruas escuras e sozinha, temas que foram discutidos no final da entrevista.

Além de conhecer sobre a trajetória delas e como atualmente se dá suas rotinas de treino, também foi esperado escutar delas se há alguma inspiração para elas quando falamos de mulheres na corrida e o que elas pensam e enxergam quanto às mulheres na corrida. Quando questionadas em relação a algum obstáculo na prática da corrida, foi deixado em aberto a possibilidade para que elas falassem sobre a questão de organização do tempo, sobre estar nas ruas praticando o esporte e até mesmo em relação ao corpo.

Tanto Maria quanto Sara partiram de um ponto fisiológico, e expuseram suas opiniões a partir do corpo da mulher ao falar sobre os obstáculos na prática da corrida ou o que pensam sobre mulheres na corrida. Já Lília afirmou não enxergar obstáculos para a sua prática, apenas se fosse num contexto de profissionalização do esporte.

Maria, inicialmente, partiu do ponto de vista do corpo da mulher e das questões hormonais envolvidas no desempenho da atividade física. Mas ao longo da fala ela pontuou também sobre o perigo da mulher correr sozinha, e não só em relação ao crime como ela mesma fala, mas também quanto ao assédio:

[...] assim eu vejo assim que para mulher eu acho mais difícil até na questão hormonal, né? Tem a parte quando a gente tá menstruada é muito ruim correr a gente eu eu por exemplo, eu passo muito mal, eu tenho muita cólica, eu sinto muita dor e eu acho eu não tenho muita certeza, mas eu acho que eu já to meio que entrando na menopausa, então isso também dá uma influenciada no desempenho, você fica mais cansada, né? Você fica mais desanimada nessa questão dos hormônios, né? Tem essa questão também que pra mulher correr sozinha é difícil, é perigoso. Né, a gente fica com medo, né? Até de de não é só de violência de crime, mas até de assédio mesmo, né de alguém chegar e ficar né? Mexendo que é comum, às vezes você corta correndo aí passa aquele povo de carro fica buzinando, né falando besteira então eu acho que só nesses aspectos mesmo, no restante. (Maria, grifo nosso)

É interessante analisar que em sua fala Maria traz pontos relevantes como as alterações hormonais devido ao ciclo menstrual, e quando a partir de certa idade chega-se à menopausa isso pode ser ainda mais desafiador. Além dos incômodos com questões próprias do corpo, Maria relatou o medo de correr sozinha e estar exposta à violência e ao assédio. E mesmo tendo pontuado aspectos relevantes e importantes, ela finaliza sua fala afirmando que são “só” esses aspectos. Ainda confirmo perguntando se ela “não sente nada” e ela afirmou: “Não”.

Quando Sara foi questionada sobre o mesmo ponto, ela afirmou que via vários obstáculos na prática do esporte e de forma similar à fala de Maria, ela também comentou sobre as questões relacionadas ao ciclo menstrual e depois também pontuou a segurança e o medo de estar correndo sozinha na rua.

Vários. Cara, a própria questão do ciclo menstrual, por exemplo, é uma coisa que antigamente até ano passado não me influenciava tanto porque eu tinha um implanon aquele é um tipo um chip assim né.[...] (Sara)

[...] E aí era totalmente regulado e eu não menstruava porque ele não deixa menstruar nem nada. Então assim é ter isso era muito, era muito confortável que eu não tinha alterações hormonais significativas digamos assim e já tem um ano

porque foi em novembro desse ano que eu tirei. E aí eu botei o Diu, que é só é cobre com prata, alguma coisa assim e ele é basicamente uma barreira física e então assim. Ele não tem nada. Eu falei “gente”, eu sofro horrores morro de vontade de fazer, eu quero hormônio, pelo amor de Deus, eu não aguento ser natural, porque você tem muitas alterações, eu, pra você ter noção, eu engordo 2 kg no período ali pré-menstrual até menstruar cara é uns 2 kg na balança fácil, é as roupas que ficam inchadas, é o chocolate que dá muita vontade de comer e eu tenho intolerância à lactose, então é uma merda, tudo bagunça, eu fico extremamente irritada, eu fico com peito muito dolorido, então assim tudo isso influencia ali na corrida que já não vai ser um treino bom, não vai ser confortável. Se eu tiver uma prova para fazer eu vou achar ruim, então assim, isso já atrapalha por si só, entendeu? Eu acho que na falando de uma questão fisiológica da mulher isso já atrapalha. E a outra questão que eu acho é a questão da segurança, cara que infelizmente eu às vezes vejo sei lá uma pessoa correndo sozinha assim. Ontem a gente tava indo pro aniversário e vi na rua dois caras correndo e eles não estavam juntos assim, eles estavam separados e tal. Aí eu “filho da mãe, ele pode correr na rua agora, se fosse eu tava ouvindo buzinação, tava com medo, tava com não sei o quê”. (Sara)

Em sua fala, Sara demonstra certo descontentamento em dizer que os homens que ela viu correndo à noite podem fazer isso sem um medo tão grande, já ela, se se arriscasse a correr sozinha naquele mesmo horário estaria exposta à cantadas e buzinas, e mesmo sem isso ainda há o medo de a qualquer momento algo acontecer.

É importante considerar que aqueles que são o motivo dos medos e inseguranças dessas mulheres de correrem em qualquer horário sozinhas na rua, muitas vezes são os únicos que conseguem sair pra correr sozinhos em qualquer horário.

Além disso, todas as entrevistadas relataram que a prática da corrida é, muitas vezes, terapêutica para elas, mesmo que para algumas a motivação inicial tenha sido estética, o que as fez permanecer praticando o esporte foi o bem-estar e a mudança de hábitos no geral. Quando as perguntei quanto à importância da corrida para a vida delas, foi unânime: a corrida foi um divisor de águas.

Mudou a minha vida. A corrida mudou a minha vida, a prática de atividade física no geral mudou a minha vida, mudou, eu me sinto outra pessoa eu me sinto mais calma, eu me sinto mais disciplinada para atingir meus objetivos, eu me sinto menos estressada que eu era muito nervosa, muito pavio curto, então eu sinto que eu consigo hoje em dia controlar melhor minhas emoções, lidar melhor com a vida também sabe na questão de me divertir mais, eu tenho ânimo para sair para ficar em pé várias horas para curtir, né coisa que antes eu não tinha e hoje eu saio, vou pra show, eu fico em pé não sei quantas horas e tal não vamos fazer vamos, tô sempre animada, então isso realmente mudou muito a minha vida, eu acho eu acho que até as pessoas ao meu redor que tem muita convivência comigo notam, né? O antes e o depois, eu me tornei uma pessoa muito melhor. Com a corrida. (Maria)

Cara. Sinceramente, eu acho que é saúde mental assim, eu gosto muito, eu tenho boas ideias quando eu tô correndo. é um momento além de claro da questão física mesmo, de saúde e tal, é um momento que inspira muito a minha imaginação. Por isso que às vezes eu corro com celular, o João (nome fictício) até briga de eu correr com o celular, mas é porque às vezes eu preciso escrever alguma coisa de*

ideia que eu tive de um processo, uma publicação que eu tenho que fazer alguma coisa assim, então a corrida tem esse bônus assim que eu gosto muito que é ela, me dá um momento, tipo muito bom de às vezes escutar uma vídeo aula, às vezes escutar uma palestra ali no fone que normalmente as pessoas falam que escutam, correm estando música, né? Eu escuto vídeo aula de jurisprudência e eu acho muito gostoso, entendeu? Então é como se fosse um estudo passivo, mas é um estudo mais gostoso assim me dá um me tranquiliza bastante sabe? Tipo eu eu aprendo mais ali naquele momento. (Sara)

Ah, acho que é meio meu, hoje, nossa hoje é muita coisa assim, mas eu acho que hoje é o meu remedinho, assim sabe, tipo é o meu canalizador de bem-estar porque se eu tô se eu tô irritada, se eu tô ansiosa, se eu tô feliz, se eu tô qualquer coisa, eu gasto essa energia sabe, é, então não é só a questão física que claro que é ótimo, né? O aeróbico que você vai que você gasta energia, não é só isso, é tipo é uma coisa que faz muito bem pra minha cabeça. Ajuda a colocar as ideias em ordem, sabe? (Lília)

É importante reconhecer que, por mais que seja algo realmente positivo e que tenha impactado a vida dessas mulheres, ter a corrida como uma forma de bem-estar físico e mental é um privilégio proporcionado pelos contextos sociais que essas mulheres estão inseridas.

Assim como observamos em Pisani (2018), uma das equipes etnografadas pela autora, equipe Pelado Real Futebol & Arte, era composta apenas por mulheres de classe média-alta de São Paulo e para elas, o futebol se caracteriza como uma prática de atividade física e de lazer, mas não assume um lugar de profissão na vida delas. De certa forma, as mulheres aqui entrevistadas se encontram na mesma situação, são mulheres de classe média e média-alta de Brasília, que participam de uma assessoria de corrida através do pagamento de uma mensalidade e assim praticam o esporte. Por mais que tenha uma relevância e uma importância para elas, não há a pressão de fazer disso uma fonte de renda.

Quando perguntei a Lília se ela enxergava obstáculos para a prática da corrida, como mulher, ela respondeu, de certa forma, de acordo com essa lógica presente que vemos em Pisani (2018) e como o esporte se apresenta de modos diferente dependendo da forma como ele é levado, se é profissional ou apenas lazer.

Cara, eu não sinto isso não sabe, eu acho que se eu fosse me profissionalizar aí sim, assim eu não tenho dúvida aqui, por exemplo, acho que que corredores homens têm muito mais investimento, não todos, acho que é um esporte em geral no Brasil ele é uma não tem investimento suficiente e tal, mas eu acho que corredores homens ou triatletas homens têm mais investimento e reconhecimento do que mulheres, até porque na corrida tem aquela coisa, né assim o nosso tempo já é diferente tipo, a gente já tem, já é tudo diferente, sabe, então nossa o homem tipo quando você pensa assim ah igual um amigo meu me viu correndo, mas eu “nossa passou por mim o próprio Usain Bolt”, não falou a referência de uma mulher, uma referência, a referência é sempre masculina assim, né?

[...] Mas isso não chega a me afetar. Não chega a ser uma questão assim, tipo como eu não corro profissionalmente. (Lília)

Entrevistadora: Não chega a impedir assim sua prática?

Não, e eu vejo, que por exemplo, tem muitas colegas, você corre, tipo tem muitas meninas ali correndo com a gente, muitas mulheres. Então eu não acho um grande problema, não. (Lília)

Nos capítulos anteriores, em que foram apresentadas as histórias de mulheres na corrida e também o histórico das mulheres nos esportes em geral, observou-se realmente que os incentivos para o atleta homem são melhores e mais comuns, enquanto que para atletas mulheres são escassos e quando são melhores é resultado de uma luta política.

Além disso, essa fala de Lília também nos remete ao que Pisani (2018) discute, quando refletimos que, as mulheres e meninas que ela vê ali praticando corrida e treinando nos mesmos ambientes que ela são mulheres que podem pagar para estar ali. Além da capacidade financeira, há a possibilidade de tempo e deslocamento no espaço urbano para estar presente ali na assessoria.

Se estivéssemos olhando também para mulheres em contextos sociais diferentes, possivelmente encontraríamos lacunas sociais que não facilitariam a prática do esporte. Já vimos nos capítulos anteriores que o esporte não se apresenta como uma realidade acessível para todas, seja na intenção de se profissionalizar ou não, o esporte não é prioridade caso você não possa pagar ou sustentar essa prática.

O que possibilita a prática da corrida para as entrevistadas, é, querendo ou não, a capacidade financeira de pagar pelos treinos, é estar em uma realidade social e econômica que possibilita a prática do esporte algumas horas na semana. Os contextos sociais que envolvem a vida dessas mulheres é um fator importante para a prática da corrida de rua.

E aqui cabe reforçar que, não é uma forma de desmerecer os esforços físicos, mentais e até mesmo financeiro que elas fazem para praticar o esporte, é uma escolha estar ali e investir na saúde e no bem-estar mental, elas poderiam ter escolhido outros caminhos. Mas é importante reconhecer que, justamente esse poder de escolha é um privilégio, pois não é um poder que se apresenta para todas as mulheres. E aqui, o que hooks (2015) afirma é mais uma vez reforçado, não são todas as mulheres que são oprimidas, haja vista que segundo a autora, opressão é a ausência de opções, e essas mulheres tiveram e têm opções.

[...] Ser oprimida significa ausência de opções. É o principal ponto de contato entre o oprimido(a) e o opressor(a). Muitas mulheres nesta sociedade têm escolhas (por mais inadequadas que possam ser); portanto, exploração e discriminação são palavras que descrevem com mais precisão a sorte coletiva das mulheres nos Estados Unidos. Muitas delas não participam da resistência organizada contra o sexismo precisamente porque o sexismo não têm significado de absoluta falta de opções. Elas podem saber que são discriminadas em função de sexo, mas não equiparam isso a opressão. No capitalismo, o patriarcado é estruturado de forma que

o sexismo restrinja o comportamento das mulheres em algumas esferas, mesmo que, em outras, haja liberdade em relação a limitações. [...]. (hooks, 2015, p.197)

Sabemos que os exemplos externos são influências importantes para incentivar mulheres e meninas a praticarem esportes. Dessa forma, questionei as entrevistadas se elas teriam alguém como inspiração ao pensar e falar sobre mulheres na corrida. Elas poderiam responder sobre pessoas presentes no seu cotidiano, as “pessoas reais”, ou também atletas profissionais e outras influências mais distantes de seus cenários do dia a dia.

Maria respondeu que sua inspiração na corrida é seu marido e que também admira muito o pai, que praticou futebol a vida toda e atualmente ainda mantém uma assiduidade na prática esportiva. Interessante observar que a pergunta se referia às mulheres na corrida, e mesmo tendo uma amiga que a chamou para a assessoria e vive junto a rotina da corrida, suas influências foram o marido e o pai. O marido de Maria sempre correu, desde a época que eles namoravam e por muitas vezes a chamava para correr com ele, agora os papéis se modificaram um pouco e é ela quem sempre o chama para correr.

Então eu tenho assim meu marido, né? Assim a gente tá junto há muitos anos. Ele sempre correu, ele sempre me incentiva. Ele sempre foi assim um modelo para mim de sempre praticou atividade física, sempre gostou meu pai também, meu pai é uma pessoa que pratica tipo joga futebol a vida inteira, meu pai tem 74 anos e joga futebol até hoje três vezes na semana, sabe não desiste e assim eles são uma inspiração para mim. Quero chegar lá com 74 anos, 80 e tá lá correndo. (Maria)

Já Sara disse que até vê as pessoas nas redes sociais, mas que ela reconhece um grande limbo que existe entre o que é postado nas redes sociais e a vida real. Portanto, para Sara, sua inspiração é uma amiga que conheceu através do marido, mas que as duas encontraram a paixão pela corrida como um ponto em comum. Além dessa amizade, Sara disse que admira muito as mulheres mais velhas que se dedicam à prática da corrida.

Cara, eu gosto de inspirações reais assim, às vezes a gente fica olhando em Instagram, né? Essas coisas a gente fala “nossa, fulano é perfeito”, mas mano a vida na internet e a vida real eles têm um limbo muito grande. Então eu me inspiro por qualquer mulher que seja empurrando um carrinho de bebê correndo, para começo de conversa assim eu olho eu já fico moça, espera aí, deixa eu bater uma palma para você, porque você é espetacular não sei o quê, mas eu gosto muito assim da minha amiga que corre, a Taís (nome fictício). A gente, acho que você já deve ter visto ela comigo, ela corre super bonitinho assim, sabe. Ela se organiza para ir fazer os treinos dela e tal, eu acho bem legal, só que ela tem um ritmo de vida diferente do meu, entendeu? Por exemplo ela namora, mas ela mora sozinha, então assim ela já está estabilizada na vida dela, tipo ela dá ela é professora e tal então assim ela já tem aquela rotina de uma mulher que trabalha, sustenta e beleza. E aí eu não, eu ainda tenho aquela rotina de dividir uma casa com alguém, porque isso às vezes dá mais trabalho do que você morar sozinha e também de também estudar para o concurso. Então assim, isso dificulta, mas eu acho muito legal assim o*

quanto ela é dedicada sabe na corrida e o que ela faz dos treinos direitinho e não e não falta e não tipo sério, ela é muito focada. Eu gosto muito disso assim e acho que, véi, todas as mulheres mais velhas assim, eu já acho super legal assim eu falo caralho, velho, pessoa com essa idade está correndo mais do que eu, mano. (Sara)

Lília confessou que ainda não chegou nesse nível em relação à corrida. Ela explicou que, por não gostar de ficar se comparando quanto à sua evolução na corrida, ela consequentemente não olha para outras mulheres que poderiam ser uma influência. Ela considera que ainda não “entrou tanto no esporte” para acompanhar atletas profissionais.

Ai cara, assim eu deveria, mas eu não sou não ficou eu não, eu não cheguei lá, talvez eu cheguei assim tipo, por exemplo, quando eu saio com essa, com a, eu fui com a Giovanna (nome fictício), né, um dia e aí ela do lado passou uma menina assim e ela “nossa, essa mulher é muito sinistra, não sei o que nanana” passou uma outra “essa mulher. não sei o que” . E eu tá, eu acho legal, mas eu acho que eu tenho coisa, eu não quero ficar me comparando, acho que é por isso que eu gosto de correr sozinha porque eu não quero ficar. Eu quero saber do meu pace, o quanto eu evolui, eu não gosto de ficar assim, sim eu sei que tem gente muito boa, mas sei lá ainda não entrei talvez tanto no esporte para ter, acompanhar corredoras profissionais, pra ver o que elas tão falando, dá dicas. Sei lá, não entrei muito nisso não. (Lília)*

A última subdivisão do segundo bloco foi sobre a relação da corrida com o espaço urbano, portanto, esperava-se escutar como elas se sentem ao estar na rua, qual a sensação de estar fazendo exercício físico na rua e por fim também conversamos sobre como elas pensam e enxergam as violências urbanas contra as mulheres.

Para pensar a relação do corpo com o espaço urbano utilizamos o conceito de “corpografia” de Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto (2012). As autoras tratam a corpografia como a relação entre o corpo e a cidade:

Chamaremos de corpografia urbana este tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, que corresponde a diferentes memórias urbanas que se instauram no corpo como registro de experiências corporais da cidade, uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas que, ao mesmo tempo, configura o corpo de quem a experimenta. (Jacques; Britto, 2012, p. 144)

A ideia desse conceito elaborado por Jacques e Britto é pensar uma alternativa para o fenômeno de espetacularização das cidades que acontece na contemporaneidade. Segundo as autoras, a espetacularização das grandes cidades acaba por causar a “domesticação da experiência urbana corporal, sensível e perceptiva, na contemporaneidade.” (Jacques; Britto, 2012, p. 154). Para elas, estudar as corpografias urbanas é uma forma de contribuição para auxiliar no questionamento de projetos urbanos atuais, que se baseiam em uma lógica

“privatizadora, homogeneizadora e pacificadora dos espaços públicos.” (Jacques; Britto, 2012, p. 154).

É necessário olhar para o corpo e o espaço urbano quando falamos de uma prática esportiva que tem sua premissa de ser realizada nos próprios espaços urbanos. O nome da modalidade, o que a diferencia das outras formas de corrida, é corrida de rua, portanto, espera-se que os praticantes usem o espaço da rua.

A contribuição de Jacques e Britto (2012) para analisar a fala das entrevistadas sobre o sentimento de “estar na rua”, está no fato de que as autoras consideram que a cidade não é apenas um plano de fundo. A partir do momento em que a cidade é vivida e praticada, ela já não é mais apenas um cenário e se torna um outro corpo.

A cidade, ao ser praticada, deixa de ser cenário e “ganha corpo” pelo uso cotidiano, tornando-se *outro* corpo: uma alteridade com a qual o corpo do cidadão se relaciona sob a mediação dos projetos e planejamentos urbanos que disciplinam essa dinâmica relacional com regras segregatórias, baseadas em princípios de assepsia, acessibilidade, segurança e estetização, e que apenas contribuem para a manutenção da dissociação entre corpo e cidade. (Jacques; Britto, 2012, p. 153).

A relação abordada pelas autoras entre a corpografia e a espetacularização das cidades também evidencia o caráter e o contexto social. Em Jacques e Britto (2012), há a discussão acerca da privatização dos espaços públicos a partir de uma justificativa de manutenção da segurança das populações, mas segundo elas, essa privatização uniformiza as paisagens do espaço urbano e os torna segregatórios dentro de sua dinâmica social. Ou seja, haverá um determinado grupo e classe social que será impedido ou terá o acesso a determinados espaços públicos dificultados, porém isso acarreta em consequências acerca da sociabilidade e corporalidade dos habitantes (Jacques; Britto, 2012).

Ao pensar a questão do esporte e da interação dos corpos com a cidade, é preciso refletir sobre como a cidade de Brasília se apresenta para os corpos que aqui habitam. Há todo um campo de discussão acerca da construção de Brasília, mas aqui vamos nos concentrar em como se deu a determinação dos espaços e como ela é atualmente.

Brasília foi uma cidade criada e planejada com o propósito de levar a capital do país para o interior. O projeto pretendia inaugurar uma cidade progressista, símbolo da modernização e dos novos tempos para o Brasil, inclusive, Alves (2005) afirma que a literatura sobre arquitetura moderna brasileira utiliza Brasília como exemplo de uma cidade modernista.

A construção da cidade teve como ponto de partida dois eixos que se cruzam, o eixo rodoviário e o eixo monumental e a partir dele foram criadas as ramificações da cidade (Alves, 2005).

[...] E foi a partir desses dois eixos principais, o rodoviário e o monumental, que a cidade se ramificou. Ela foi projetada em função de três escalas diferentes e complementares: a escala coletiva ou monumental, construída ao longo do eixo leste/oeste e onde podemos destacar a Praça dos Três Poderes; a escala quotidiana ou residencial, ao longo dos eixos norte/sul, sob a forma de unidades de vizinhança, constituídas por superquadras dispostas em seqüência, em ordem dupla. No entorno do cruzamento de ambos os eixos, encontramos a escala gregária ou concentrada, onde estão localizados os cinemas, os teatros e os centros de diversões. (Alves, 2005, p. 126)

Dessa forma, temos o que hoje em dia é conhecido como o Plano Piloto, onde antigamente se entendia por ser a cidade toda, Brasília toda era constituída por essas áreas. No entanto, ao longo da construção e com a inauguração da cidade foram chegando muitas pessoas para trabalhar na obra e que permaneceram na cidade. Tanto é que, o Núcleo Bandeirante, conhecida como cidade livre, foi um local de apoio para a construção e abrigou trabalhadores da obra da capital, e os que lá permaneceram foram os operários que não conseguiram sustentar as condições de vida exigidas para se viver no Plano Piloto (Alves, 2005).

Portanto, construía-se ao redor da ideia de Brasília uma utopia, uma cidade que repararia os danos sociais presentes em tantas outras cidades do Brasil apenas através de seu planejamento e ideais daqueles que a construía. No entanto, parecem ter esquecido ou intencionalmente maquiado o fato de que, construir uma cidade modernista e progressista não é condição para se ter uma população vivendo de forma mais igualitária. Pelo contrário, o que aconteceu em Brasília foi o afastamento dos operários e pessoas de menos condições financeiras da cidade, que hoje conhecemos como Plano Piloto e o aumento de cidades satélites, que hoje em dia são chamadas de Regiões Administrativas, RA.

Diante destas considerações, a cidade nova engendra um paradoxo: sobre um intenso horizonte, foi construído um dos maiores conjuntos arquitetônicos modernistas do mundo, engravado no centro de um país, e no seu entorno vivem pessoas em condições de vida abaixo da linha estipulada pela ONU. (Alves, 2005, p. 129)

As intenções nos projetos arquitetônicos de Lúcio Costa não poderiam mudar toda a realidade social de um país. Houve uma forte ilusão de que com a construção da nova capital, o Brasil estaria em um caminho com novos rumos, porém esqueceu-se que a cidade seria habitada e vivida pelas mesmas pessoas, dentro de um mesmo sistema socioeconômico.

Aqui, mais uma vez podemos pensar no conceito de corpografia, de Jacques e Britto (2012); os corpos que construíram a cidade e nela permaneceram, se relacionaram e se relacionam até hoje, construindo uma experiência interativa entre o corpo biológico e os contextos do ambiente (Jacques; Britto, 2012)

Os arquitetos e urbanistas que pensaram e tiraram Brasília do papel podem ter tido seus ideais e planos para a cidade, e por mais que fossem bonitos de se ver e ouvir, não significa dizer que a realidade se apresentaria da mesma forma como eles planejaram.

A cidade se expandiu, recebeu pessoas de diversos outros estados, com culturas diferentes, de contextos diferentes e foram essas pessoas que aqui viveram e se relacionaram com a cidade que a construíram. Para essas pessoas, a cidade não foi aquilo que foi projetado, elas vivenciaram esses espaços de forma diferente e até mesmo criaram outros espaços (Jacques; Britto, 2012).

Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações feitas nos espaços que instauram dinâmicas que legitimam ou não aquilo que foi projetado, isto é, são essas experiências do espaço que os reinventam. Para os praticantes ordinários, a cidade deixa de ser somente uma *cenografia* no momento em que ela é vivida e esta experiência, pela constância de prática, inscreve-se no corpo como padrão de ação perceptiva. (Jacques; Britto, 2012, p. 154, grifo do autor)

O Plano Piloto é a área de Brasília que foi toda planejada e é nele que se encontra o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, inaugurado em 1978. O parque fica na área central de Brasília e é considerado o maior parque do Brasil e o maior parque urbano do mundo, com uma área de 420 hectares, segundo o site da Secretaria de Estado de Esporte e Lazer, SELDF.

O Parque da Cidade, como é comumente chamado, tem um espaço grande para a prática de vários esportes, principalmente a corrida e o ciclismo. O parque conta com 3 percursos de corrida, oficialmente as voltas tem 4km, 6km e 10km. É um ótimo espaço para a prática da corrida principalmente por ser grande e sem interferência do trânsito de veículos automotivos, porém, como as entrevistadas relataram, ao final da tarde e pela noite já não se torna um lugar seguro e atrativo por conta da baixa iluminação e segurança do parque.

Ainda assim, mesmo com a questão da iluminação em certos horários, o parque ainda é o lugar mais viável para treinos em qualquer dia da semana, porém ele fica numa área privilegiada de Brasília, e por vezes o acesso não é facilitado. Sara até relatou que só o deslocamento para o local de treino já contava muito tempo da sua rotina, e isso considerando

que ela usa um carro para se locomover, se estivéssemos pensando em transporte público, o problema seria ainda maior.

É, lá nos condomínios, não tem nenhuma assessoria de corrida, pra você ter noção não tem nenhuma assessoria de corrida e eu acho que é mais essa questão da distância e da minha rotina mesmo, porque hoje eu faço o Home Office, né? Então acaba que, por exemplo, se eu for descer para o plano só para fazer isso, aí eu desço aí tem que voltar para casa e já é uma puta gasolina. E aquela coisa que a gente se engana, se engana assim para quem já faz parte há mais tempo sabe, que quando você fala “Ah, vou só treinar uma horinha por dia”, não é só uma horinha, entendeu? A verdade é essa, as pessoas falam “mas você não tem uma hora?” era aquele discurso dos nutricionistas. Quando você, “você não tem uma horinha pra fazer atividade física?”, cara, não é só uma hora porque você tem horário que você levanta, se arruma, toma um café da manhã, aí você vai para atividade, se for longe, quanto tempo, tipo da minha casa até o parque é 30 minutos, então assim [...] É, só de ida e volta é uma hora então assim se eu enrolar um um mínimo ali já ia atrasar tudo, entendeu? (Sara)

Além do Parque da Cidade, no Plano Piloto ainda há um outro parque, que não é grande e menos querido pelas corredoras por ter muitas subidas e descidas, o Parque Olhos D'água. Há também o Eixão do Lazer aos domingos e feriados, situação em que, por lei, o Eixo Rodoviário que atravessa todo o Plano em linha reta, é fechado para os automóveis das 6h às 18h e fica aberto para a população se exercitar, brincar, enfim, utilizar aquele espaço como pedestres.

Mesmo com esses espaços, a população também foi adaptando calçadas e ruas da cidade para a prática da corrida, sempre com atenção ao trânsito e à segurança. Calçadas que percorrem as entrequadras, gramas e até mesmo a rua em que transitam os carros são utilizadas para a prática de esportes. Porque assim como Jacques e Britto (2012) discutem, mesmo que os espaços sejam projetados, são as apropriações e improvisações ali vivenciadas que irão legitimar os espaços.

Esses espaços aqui apresentados se encontram, todos, na região do Plano Piloto, localizado em área privilegiada de Brasília. E por mais que as três mulheres entrevistadas nesta pesquisa se encontrem em uma posição econômica de maior privilégio, elas também sentem alguns obstáculos em relação aos locais e à centralização desses espaços no Plano Piloto, haja vista que duas delas moram mais distante um pouco. O que muda, para elas, em relação a outras áreas é que ambas moram em condomínios fechados, o que possibilita a prática da corrida sem necessariamente se arriscar na rua.

Maria e Sara já logo no início da fala relataram sentimentos como medo de estar sujeita a algum crime na rua e medo do trânsito. Lília, inicialmente, disse não se considerar

uma pessoa medrosa e que já viveu em lugares mais perigosos, pela sua fala podemos entender que ela faz uma comparação entre os perigos, e Brasília seria “dos males, o menor”.

É, assim tem a questão do perigo, né das pessoas mas sabe também o que que eu acho ruim de correr na rua? Eu tenho eu tenho medo do trânsito, dos carros, eu acho às vezes que as pessoas não respeitam muito, aí você tá correndo aí não vem ninguém na pista o carro em vez de se afastar de você, não passa colado em você, sabe então assim tem pouca cicloviária, né assim aqui em Brasília, você vê aqui, né? Tem não tem assim na Asa Norte até tem mas sempre tem um pedaço que você tem que, que passa carro que você tem que parar atravessar para você continuar correndo para atravessar a rua não sei o quê, então assim eu tenho um pouco de medo também do trânsito e assim também quando eu às vezes a gente corre lá no Lago Norte, eu tenho também um pouco de medo dos ciclistas, eu acho eles meio malcriados, eu acho eles assim se acham dono da rua, eles passam com aquele monte de bicicleta e fica sabe sai da frente gritando. (Maria)

Cara, eu acho que é um medo assim de imediato que você seja roubado e perca seus objetos ali de valor, né? E o trauma também de você ser assaltado, mas nós mulheres vivemos com outro b.o que é o medo de ser estuprada assim. Então eu lembro que teve uma vez que eu tava correndo no parque e era na época a Time ainda tava lá no final da tarde. Eles até voltaram agora e eu lembro que eu corria cara, eu só olhava para dentro das árvores, olhava para trás toda hora tanto é que eu cheguei em casa com o pescoço doendo porque a gente tem esse Plus digamos assim, essa preocupação a mais, não que o homem não vá ser estuprado na rua, mas a gente sabe que isso é bem mais difícil de acontecer. Então assim, é realmente é correr em qualquer espaço, tipo sinto falta de outros espaços em Brasília, sabe que tivesse que por exemplo tem aqui o parque é Olhos d'Água, né? [...] mas assim se você for correr é ali na altura do eixinho do lado de dentro das quadras, cara, ali talvez você tenha medo de ser assaltado e tudo mais então assim a gente precisa todo se organizar para poder treinar em grupo ou treinar em algum lugar que seja seguro então, por exemplo, eu tenho o condomínio da minha mãe que aí eu consigo entrar e treinar lá dentro, mas ali no no Lago Norte sozinha, tipo cara. De noite, eu não vou treinar sozinha lá, eu já eu já fui dessas, a louca e ia para os lugares, parava num lugar aí você começa a ficar com aquelas nóia na cabeça de aí tô com a chave do carro, aí isso, aí aquilo. Aí você vai evitando assim, então eu não vejo muitos espaços na cidade para isso, sabe? Que que tivesse, por exemplo, ali no Noroeste, é um espaço que se quer era para aquilo né, meio que eles falaram, vamos fazer assim e vai dar certo. (Sara)

Então eu não sou uma pessoa amedrontada, assim, de maneira geral eu sou bem de boa, eu não tenho um receio, acho Brasília uma cidade bastante segura, já morei em lugares bem perigosos. (Lília)

Eu morei em São Paulo. É, eu morei em São Paulo. E mesmo na cidade que eu cresci, assim, tinha era bem tipo tinha sequestro na porta de casa, umas paradas assim pesadas, mas assim aqui a gente, por exemplo, que eu acho horrível, a gente tem um problema sério de iluminação pública na cidade. A gente tem muitos bolsões de escuridão, que você passa e os postes estão completamente escuros. Aí você, a gente tenta evitar passar nesses lugares escuros, mas é isso assim, você naturaliza que você que tem que mudar o seu caminho para não se expor ao risco e às vezes nem indo no caminho você vai estar livre, assim. Não, eu tô assim, a única vez aconteceu uma uma coisa que foi, já foi acho que, tem bastante tempo eu tava correndo, já meio no final e aí tava, não tava escuro e tal, mas tava meio assim meio abandonado e tinha um cara né andando, andando assim. Acho o cara meio morador de rua sei lá e eu fui correndo assim, correndo, ele caminhando e eu ia ultrapassá-lo, quando eu fui ultrapassar, quando eu cheguei mais perto dele, ele virou com a cara de louco e ele tava com uma faca [...] Só que assim, eu não achei

que ele tava, eu tava correndo e eu só acelerei e corri mais e sai correndo, eu não achei que ele fosse me atacar, porque eu acho que ele estava meio doido assim, sabe quando a pessoa tá meio fora. (Lília)

Após escutar seu relato, questionei Lília sobre em qual local teria ocorrido, e ela confirmou que foi na própria Asa Norte, bairro do Plano Piloto. E ela completou sua fala afirmando que depois desse susto ela evitou, por um tempo, sair para correr sozinha. Ela também falou um pouco sobre a importância da atenção ao trânsito ao redor:

Entrevistadora: *Isso foi onde? Aqui na Asa Norte mesmo?*

Na Asa Norte, aqui na Asa Norte. Foi ali na, eu moro na 12, foi um pouco depois que eu mudei ali pra 12 assim tipo e aí depois disso eu lembro que eu fiquei um tempo não, não indo sozinha, mas aí sei lá depois né e uma coisa que eu também tento ficar bastante atenta assim, eu gosto de correr ouvindo música ou ouvindo podcast e tal. Assim, não ficar 100% sem ouvir; sabe? O que tá acontecendo em volta, porque numa dessas sei lá, né você fica distraído demais até tipo um carro, uma bicicleta sei lá sabe, então é isso assim, mas eu acho que a gente tem um problema sério de iluminação que tem que ficar infelizmente atenta assim, mas nunca me aconteceu nada (Lília)

Analisando também o relato de Sara, Sara até expressa um incômodo em não se ter muitos espaços seguros e que sejam aptos para a prática da corrida. Ela complementa dando um exemplo de uso de outros espaços que poderiam ser usados para a realização de atividades físicas:

É, então assim não não tem muitos lugares e aí eu me lembro que teve uma, a minha sogra disse que fazia corrida lá em Fortaleza na época que eles foram morar lá uns anos, e eles corriam um estacionamento do Shopping que era um shopping tão grande que eles rodeavam ali dentro, então assim o shopping trazia essa possibilidade porque ninguém ocupava o shopping naquele horário, que era de manhãzinha, né? Tudo mais e eles faziam os treinos lá, eu falei “caraca, que legal né?” Tipo é uma forma diferente de se ocupar um espaço e hoje você vê, acho que a pista da UnB abriu, só que eu não tenho não tenho noção de nada lá ainda quero parar um minuto na minha vida para ir lá conhecer. (Sara)

Entrevistadora: *Eu vi que eles inauguraram, mas até onde eu sei ele não tá aberto pro público, eu acho que era só para os atletas dali, da UnB, eu não sei se é do curso de educação física, eu não sei qual é*

Então e aí acaba que diminui né? Ali na UnB seria um ótimo espaço para se ocupar, porra uma universidade pública, né? Então assim seria legal de fazer, porque ó, por exemplo, o CEUB que é gigante, não tem uma pista de corrida aqui dentro e poderia ter, entendeu? Os clubes que a gente tem em Brasília, a maioria não tem uma pista escorrida. Então eu acho que falta assim, falta bastante, apesar do parque da cidade ser maravilhoso, é só de manhã ali, de noite eu não confio muito não. (Sara)

Já finalizando a entrevista, perguntei a elas o que elas pensam sobre as violências urbanas contra as mulheres, e aqui incluí a corrida, mas também vai além. Para analisar as respostas delas acerca do fato de estar em um corpo que se encaixa na categoria mulher e praticar um esporte na rua, fez-se necessário também escutar o que elas pensam e enxergam no geral, no seu cotidiano e não somente dentro da prática do esporte.

É eu acho que assim, o assédio é uma coisa que a gente vive muito. Então eu, por exemplo, no início da corrida gostava muito de correr com a parte de cima do biquíni. E aí passa um tempo e você já não, já não se sente mais tão confortável com isso e tal. Eu não sei, eu não sei o que se passa na cabeça, eu já vi uns memes sobre isso que fala assim, cara, a pessoa vai assobiar para você, você acha o quê que ela vai virar para você? Oi, amigo, agora eu quero ficar com você, entendeu? E realmente aquela coisa que te dá um medo mesmo da pessoa vir em você, te abordar na entrada do seu carro, qualquer coisa. Às vezes ali aqueles mocinhos que ficam lá cuidando dos carros no parque da cidade, naquele outro estacionamento ali perto do estacionamento do Parque mesmo do Ana. [...] aí, você fica com medo. Se você não der alguma coisa, eles vão arranhar seu carro, ou então vão ver que você tá sozinha, todos esses detalhes assim, eu acho que são bem complicados assim, mas apesar disso eu passei agora 10 dias em São Paulo e eu vi que em São Paulo é muito pior (Sara)

Novamente os sentimentos de medo e insegurança permeiam as questões tanto de assédio quanto de crimes de assalto. E também, de novo, São Paulo aparece como uma cidade que se apresenta quase como um parâmetro de violência e insegurança. Dessa vez, a comparação dos níveis de segurança entre Brasília e São Paulo é feita por Sara, ela não morou na cidade, mas conta que esteve visitando uns dias e se assustou como a forma de encarar a rua lá é diferente. Ela relata que foi chocante ver tantos equipamentos e sistemas de segurança e que ela não tinha se sentido tão amedrontada em outras cidades que visitou.

E eu fiquei caraca, como é que vocês vivem assim, cara? Eram muitas coisas de segurança assim, sabe? Eu fiquei bem chocada com o nível de segurança deles e aí eu falei “nossa, então eu acho que eu vivo tranquilo ainda”. [...] É, e eu fiquei, meio que acho que aqui é OK e olha que eu nunca tive medo assim de sair para correr em nenhum lugar, eu fui para Natal, sai andando, correndo beleza? E lá em São Paulo eu não tive coragem de pegar e me meter, é então, fui pra esteira na casa da minha amiga lá porque eu não tive coragem realmente de fazer isso, sabe? Em Maceió, em Salvador, eu tudo fiz isso assim de pegar meu tênis e ir pra orla ali e aí que delícia, vamos embora, mas em São Paulo eu fiquei abismada com a os contextos assim, né? Porque se você chega no lugar tá cheio de coisas de segurança, você fala é algum problema aqui tem né? História tem né? Porque a câmera não foi colocada à toa. (Sara)

E por fim, novamente Sara expôs um certo incômodo com os locais disponíveis em Brasília para correr. Ela confessou que atualmente não se vê mais saindo sozinha para praticar atividade física na rua e que, inclusive, tem optado por participar de eventos de corrida de rua

justamente por se sentir mais segura naquele ambiente e circunstância, e também porque os eventos de corrida são opções de aproveitar lugares que normalmente não estão disponíveis para a prática da corrida.

Então, é nesse sentido cara em Brasília, você não vê ali, tipo muitos locais para você correr, para você fazer as coisas ali na área da como é o nome daquele, aquele parque que tem, parque não, Água Mineral ali tipo deveria ser uma coisa que cara, vocês poderiam fazer um um ambiente, né mais de esporte, mais não sei o que e não fazem entendeu? Então assim aí você vê vários lugares, a gente já desceu eu acho que foi do Posto Colorado a gente tinha até o o negócio, mas eu fui era eu e três homens que era meu marido e dois amigos nossos, entendeu? Porque eu queria, porque queria fazer, correr por aí, então ele botava ele e mais uns amigos para fazer isso. Eu queria andar de bike, sair lá de casa para ir de bike para o aeroporto. Aí tinha que arrumar amigos dele para ir comigo porque era punk eu ir sozinha, até porque ele mesmo já foi roubado. Tipo, ele ficou sem nada. Juro. Acho que deixaram ele de meia e de roupa e sério, então assim acaba que se ele foi, imagina eu entendeu? [...] É então assim, é complicado você sair sozinho hoje para praticar uma atividade física assim, não eu não me vejo mais fazendo isso particularmente [...] É, por isso que eu gosto muito das provas de corrida, porque eu falo aqui ninguém vai mexer comigo. Gente eu já fui para Taguatinga correr cara, tipo para quê? Subir a EPTG, eu falei foda-se, nunca corri aqui, agora eu vou. Só para poder correr num ambiente diferente, entendeu? Porque em que outra hipótese eu poderia estar ali correndo? Não ia rolar, entendeu? (Sara)

Quando Lília foi questionada sobre as violências urbanas, ela também abordou a questão do assédio, de se sentir observada na rua por causa de seu corpo. Mas ela também ponderou que, por uma questão de evitar o risco e guardar energia, muitas vezes ela não enfrenta ou questiona ativamente, ela aceita a condição para chamar menos atenção ao sair, seja numa saída normal ou para correr.

Cara, eu acho, é assim sistematicamente falando, a gente tá, a gente vive numa sociedade profundamente machista, que acha que a gente não é dona dos nossos corpos, então assim se eu tô andando na rua e se eu tô correndo de shortinho na rua, assim, sim, acho que eu já devo ter ouvido umas cantadas assim, mas não é uma coisa que acontece com frequência, então não me incomoda, incomoda mais essa coisa de gente doida, sabe, tipo gente maluca, no escuro e tal, isso me incomoda. Mas assim, eu acho que a gente, a gente vai limitando a nossa experiência e a gente vai normalizando coisas que não deveriam ser normalizadas, sabe, então assim ah, eu não vou sair de tal modo porque eu vou chamar atenção. Eu já não saí só de top porque talvez eu fosse chamar a atenção e eu não queria chamar atenção, entendeu? [...] (Lília)

Então isso é ruim, sabe, isso é um exemplo da corrida, mas isso pra várias outras mil coisas, né, não só pra corrida. Eu acho que a gente acaba é isso normalizando e naturalizando certos tipos de prevenções e cuidado: um porque a gente também não quer se expor ao risco e outra porque a gente também não tem, nem energia pra ficar o tempo todo militando, o tempo todo, entendeu. Você vai viver sua vida, vai né, mas eu acho que a gente vive uma uma vida de muito menos liberdade e tranquilidade do que tipo “aí não vou por aqui, vou por ali” ou sei lá é assim né, vai sair vai voltar de um lugar à noite tipo, você não vai, eu não vou sozinha até o meu carro, eu vou ter que pedir pra alguém ir até o carro comigo ou se eu vou sozinha tem sempre alguma amiga me esperando eu dizer que eu cheguei, sabe? Só

que é isso, a gente faz isso de uma maneira até um no automático, que a gente até, se ficar sofrendo por tudo isso você fica, você não vive, né? (Lília)

Maria também abordou a questão do assédio, mas ela já faz uma comparação com alguns anos atrás. Para Maria, o assédio sempre aconteceu, mas ela enxerga hoje em dia como algo que acontece menos por conta dos riscos de virar uma polêmica, por conta de vídeos que viralizam. Ela acha que antigamente era mais comum ouvir gritos e buzinas ao percorrer pelas ruas.

Ainda sobre o tema do assédio, Maria falou da diferença do assédio ao longo dos anos e também expressou seu medo em relação à violência. Segundo ela, ao contrário do assédio, o sentimento é de que a violência aumentou, como assaltos, estupros e assassinatos. Interessante observar que, na concepção de Maria, o assédio diminuiu, mas o crime de estupro está abarcado na categoria que ela chama de violência, e que na concepção dela aumentou.

Então eu acho assim esse negócio do assédio, eu acho que sempre aconteceu. Esse negócio do assédio, eu acho que sempre aconteceu, né de você tá andando na rua e o povo, eu acho até que hoje em dia é um pouco melhor porque tudo hoje em dia vira uma polêmica, mas antigamente assim, você andava na rua todo mundo fica gritando, buzinando “gostosa”, não sei o que. Hoje em dia é diferente um pouco as pessoas não fazem tanto porque aí podem né, vai acusar de assédio, falar que tá cometendo crime

É. A violência eu já acho que aumentou, eu acho que antigamente tinha menos preocupação eu sempre morei no Lago Norte, a gente andava aquele Lago Norte inteiro, a gente não tinha medo, não tinha problema, era tranquilo hoje em dia eu acho perigoso andar sozinha na rua, à noite, eu acho que a violência aumentou eu acho que tem mais gente em condição de vulnerabilidade na rua, mais gente com mexendo com droga na rua. Então, eu acho hoje bem mais complicado, essa questão de assalto, de estupro de até mesmo de matar, né, de assassinar eu mesmo andando na rua, às vezes eu vejo o ali perto do Leonardo ali da Vinci. Nossa, quantas crianças são assaltadas ali durante o dia na luz do dia. Eu já vi, uma vez meus sobrinhos estudavam no Leonardo foram assaltados milhares de vezes descendo para casa que eles moravam aqui na 214. Aí isso a violência eu acho que piorou.

O relato das três mulheres traz o medo do assédio e até mesmo de crimes mais violentos, como o estupro, e é possível até mesmo notar como elas evitam falar a palavra, ou se sentiram mais confortáveis para falar do medo desse tipo de crime mais ao final das entrevistas. Há também o medo da violência, ao que elas, geralmente, se referem a crimes como assalto, furto, ou abordagens de pessoas em situação de vulnerabilidade na rua.

É interessante notar que esses medos se aplicam a qualquer local da cidade, seja no Plano Piloto ou em outro local que elas estejam. Nenhuma delas falou que em determinado bairro ou quadra se sente mais segura. O que passa para elas uma sensação maior de segurança são: os horários de se estar na rua, a iluminação dos espaços e a companhia. Os medos são maiores ao estarem sozinhas na rua ou em um local sem iluminação.

Para guiar essa reflexão utilizo o texto “Corpo/Cidade: uma corpografia do medo” de Marcelus Gonçalves Ferreira. Ferreira (2011) aborda a questão do medo e sua influência na transformação da arquitetura das cidades. É interessante a forma como ele discute a construção do medo de situações que as pessoas muitas vezes não viveram, relacionando com a espetacularização que as mídias fazem e como tudo isso têm influenciado na arquitetura dos espaços urbanos. Além disso, ele também pensa a partir do conceito de corpografia criado por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques.

O medo aparece com frequência no relato dessas mulheres, felizmente nenhuma delas passou por uma situação extrema de violência na rua. Lília relatou 3 encontros que a assustaram na rua, sendo um deles quando ela era adolescente ainda e foi realmente chocante. Outros dois ela já era adulta e o que ela relata é que a sensação é de que os homens não pretendiam atacá-la, segundo ela parecia que eles estavam sob efeito de alguma droga, nem estariam conscientes.

De qualquer maneira, como mulher, todas elas agradecem por nunca terem passado por situações piores do que uma buzina ou um grito na rua, por mais que esses também sejam assédios e não são legais de se vivenciar. Portanto, podemos entender que o medo delas vem a partir da realidade vivida por outras mulheres e os cuidados e anseios são uma forma de se precaver e se proteger.

Os relatos diários de mulheres que sofreram algum tipo de violência, ataque ou abuso na rua são veiculados nas mídias, e hoje em dia com as redes sociais tão presentes no cotidiano das pessoas, o consumo desse tipo de informação é ainda maior. A mídia teria um papel de espetacularização da violência e isso pode gerar duas situações, ou a banalização dos atos violentos, ao vermos com tanta frequência eles se tornam quase que irrelevantes, ou então a criação de um estado de alerta coletivo, e por isso as vivências urbanas seriam cada vez menores em prol de se ter experiências mais seguras (Ferreira, 2011).

O que Ferreira (2011) apresenta é que o sistema capitalista se aproveita desse medo coletivo e cria toda uma produção e um mercado de consumo que se baseia em proporcionar segurança e proteção. Além de gerar uma nova fonte de lucro, a criação desses ambientes de segurança também acabam por excluir e segregar determinados grupos da sociedade.

Ferreira (2011) trabalha também com o pensamento de Zygmunt Bauman acerca do medo na sociedade contemporânea. Segundo Bauman (2008, p. 8, apud Ferreira, 2011, p. 88), o medo é “o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver

além do nosso alcance”. O autor também fala que o que vivemos é o “medo-derivado”, um medo que é construído social e culturalmente.

A partir dessa ideia do medo ser fruto de uma incerteza e desconhecimento das ameaças, a reação das pessoas que são atingidas pelo medo-derivado reagem ou com agressão, ou se recuando das vivências externas, “negando o encontro direto com o mundo.” (Ferreira, 2011, p. 88). É justamente isso que vemos no relato de Sara, por exemplo, quando foi a São Paulo e se deparou com o cenário todo composto por grades e câmeras, o que já a deixou em alerta e com medo e ao invés de escolher praticar a corrida na rua, ela achou melhor nem arriscar e fazer seu treino na esteira, dentro do prédio.

Sara e Lília fizeram comparações de Brasília com outras cidades, mas ainda consideram Brasília uma cidade que as permite estar nas ruas, mesmo que tomando as medidas de precaução que as deixam mais seguras como, não sair totalmente sozinha, não estar em locais sem iluminação e em horários de maior movimento.

O que Ferreira (2011) traz é uma importante reflexão sobre a origem dos medos vivenciados nas cidades contemporâneas, e nos coloca questionando se aquele medo é válido ou se ele é produto de uma mídia e de um sistema capitalista que lucram com a espetacularização da violência. No entanto, ao escutar os relatos das mulheres aqui entrevistadas e até mesmo de tantas outras mulheres, nos questionamos se o certo seria ignorar esse medo e se colocar nas ruas apesar de tudo? Essas mulheres estão negando o encontro direto com o mundo ou estão tentando escapar de uma sina que em algum nível toda mulher vive?

De certa forma, Lília age de uma maneira similar, para não viver à mercê dos riscos e da insegurança, ela optou por simplesmente seguir orientações e caminhos que parecem evitar determinados assédios. Ela afirma que não é porque concorda, mas sim porque se ela for sempre “militar”, ela não vai viver a vida dela, vai estar sempre incomodada e irritada com isso. Portanto, como Lília e Sara falaram, elas deixaram de sair só com o top para correr, se vão sair sozinhas avisam onde estão, ou evitam sair sozinhas.

Ao que me parece é que as mulheres estão sempre tentando encontrar alternativas para estar nos espaços, as corredoras se colocam constantemente em uma dinâmica de vivenciar o encontro direto com o mundo, mas às vezes em determinadas circunstâncias escolhem se recolher em esteiras para não se preocupar tanto.

Ferreira (2011) afirma que os cidadãos se tornam encarcerados com a redução dos espaços e acessos livres, e conseqüentemente se “esquivam do convívio com o ambiente e com o novo, reduzindo e transformando seus movimentos e a relação com o próprio corpo.”

(Ferreira, 2011, p. 92). Dessa forma, poderíamos pensar a corrida de rua como uma aliada que possibilitaria a expansão dos movimentos novamente, e sendo aqui, o próprio corpo uma ferramenta para isso?

O princípio básico da corrida de rua é estar praticando o esporte na rua, a esteira, muitas vezes, aparece apenas como uma exceção e nem é tão querida assim pela maioria dos atletas que praticam o esporte. Portanto, o incentivo à prática da corrida de rua pode ser um importante passo para a alteração de como as pessoas enxergam e se relacionam com os espaços urbanos.

Ao estar praticando o esporte na rua, automaticamente nos relacionamos com aquele espaço e percebemos o espaço da rua de forma diferente. Ferreira (2011) ao explicar a construção do pensamento de Britto e Jacques, evidencia a relação da experiência da cidade com o corpo:

As autoras quando investigam a cidade como continuidade, colocam o “corpo e ambiente – natureza e cultura” funcionando em um processo dinâmico de ajustes, de afetação e contaminação constante. Assim, a experiência da cidade se inscreve no corpo e o corpo é o meio onde há o trânsito das informações. Esta grafia corporal resultante é uma corpografia urbana, a própria narrativa da cidade inscrita, de acordo com o histórico particular de cada vivência. (Ferreira, 2011, p. 92)

Ferreira (2011) conclui que o que condiciona a experiência urbana é o espaço compartilhado coletivamente. Portanto, sugiro aqui pensar a prática da corrida de rua como uma das experiências que obriga, no bom sentido, o cidadão a experimentar caminhos e cantos da cidade e também do coletivo, afinal pelo que podemos ver, a corrida também se faz no coletivo, no grupo.

Escutar os relatos das mulheres que praticam a corrida foi uma ferramenta de análise que perpassou por diversos assuntos e que nos possibilitou analisar como a mulher se coloca perante determinados obstáculos, olhar para as diferenças de contextos sociais e compreender um pouco sobre como se dá essa relação entre corpo e cidade, principalmente um corpo específico, um corpo que se encaixa na categoria mulher e vive tantas contradições ao se expressar.

5. Considerações Finais

Optar pela análise da experiência de mulheres que praticam a corrida de rua, como recorte para essa pesquisa, foi um desafio. Isso porque, os trabalhos que existem no campo de humanas, se concentram na área da antropologia, são escassos, e também são mais focados nos temas relacionados à mulheres e futebol (Pisani, 2018). De certa forma, a escassez de dados e de referenciais teóricos também se apresentou como um dado para essa pesquisa.

A partir dessa escassez, principalmente em relação à modalidade da corrida de rua, foi necessário traçar um caminho metodológico diferente. Logo, esse trabalho parte do olhar para as questões de gênero em um mundo que foi por muito tempo considerado apenas dos homens, o mundo do esporte. Antes de olhar especificamente para as mulheres na corrida, foi preciso olhar para as mulheres em diversos esportes.

Esse olhar mais abrangente possibilitou encontrar uma história de lutas políticas em todas as modalidades que nos propomos a ler. Do boxe ao vôlei, um dos esportes considerados mais “femininos”, as mulheres vivem em uma luta para serem reconhecidas como atletas, não por seus corpos, seus uniformes, mas pela performance que apresentam na prática.

Por uma questão já reforçada em Pisani (2018), claramente o futebol de mulheres foi o esporte que mais proporcionou análises, afinal é o campo em que mais se produz trabalhos acadêmicos. O futebol de mulheres vem para quebrar diversos preconceitos e abrir caminhos para as mulheres também em outros esportes. E é a partir desses trabalhos sobre o futebol que cada vez mais se tem olhado para o esporte como um campo de discussões sociais e culturais, “afinal, o esporte é um lugar bastante propício para indagar os rumos de uma cultura em transição” (Pisani, 2018, p. 146).

Saindo dessa perspectiva mais geral dos esportes, ajustamos o olhar para então analisar a trajetória das mulheres na corrida de rua, buscar o histórico da presença delas no esporte, quem foram as figuras importantes no mundo e para a realidade brasileira e qual o papel delas no que diz respeito ao espaço que as mulheres conseguiram ocupar na corrida hoje em dia.

O marco histórico escolhido para fazer a análise foi a partir da maratona dos Jogos Olímpicos de Atenas em 10 de abril de 1896 e a entrada das mulheres nessa competição oficial em 1900. Foi necessário olhar para as competições oficiais, porque foi a partir da luta das atletas profissionais para estar nessas competições, que a corrida de rua começou a ganhar

maior visibilidade entre as mulheres. Outro palco importante para a história das mulheres na corrida, foi a famosa Maratona de Boston, nos Estados Unidos. O EUA foi o país que mais teve influência no esporte da corrida de rua e foi nesse país que a brasileira Eleonora Mendonça se viu inspirada em trazer para o Brasil, os eventos de corrida de rua destinados ao público em geral, sem nenhum tipo de restrição.

Tanto no capítulo 1 quanto no 2, a interseccionalidade se apresentou com um conceito e fator fundamental para a análise dos sujeitos da pesquisa. Ao conhecer a história de algumas atletas profissionais, conhecemos também o apagamento de muitas delas. Inicialmente, gênero era o recorte mais forte dessa pesquisa, no entanto, ao longo das leituras e ao aprofundar nesse campo nos deparamos com a necessidade de discutir de forma mais abrangente questões como classe, raça e os diferentes contextos sociais em que as mulheres estão inseridas.

Por fim, no capítulo 3 fizemos a análise da trajetória de mulheres corredoras, em Brasília. Ao contrário das mulheres apresentadas anteriormente, Maria, Lília e Sara não correm profissionalmente, elas praticam a corrida de rua como uma forma de lazer, saúde e também como uma forma de se expressar. Também foi necessário seguir aprofundando não só as discussões de gênero, mas também as discussões de raça e classe dentro do movimento feminista.

A partir da escuta da trajetória dessas mulheres, foi possível fazer um diálogo com as questões de gênero e suas interseccionalidades e observar na prática como elas efetivamente acontecem. Porque, por mais que haja questões acerca das violências urbanas, os assédios e a falta de incentivo em relação à prática esportiva de mulheres, as experiências vividas por elas não são e nem poderiam ser universais. As questões de classe e raça, por mais que já sabidas e conhecidas, ditam fortemente a forma em que o preconceito chega até a mulher.

bell hooks (2015, p. 197) afirma: “Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”.” Numa forte crítica ao movimento feminista, no qual ela afirma que o movimento nos Estados Unidos adotou uma ideologia burguesa, bell hooks (2015) discute sobre como é prejudicial para o feminismo, partir do princípio de que todas as mulheres sofrem com a opressão.

Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determina até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. O sexismo, como sistema de dominação, é institucionalizado, **mas nunca determinou de forma absoluta o destino de todas as mulheres nesta sociedade.** (hooks, 2015, p. 197, grifo nosso)

Escutar Maria, Lília e Sara foi enriquecedor, colocou ainda mais em evidência a importância de um olhar sociológico crítico sobre todos os aspectos da nossa vida social. Aonde quer que estejamos, seja no trabalho, em casa ou praticando um esporte, os contextos sociais e os status de raça, gênero e classe irão se cruzar. Podemos observar, a partir dos relatos das entrevistadas, que os privilégios de cor e de classe permitem que as experiências vividas por elas não sejam tão marcadas pelos preconceitos. Como hooks (2015) aponta de forma tão crítica, não podemos considerar todas as mulheres iguais, porque elas não são.

Além dessas questões, também olhamos para a relação entre corpo e cidade. Portanto, por ser um esporte praticado, em sua grande maioria nas ruas, também foi importante escutar o que Maria, Lília e Sara pensam e como elas enxergam a relação entre ser mulher e praticar um esporte na rua. O conceito de corpografia, apresentado por Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto (2012) direcionou essa discussão, justamente porque nos leva a olhar a cidade também como um corpo e não somente um plano de fundo. A partir do momento que consideramos que há uma relação entre corpo e cidade, entendemos então que as experiências urbanas se tornam um registro no corpo, o que as autoras consideram como uma grafia da cidade vivida (Britto, Jacques 2012).

Além da contribuição à discussão sobre a interação entre o corpo e a cidade, as autoras também contribuem para pensarmos as questões de caráter social de privatização e segregação dos espaços urbanos. E em Ferreira (2011) aprofundamos esses pontos e os relacionamos com o medo. Isso porque o medo também foi um fator que apareceu de forma significativa nas falas das entrevistadas. Ao se relacionarem com o mundo externo, com as ruas e os espaços da cidade, elas sentem medo dos perigos de assédios e violências já tão corriqueiros na realidade das mulheres. O que os relatos nos mostram é que, mesmo não tendo passado por uma situação de assédio ou violência extrema, ainda assim elas têm medo e buscam formas de se proteger e evitar qualquer tipo de situação que possa colocá-las em perigo. Esses medos são construídos social e culturalmente, a mídia tem um papel importante na espetacularização deles, gerando ou a banalização ou um estado de alerta coletivo, incentivando cada vez mais a reclusão e diminuindo as vivências urbanas (Ferreira, 2011).

Porém, o ponto aqui em questão é que por mais que essas mulheres tenham inseguranças e medos, mesmo que como reflexo dessa espetacularização, elas também permanecem interagindo com a rua e encontrando formas de manter a prática da corrida de rua. Ou seja, a corrida de rua as coloca em interação direta com a rua e contribuem para suas vivências urbanas. O espaço partilhado coletivamente é o que condiciona a experiência urbana (Ferreira, 2011), portanto, sugiro a reflexão no sentido de que a corrida de rua pode ser uma

ferramenta aliada para o retorno à expansão das interações do corpo com a cidade. A corrida de rua coloca essas mulheres em uma relação direta com a cidade, além de que também é uma prática coletiva, principalmente com o crescimento dos grupos de corrida em Brasília. A corrida tem a capacidade de transformar a relação dessas mulheres com seus corpos e com o corpo da cidade, o esporte em geral, para todas as mulheres aqui apresentadas, aparece como um agente importante de luta, resistência e alívio. Dessa forma, podemos olhar para o esporte também como um fator social importante para analisar e entender as relações entre os corpos dos sujeitos sociais e o corpo da cidade.

Finalizo as considerações finais com um desabafo. Na semana em que concluo esse trabalho, elaborado por meses, me deparo com três fortes notícias que permeiam o mundo do futebol e atingem diretamente às mulheres. Primeiramente o caso do ex-jogador Daniel Alves, condenado na Espanha por estupro, segundo o caso do ex-jogador Robinho, condenado na Itália também por estupro, mas esse está no Brasil foragido da justiça italiana. Nessa semana, Daniel Alves conseguiu a liberdade provisória caso pague 1 milhão de euros à justiça espanhola. Ou seja, isso nos mostra que o estupro tem um preço e quem tem dinheiro sai praticamente impune de cometer esse crime contra mulheres. Na mesma semana, o STJ homologou a sentença feita na Itália que condenou Robinho à 9 anos de prisão por estupro e o ex-jogador foi preso em Santos, depois de 11 anos do crime. O crime aconteceu em 2013, ele foi condenado em 2017 na Itália e somente agora, em 2024 ele foi preso. Por fim, foi divulgado o resultado de um levantamento com 209 jogadoras de clubes de futebol de todo o Brasil, participantes das três divisões do Campeonato Brasileiro Feminino. Além dos relatos fortes e tristes, o levantamento apontou que 52,1% dessas jogadoras já sofreram algum tipo de assédio no futebol, seja moral ou sexual.

Seja no esporte de homens, ou no de mulheres, seja dentro ou fora do esporte, elas são foco diariamente de abusos e preconceitos que fazem do esporte um espaço de manutenção das desigualdades de gênero, classe e de raça. É de grande importância que a sociologia e a antropologia ocupem esse campo de pesquisa, onde cada vez mais as mulheres têm lutado e conseguido alcançar esses espaços que historicamente foram reservados aos homens. Assim como em outras áreas da vida social, o esporte também precisa ser um campo de pesquisa, observação e análise social. As denúncias sociais e as conquistas políticas também existem no meio esportivo, e se faz necessário que as Ciências Sociais voltem suas pesquisas para ele também.

6. Referências bibliográficas:

ADELMAN, M. **Mulheres atletas:** re-significações da corporalidade feminina. Revista Estudos Feministas, v. 11, n. 2, p. 445–465, dez. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200006>>. Acesso em: 21 out. 2023.

ALMEIDA, Caroline Soares; PISANI, Mariane da Silva. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. Labrys, études féministes. Jul./Dez. 2015.

ALVES, Elaine. Mulheres e a corrida, um breve recorte histórico. Run Fun, 05 mar. 2021. Blog. Disponível em: <<https://runfun.com.br/2021/03/05/mulheres-e-a-corrida-um-breve-recorte-historico-2/>>. Acessado em: 27 dez. 2023.

ALVES, Lara Moreira. A construção de Brasília: uma contradição entre utopia e realidade. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 1, p. 11–20, 2005. DOI: 10.20396/eha.12005.3586. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3586>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

ASSOCIATION, Boston Athletic. HISTORICAL RESULTS: 1897 - 2000*. Results. Disponível em: <<https://www.baa.org/sites/default/files/2019-07/BostonMarathonHistoricalResults.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

BBC News Brasil. **Olimpíada de Tóquio 2021:** como o sexismo se reflete no controle dos uniformes das atletas. BBC News Brasil, 27 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978154>>. Acesso em: 15 out. 2023.

BONFIM, Aira F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos:** Uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição

(1915-1941). 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, p. 7453, 16 abr. 1941. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm>. Acesso em: 8 out. 2023.

CARDOSO, B. L. C.; SAMPAIO, T. M. V.; SANTOS, D. S. dos. **DIMENSÕES SOCIOCULTURAIS DO BOXE: PERCEPÇÃO E TRAJETÓRIA DE MULHERES ATLETAS**. Movimento, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 139–154, 2015. DOI: 10.22456/1982-8918.46404. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46404>>. Acesso em: 8 out. 2023.

CARMEM de Oliveira. Federação de Atletismo do Distrito Federal - FAtDF, 05 out. 2022. Heróis de Brasília. Disponível em: <<https://www.fatdf.org.br/post/carmem-de-oliveira>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

CLARK, Bebel. **Eleonora Mendonça**: conheça a pioneira das corridas no Brasil. GloboEsporte (GE), Rio de Janeiro, 11 abr. 2012. EU ATLETA. Disponível em: <<https://ge.globo.com/eu-atleta/noticia/2012/04/eleonora-mendonca-conheca-pioneira-das-corridas-no-brasil.html>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

COMUNICAÇÃO, Assessoria de. Wanda dos Santos, atleta de vitoriosa carreira, comemora 90 anos. CBAAt - Confederação Brasileira de Atletismo, 01 jun. 2022. Notícias. Disponível em: <<https://www.cbat.org.br/Noticias/noticia.asp?news=52561>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

DAGA, Bianca. A brasileira que desafiou o Comitê Olímpico Internacional para maratona também ser prova de mulheres. ESPN, 10 ago. 2017. Notícias. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/718461_a-brasileira-que-desafiou-o-comite-olimpico-internacional-para-maratona-tambem-ser-prova-de-mulheres>. Acesso em: 08 fev. 2024.

DALLARI, Martha Maria. **Corrida de rua**: um fenômeno sociocultural contemporâneo. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.48.2009.tde-02092009-145957.

DataSenado. **Mulheres no esporte**: Pesquisa sobre equidade de gênero. DataSenado, 19 ago. 2021. Institucional. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero>>. Acesso em: 21 out. 2023.

DIEESE. Mulheres no mercado de trabalho: desafios e desigualdades constantes. São Paulo, 8 mar. 2024. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2024/mulheres2024.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2024.

EVÊNCIO, Nelson. Aumenta o número de mulheres na São Silvestre. Webrun, 06 jan. 2014. Corridas de rua. Disponível em: <<https://webrun.com.br/aumenta-o-numero-de-mulheres-na-sao-silvestre/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

FARIAS, Cláudia Maria de. **Sonhos, lutas e conquistas**: projeção e emancipação social das mulheres brasileiras nos esportes, 1932-1979. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

FERREIRA, Marcelus Gonçalves. Corpo/Cidade – uma corpografia do medo. Contemporânea Edição 18, v. 9, n. 2, 8 dez. 2011.

FONSECA, Filipe; LOREEN, Rayssa. 25 anos após parar de correr, Carmem de Oliveira alerta para machismo no esporte. Agência de Notícias CEUB, 11 mai. 2021. Esportes. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.uniceub.br/esportes/25-anos-apos-parar-de-correr-carmem-de-oliveira-alerta-para-machismo-no-esporte/>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **FEMINISMOS, MULHERES E ESPORTES: QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS SOBRE O FAZER HISTORIOGRÁFICO**. Movimento, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 173–196, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.3554. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3554>>. Acesso em: 27 out. 2023.

GUIBERTEAU, Olivier. **Gênero no esporte: a atleta que derrubou mito de que “mulheres não são capazes de disputar maratonas”**. BBC NEWS Brasil, 11 nov. 2023. BBC Sport. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgp6d3jz68o>>. Acesso em: 27 dez. 2023.

hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Revista Brasileira de Ciência Política [online]. 2015, n. 16, pp. 193-210. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>>. ISSN 0103-3352. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>. Acesso em: 14 mar. 2024.

IBGE. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica. **Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil - 3ª edição**. n.38. IBGE, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102066_informativo.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2024.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. **CORPO & CIDADE: Coimplicações em processo**. In: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, v.19, nº 1 e 2, p. 142–155, Jan-Dez/2012.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Mais que Barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid; BANDEIRA, Lourdes M.; ALMEIDA, Tânia Mara C. A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade. Revista do CEAM, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 63–81, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/10046>>. Acesso em: 8 out. 2023.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MENDONÇA, Eleonora. A PRINTER – A PIONEIRA DAS CORRIDAS DE RUA NO BRASIL. Instituto Eleonora Mendonça. A fundação da Printer. Disponível em: <<https://www.institutoeleonoramendonca.org.br/historia-da-printer>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo. Ponto Urbe [Online], 19 | 2016. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/3316>. Acesso em 10 mar. 2024.

NATALE, Dayana; BASTOS, Denise T.; REBELLO, Helena. **Melânia Luz: a vida e a morte de uma pioneira invisível.** GloboEsporte (GE), 20 nov. 2020. Olimpíadas. Disponível em: <<https://interativos.ge.globo.com/olimpiadas/materia/melania-luz-a-vida-e-a-morte-de-uma-pioneira-invisivel.ghtml>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PEREIRA, Neusa Maria. As mulheres negras no esporte brasileiro. Portal Géledes, 27 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-esporte-brasileiro/>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PISANI, Mariane da Silva; KESSLER, Cláudia Samuel. **As mulheres no Universo do Futebol brasileiro: resgatando o gênero.** Conexões. Campinas, v. 20, p. 1-16, 2022.

PISANI, Mariane da Silva. **'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo.** 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-11102018-110139.

PISANI, Mariane da Silva. **Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo.** Ponto Urbe. São Paulo, n. 14, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>>. Acesso em: 08 mar. 2024.

PISCITELLI, Adriana. RE-CRIANDO A (CATEGORIA) MULHER? Campinas, 2001.

ROLLO, Mario. Histórico da organização de corridas de rua no Brasil. Webrun, 20 mai. 2002. Corridas de rua. Disponível em: <<https://webrun.com.br/historico-da-organizacao-de-corridas-de-rua-no-brasil/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

RUBIO, Katia; VELOSO, Rafael Campos. **As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica**. *Revista USP*, n. 122, p. 49–62, 25 set. 2019.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio C. **DE ESPECTADORAS A PROTAGONISTAS - A CONQUISTA DO ESPAÇO ESPORTIVO PELAS MULHERES**. *Movimento*, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 50–56, 2007. DOI: 10.22456/1982-8918.2484. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484>>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SÁ, Juliana. **Decreto-lei que proibiu a prática do futebol feminino completa 80 anos: Atrasado por 40 anos, desenvolvimento da modalidade no país ainda sofre com falta de investimento**. *GloboEsporte (GE)*, Rio de Janeiro, 14 abr. 2021. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>>. Acesso em: 8 out. 2023.

SOUZA, Jesus. Carmem de Oliveira, nossa maior recordista. *Contra Relógio*, 11 mar. 2019. Redação. Disponível em: <<https://contrarelogio.com.br/carmem-de-oliveira-nossa-maior-recordista-2/#:~:text=A%20primeira%20brasileira%20a%20vencer>>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SWITZER, Kathrine. The Real Story - Kathrine Switzer - Marathon Woman. Disponível em: <<https://kathrineswitzer.com/1967-boston-marathon-the-real-story/>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução: Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 294 p.

WESTIN, Ricardo. Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. Agência Senado. Edição nº 103, 4 ago. 2023. Esporte. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao#:~:text=Por%20mais%20de%2040%20anos,as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20de%20sua%20natureza%E2%80%9D>>. Acesso em: 8 out. 2023.

7. ANEXOS

Roteiro de entrevista semi-estruturada aplicada às 3 mulheres da pesquisa.

Perfil

- 1) Qual sua idade? (ou ano de nascimento?)
- 2) Você é formada? Qual sua área de formação e de atuação?
- 3) Qual sua cor (raça)? Como se identifica racialmente?
- 4) Atualmente você trabalha?
- 5) Qual sua renda mensal?
 - a) Nenhuma renda.
 - b) Até 1 salário mínimo (até R\$1.320,00).
 - c) De 1 a 3 salários mínimos (de R\$1.320,00 até R\$3.960,00).
 - d) De 3 a 6 salários mínimos (de R\$3.960,00 até R\$7.920,00).
 - e) De 6 a 9 salários mínimos (de R\$7.920,00 até R\$11.880,00).
 - f) De 9 a 12 salários mínimos (de R\$11.880,00 até R\$15.840,00).
 - g) De 12 a 15 salários mínimos (de R\$15.840,00 até R\$19.800,00).
 - h) Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$19.800,00).
- 6) Em qual bairro você mora?
- 7) Onde você nasceu?
- 8) Você frequenta ou frequentou alguma religião? Qual?
- 9) Qual seu estado civil?
- 10) Como você define sua sexualidade?
- 11) Você tem filhos?
- 12) Descreva um pouco seu contexto familiar

Sobre a prática da corrida

- 13) Quando criança, você fez algum esporte ou foi incentivada pela família?
- 14) Como você iniciou na corrida? Me conta um pouco da sua trajetória até os dias atuais
- 15) Onde você realiza seus treinos de corrida?
- 16) Como você encaixa seus treinos na sua rotina?
- 17) Você corre sozinha?
- 18) Qual a importância da corrida para você?
- 19) Como mulher, você enxerga obstáculos para a prática do esporte? Fale um pouco sobre como você vê essa questão.

- 20) Na sua família tem mais alguém que corre?
- 21) Você tem alguém que te inspira quando está falando sobre mulheres na corrida?
- 22) O que pensa sobre as mulheres na corrida

Relação entre corrida e espaço urbano

- 23) Qual a sensação de estar na rua?
- 24) Fale um pouco sobre como se sente praticando uma atividade física na rua?
- 25) Como você pensa as violências urbanas contra as mulheres?